



ATLAS DA VIOLÊNCIA

Paraíba tem redução de 17,1% nas ocorrências de homicídios

Estudo aponta que diminuição dos índices está relacionada a ações integradas de segurança pública. **Página 7**

Foto: Roberto Guedes



Vida sob a lona: desafios e conquistas do mundo do circo

Meios tecnológicos, como a internet, têm afastado o público das bilheteiras, mesmo assim os artistas mantêm o sorriso e inovam para conquistar novas plateias. **Página 5**

Foto: Valdivia Costa



O avanço do Semiárido na PB

Estado é, proporcionalmente, o mais afetado pelo processo de desertificação do território.

Página 20

■ “E aquela fraqueza e algidez do meu ser entra a melodiar, sem resistência, no crepúsculo encantado daquela primeira e imorredoura experiência com Strauss”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “O ato de presentear cria reciprocidade e gratidão e os papéis de credor e devedor. Creio que parte do prestígio dos chefes das máfias italianas também provém daí”.

Estevam Dedalus

Página 10

Foto: Edson Matos



Memórias José da Penha: do jornal A União à advocacia

A vida profissional de José da Penha começou em A União, onde colecionou momentos curiosos e até hilários trabalhando na oficina, redação e tesouraria, até seguir carreira como advogado.

Páginas 14 e 15

Maratona de games será realizada em Baía da Traição

O Monhang Game Jam, promovido pelo Governo do Estado, ocorrerá durante o Acampamento Inclusivo.

Página 19

Câmara de JP quer acelerar os debates sobre o Plano Diretor

Atual código tem 20 anos e foi revisado em 2009. Nova proposta chegou à CMJP em dezembro de 2022.

Página 13

Encomendas de alimentos crescem no Natal

Empreendedores comemoram o aumento da procura por itens prontos para a tradicional ceia natalina.

Página 17



Foto: Divulgação/Raissa Rodrigues

Praticantes de vários esportes “invadem” a orla

Muitos aproveitam o belo cenário ao ar livre para exercitar o corpo e a mente em busca de saúde e bem-estar.

Páginas 21 e 22



Editorial

A Ponte do Futuro

Quem observa no próprio lugar ou vê imagens digitais ou analógicas da área onde se dá o encontro do Rio Paraíba com o oceano Atlântico, certamente fica a imaginar em que ponto e por quais meios será construída a ponte que interligará os municípios de Cabedelo, Santa Rita e Lucena. Entende-se que se trata de obra crucial para o sucesso estruturante do complexo rodoviário que dará vida nova aos três municípios paraibanos.

Interligados por modernos meios de acesso, Cabedelo, Santa Rita e Lucena terão solucionados graves problemas, relacionados à crise da mobilidade urbana e à necessidade de impulsionar, para mais adiante ainda, o desenvolvimento econômico da Paraíba. Por um lado, serão reduzidos os congestionamentos de veículos, e por outro, aprimora-se a logística de entrada e saída de bens e serviços pelo Porto de Cabedelo.

Tudo bem, tudo ótimo. Mas, e a ponte? A via de concreto e aço, entre outros fortes e modernos componentes, que fará Cabedelo, Santa Rita e Lucena, na Região Metropolitana de João Pessoa, caminharem, agora mais do que nunca, de mãos dadas, rumo a um futuro que ora se delineia ainda mais promissor? De que jeito irá se materializar essa obra que impressiona tanto, mesmo sendo apenas expectativa, projeções do imaginário?

O mistério será esclarecido, nesta segunda-feira, às 10h, no Teatro Paulo Pontes do Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, ocasião em que o governador João Azevêdo irá autorizar a licitação para construção daquela que está sendo chamada de Ponte do Futuro. Não foi uma promessa de campanha, mas outro sonho que se materializa por conta da reconhecida vontade do gestor de fazer o que é bom para a Paraíba.

A Ponte do Futuro representa um investimento de nada menos que meio bilhão de reais. De acordo com fontes oficiais, sua construção, entre outros benefícios, irá desfazer gargalos logísticos e fomentar o trade turístico no Litoral Norte. Vale lembrar que, hoje, o tráfego de veículos pesados, especialmente os ligados ao transporte de cargas do Porto de Cabedelo, causa sérios transtornos na Região Metropolitana de João Pessoa.

Que chegue logo a ponte, e vão embora, também o mais rapidamente possível, os congestionamentos, os acidentes de trânsito e a poluição ambiental, consequências diretas e imediatas das deficiências estruturantes relacionadas ao tráfego de veículos. O porvir chegará mais rápido à Paraíba pela ponte Cabedelo-Lucena, trazendo na bagagem mais qualidade de vida, principalmente para quem mora na região.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Órfãos da Covid-19

Até setembro deste ano a plataforma Coronavirus Brasil contabilizava 705 mil mortos pela pandemia em nosso país. É claro que essas perdas ocasionaram muita orfandade. Estima-se que em torno de 113 mil brasileiros ficaram órfãos por conta da pandemia da Covid-19, dentre eles cerca de 40 mil crianças e adolescentes. Pelo menos é o que está registrado no relatório do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e do Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH), baseados em estudo realizado pela Escola de Saúde Global de Harvard.

Não há como ignorar que o negacionismo e a hesitação vacinal concorreram para que fossem alcançados números tão inaceitáveis. Mas esse quantitativo pode ser ainda maior se considerarmos a subnotificação dos casos e a negligência governamental, em âmbito federal, na gestão da pandemia. Foi um evento traumático que produziu grande abalo social, cujas consequências ainda estamos tentando administrar. O tempo de luto demora bastante para ser vencido.

Crianças órfãs de pais e/ou mães experimentaram, de repente, uma infância de desamparo, por conta da falta do provedor(a) da casa e de oportunidades sócio-econômicas, ficando sob a guarda de familiares próximos ou tutela do Estado. As expectativas quanto ao futuro de cada uma delas foram alteradas. Uma geração que passou a enfrentar a vida sem a presença da figura paterna ou materna, e em alguns casos com a ausência dos dois.

Todos nós conhecemos de perto algumas dessas histórias dolorosas e ficamos sem saber como ajudar essas crianças. Sequer puderam, na sua maioria, vivenciar os rituais de despedida. O que fazer para diminuir os sentimentos de insegurança, medo e de angústia que, abruptamente, vieram à tona?

Ao Estado cabe a responsabilidade de executar programas de apoio a esses órfãos quando não existe mais a família natural. Esse quadro é agravado pelas imposições das desigualdades sociais

e econômicas, expondo-as a maiores privações, porque mesmo havendo dispositivos constitucionais a tratamentos normativos diferenciados e políticas públicas adequadas, sabemos que nem sempre essas crianças recebem assistência em condições ideais. Até porque os mais afetados por essas circunstâncias moram nas periferias das grandes cidades. No entanto, isso não pode ser responsabilidade exclusiva do poder público, a sociedade civil organizada tem que contribuir com a definição de políticas públicas para a orfandade, oferecendo suporte psicossocial que garantam as condições mínimas de continuidade da vida.

A devastação familiar provocada pelo coronavírus merece tratamentos normativos e políticas sociais compatíveis com o problema criado. São nas tragédias sociais que mais se exigem novas formulações e implementações de políticas públicas em favor das crianças que se encontrem em condições de hipervulnerabilidade, mais afetadas pela pobreza. Esses órfãos passaram a ser filhos do Estado. Ao se tornarem órfãos de pais, que não sejam órfãos do Estado.

“

Não há como ignorar que o negacionismo e a hesitação vacinal concorreram para que fossem alcançados números tão inaceitáveis

Rui Leitão

Foto Legenda

Evandro Pereira



Natureza em equilíbrio

Gonzaga Rodrigues Ouvindo de memória

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Não aprendi música. Nem realejo toquei, mas como devo a suas aparições nalguns momentos em que de mim próprio senti-me abandonado!

Entrara para um longo internamento no sanatório, justamente quando começava a me firmar, casava, e lá surgem uns arranhões no raio-x forçando-me a deixar mulher e dois filhos à minha espera, confiado na cura, na propalada força da streptomicina e, mais que tudo, no benéfico rigor do tratamento no primitivo Clementino Fraga. Um dos médicos fora antigo colega da Casa do Estudante, leu a radiografia de costas para mim, e falou ao virar-se, com os olhos do coração: “Você não pode ficar em casa com mulher e filhos pequenos. Tem de ser internado. Cuido disso hoje.” E me vendo desabado: “Mas é VT, virgem de tratamento, em três ou quatro meses cai fora”. E me firmei nessa crença convivendo com oitenta vizinhos de enfermaria para os quais a doença, em sua maioria, era uma fêria na luta sem trégua pela subsistência.

Como sou dado à amizade, isto me ajudou em consideração e privilégios. Viam chegar-me os jornais (A União e O Norte), apressavam-se em trazê-los da portaria, e dois ou três ficavam ao redor de mim a acerar a leitura.

Havia uma cafua entre aroeiros lá fora e enquanto não chegava a hora do jantar inventei de riscar no chão, para os três ou quatro que me assediavam, a carta do ABC. Peguei-me na fonética de cada letra. Tá vendo isso aqui? Isso é um A. E saímos juntando. O báculo impedia que fosse diferente. De risco em risco, identificado o som das letras, da boca deles foram surgindo as palavras. Não será sem motivo que a antiga alfabetização rural, quando havia, era cantada: b com a,be-a-bá.

Estava nessa, lendo os livros que nunca findam e que o trabalho e a dispersão ajudavam a fechar, sem esperar jamais que entre os traumas da doença estava o da hemoptise.

E veio. Um primeiro aviso apenas, logo atenuado pela pronta enfermagem e o hemostático. Mas senti a vida esvaír inteira primeiro que o sangue. Toda ela, subitamente, em corpo e espírito. As mãos retesadas, o suor de morte, eu todo trêmulo. Vem Terezinha ou

“

De risco em risco, identificado o som das letras, da boca deles foram surgindo as palavras

Gonzaga Rodrigues

Mercês, não lembro agora qual, e me põe na boca um tranquilizante. Engasgo-me com a água temendo o sufoco, a asfixia. E enquanto me sentia entregue, já deitado, o travesseiro alto, ouço ressoar por cima da enfermaria vizinha, separada por meia parede, a valsa da amplificadora de Alagoa Nova, os Contos dos Bosques de Viena. E aquela fraqueza e algidez do meu ser entra a melodiar, sem resistência, no crepúsculo encantado daquela primeira e imorredoura experiência com Strauss.

Oito ou dez anos depois é que nos dão o nome daquela sensação venturosa do menino, quando, deitados no chão da API, eu e Giovanni Montenegro - confrade musical ainda hoje com seu lugar aberto - lisos, sem um toco de cigarro, ouvimos a valsa célebre na discoteca organizada por Carlos Romero. Eu, Romero, a valsa, Strauss, tudo de Alagoa Nova.

Burity queria morrer ouvindo a Mis- sa de Mozart.

Toco no assunto ao tentar ler a “Pegada digital” de José Maria Mendes, eu sem qualquer noção das palavras-chaves de seu comentário endereçado a André Cananéa. Hoje usurpado dos meus antigos suportes musicais e da própria língua em que pude saber um pouco da vida, para agravar, ainda me vem a mouquice.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762



Foto: Evandro Pereira

Centro integra as Polícias Civil e Militar, o Corpo de Bombeiros e o Departamento Estadual de Trânsito para garantir a segurança do Estado

SEGURANÇA PÚBLICA

CICC atua com tecnologia de ponta para combater crimes

Centro funciona em tempo integral na prevenção e elucidação de delitos

Julio Silva
julioviniciuss@gmail.com

Desde agosto deste ano, os agentes do Centro Integrado de Comando e Controle (CICC) de João Pessoa já atenderam aproximadamente 48 mil ligações de toda a Região Metropolitana da Capital. Destas, 85% foram para solicitar atendimento da Polícia Militar, pelo número 190. O equipamento, localizado no bairro de Mangabeira, funciona 24 horas por dia, sete dias por semana, e tem atualmente 60 agentes por turno de 12 horas e tem

colaborado diretamente na prevenção e elucidação de crimes, nas palavras do secretário de Segurança do Estado, Jean Nunes. De acordo com o coordenador-geral do CICC, coronel Júlio César, a Secretaria de Estado da Segurança e Defesa Social (SESDS) ainda está fazendo um levantamento sobre a diminuição de tempo de atendimento das ocorrências após o início do funcionamento do Centro. “Estamos com um estudo em andamento, pois o Centro foi inaugurado em agosto deste ano, mas já constatamos que

com o aporte tecnológico e de pessoal houve uma melhoria substancial no tempo de resposta das demandas”, explica. “Os Centros representam para nós do sistema de segurança pública uma estrutura de gestão, pois nos possibilita acompanhar em tempo real o desempenho das forças de segurança e assim com a análise criminal e a estatística planejar estrategicamente a política de segurança pública de forma eficiente”, complementa Júlio César. O Centro integra as Polícias Civil e Militar, o Corpo

de Bombeiros e o Departamento Estadual de Trânsito (Detran). Outros órgãos que também fazem parte do plano de segurança são a Secretaria da Administração Penitenciária (Seap), Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz), Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob-JP) e Guarda Civil Metropolitana. Agentes da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e Polícia Federal (PF) ainda serão integrados ao sistema de vigilância, segundo a Secretaria de Estado da Segurança e Defesa Social (SESDS).

Resposta mais rápida para a população

Os Centros Integrados de Comando e Controle recebem imagens de 1,2 mil câmeras já instaladas por todo o estado. Algumas dessas câmeras possuem reconhecimento facial, que permite localizar foragidos da Justiça ou pessoas desaparecidas. Outras têm o recurso de leituras de placas (LPR), útil para identificar veículos que tenham sido roubados ou furtados. A lista de equipamentos também conta com as câmeras SpeedDome, que oferece captura de imagens de alta qualidade, com movimentos verticais e horizontais, além de zoom ótico com ampliação em até 25 vezes. Já a ferramenta que permite a integração entre os Centros é o Sistema de Cadastro de Ocorrências, que controla toda a atividade operacional, administração e despacho de ocorrências, incluindo o acompanhamento em tempo real das viaturas em serviço. Os CICC também são integrados ao Sistema de Procedimento Policial (SDP), Sistema Lince, Sistema Córtex, Infopen (Bancos de Dados Estadual), UE Brasil (monitoramento de tornozelados), e o Programa Hikcentral Professional, permitindo uma resposta mais rápida para a população e instituições públicas e privadas. Segundo o secretário de Segurança do Estado, Jean Nunes, o uso da tecnologia tem ajudado na elucidação e prevenção de crimes. “Com a tecnologia, a gente pode antecipar o encaminhamento de viatura, uma abordagem a partir de uma visuali-



Foto: Secom-PB

Centros de Comando e Controle recebem imagens de 1,2 mil câmeras instaladas por todo o Estado

zação, o índice de elucidação na Polícia Civil aumentou muito, porque com as câmeras se consegue ter uma gama de informações que ajudam a resolver vários crimes, no estado inteiro. A parte investigativa tem sido muito fortalecida e beneficiada pelo sistema”, diz o secretário. Para atender às demandas geradas nos CICC, as Polícias Militar e Civil terão o reforço de pelo menos 2,5 mil agentes após os respectivos concursos das forças de segurança. **Sistema será ampliado** O secretário de Segurança do Estado, Jean Nunes, afirmou que já existem planos para a instalação de mais câmeras no sistema de monitoramento que cobre todo o estado. “O projeto inicial prevê 1.600 câmeras (1.200 já foram instaladas) e já temos a expectativa de aumentar mais 150

câmeras. Também há a possibilidade de cooperação entre o estado e os municípios que já têm câmeras, como João Pessoa, para que possamos ter acesso às câmeras deles. Isso faz com que a gente multiplique a quantidade de pontos de observação”, disse. Também existem planos para a construção de mais dois CICC no estado, antecipa Jean. “A ideia é que cada região integrada de segurança pública tenha um Centro Integrado. A perspectiva que vamos apresentar ao governador é a construção de um novo centro em uma área integrada na região de Guarabira e outro na área que ainda será criada e está em fase de estudos”. O secretário explica que a criação dessa nova área será condicionada ao índice de criminalidade, porém, afirma que o local escolhido pode ser alguma cidade do Alto Sertão paraibano.

Equipamento era ‘sonho antigo’ O CICC de João Pessoa foi o terceiro equipamento do tipo inaugurado na Paraíba - os centros de Campina Grande e Patos foram inaugurados em outubro de 2022 e junho deste ano, respectivamente. De acordo com a SESDS, o investimento do Executivo estadual nos três Centros, até agora foi de R\$ 150 milhões, sendo R\$ 40 milhões na parte de estrutura e R\$ 110 milhões na parte de tecnologia. Os planos para a instalação do aparato de segurança, porém, são bem anteriores: em 2015, o Governo do Estado já estudava a implantação, tendo se reunido com a equipe técnica da Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), do Ministério da Justiça, em setembro daquele ano.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

EM JP: VEREADOR NÃO ACREDITA EM CONSENSO E PT DEVE FAZER PRÉVIA PARA DEFINIR CANDIDATURA

Com três nomes na disputa pela indicação de uma possível pré-candidatura a prefeito de João Pessoa – Luciano Cartaxo, Cida Ramos e Estela Bezerra –, o PT parece que não chegará a um consenso interno nesse particular, o que obrigará o partido, à luz das suas resoluções, a fazer essa definição por meio de uma prévia. Contudo, afirma o vereador Marcos Henriques (foto), a legenda tem até o próximo dia 15 para tentar construir a consensualidade sobre essa demanda. Ele, porém, não acredita que isso será possível. “Temos até o dia 15 para tentar construir dois terços para que não ocorra essa eleição interna. Como acho que não vai ter dois terços, a gente vai realizar a prévia no dia 21 [de janeiro]”, disse, em entrevista a uma rádio. No dia 15, os três pré-candidatos estarão frente a frente para debater entre eles e tentar construir o entendimento. Porém, ao menos em relação a Cida Ramos e Luciano Cartaxo, nenhum dos dois mostra a intenção de recuar. Ou seja: vão apostar no convencimento dos filiados para, enfim, vencer a fatura.



Foto: CMJP/Reprodução

FICARÁ NA BASE GOVERNISTA

E o deputado estadual Júnior Araújo (PSB) descartou a possibilidade de deixar a base governista na ALPB devido ao apoio do governador João Azevêdo à pré-candidatura do também deputado Chico Mendes a prefeito de Cajazeiras – é que ele fez uma aliança com Zé Aldemir (PP) e deverá indicar o nome da vice – sua esposa, Ana Emília – na chapa do prefeito.

UM APOIO NATURAL

“É natural o apoio do governador ao candidato do seu partido”, disse Júnior Araújo em entrevista a uma rádio de Cajazeiras, “Se o meu nome estivesse à disposição do partido socialista [como é o caso de Chico Mendes], sigla à qual eu pertenço, esperaria a mesma atitude”, argumentou. E cravou: “Não há motivos para deixar a base. Minha relação com a base governista continua a mesma. A disputa é totalmente local”.

“POLÍTICO JOVEM, MAS HÁBIL”

Do deputado federal Hugo Motta (Republicanos), afirmando que o vice-governador Lucas Ribeiro (PP) tem competência para assumir o governo na hipótese de o governador João Azevêdo ser candidato a senador em 2026: “Lucas é um político jovem, mas hábil. Assumindo, sei que tem condições de dar continuidade ao projeto do governador João Azevêdo”.

NA PRÓXIMA SEMANA

“Tecnicamente, o que a gente vai ver é o que pode ser suprimido no texto sem que isso comprometa a reforma”. Do deputado Aguinaldo Ribeiro (PP), relator da reforma tributária na Câmara dos Deputados, referindo-se a pontos da proposta aprovados pelo Senado que deverão ser alterados. Citando fala do presidente Arthur Lira (PP), ele disse que o texto deverá ser votado nesta próxima semana.

PONTOS DE DIVERGÊNCIA

Um dos pontos que poderá ser modificado na reforma tributária, aponta Aguinaldo Ribeiro, é a prorrogação de incentivos fiscais para o setor automotivo no Nordeste, Norte e Centro-Oeste até 2032. É que essa proposta havia sido rejeitada pela Câmara, mas foi aprovada pelo Senado. Mudanças no comitê de estados e municípios que vai gerir o Imposto sobre Bens e Serviços também é outro ponto divergente.

ASSUNÇÃO DE AIRTON PIRES À ALPB DEVERÁ TER REPERCUSSÃO EM 2024

Nesta próxima semana, o deputado Gilbertinho (União Brasil) irá protocolar licença de 120 dias na ALPB, dando lugar a suplente Aírton Pires. Esse movimento foi articulado em comum acordo com o governador João Azevêdo e vai mais além do que um simples rodízio na legenda: deverá ter repercussão na eleição municipal de 2024, uma vez que projeta a liderança de Aírton Pires, ex-prefeito de São João do Rio do Peixe, município onde a deputada Dra. Paula (PP) se coloca como pré-candidata a prefeita. O grupo governista dá a senha de que terá outra opção no município.

Thiago Robson

Presidente do Conselho da Comunidade

“Queremos diminuir o preconceito contra os familiares dos apenados”



Foto: Divulgação

Presidente do Conselho defende a parceria com órgãos para garantir a ressocialização de apenados do sistema na PB

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Criado em 1984 com a promulgação da Lei de Execução Penal, o Conselho da Comunidade é um órgão de extrema importância, enquanto representante da comunidade, na implementação de políticas públicas em defesa dos direitos de reeducandos na reinserção social. No estado da Paraíba, o Conselho de João Pessoa é o mais antigo, tendo sido criado em julho de 2021. Policial penal há 15 anos e com especialização em Cibersegurança, Direito Digital e Segurança de Dados, Thiago Robson preside o Conselho da Comunidade de João Pessoa desde 2020, e conta em entrevista ao Jornal **A União**, algumas das ações realizadas pelo Conselho nos centros de detenção da capital e os preparativos para o casamento comunitário e a importância dessa ação para reinserção social dos apenados e reeducandos paraibanos.

Entrevista

■ O que é o Conselho da Comunidade? Quando foi criado? Qual o seu principal objetivo?

O Conselho da Comunidade é um órgão previsto no Art. 80 da Lei de Execução Penal (LEP), formado por cidadãos de notória idoneidade moral e reputação ilibada, que atuam de forma voluntária, com o principal objetivo de auxiliar o Estado na execução da pena e na reintegração social dos apenados.

Ele foi criado em 1984 com a promulgação da Lei de Execução Penal e é um órgão de extrema importância para o sistema prisional, pois atua como um elo entre a sociedade e o Estado, contribuindo para a humanização do sistema e para a reinserção dos condenados na sociedade.

A Lei Federal nº 7.210/84 diz que em cada município deveria existir um conselho. Justamente porque ele vai fomentar esses projetos. A ideia é descentralizar para que não fique apenas nas costas do Estado esse desenvolvimento de projetos e, enfim, de inclusão social. Que cada município tenha um Conselho que pense também sobre essas temáticas

■ O Conselho auxilia o Estado na Execução da Pena e na reintegração dos apenados. O senhor poderia citar alguns exemplos dessas atribuições?

O Conselho atua construindo articulações com as mais diversas instituições objetivando fomentar projetos. Por exemplo, o Conselho construiu parceria com o Instituto Viva Cidadania e houve a aquisição de uma máquina de sandálias, que foi doada para a Penitenciária Silvio Porto. Em outra ocasião, o Conselho articulou com o Sesc Mulher e conseguiu a realização de exames preventivos de colo de útero. Em outra situação, o Conselho articulou com o Programa do Artesanato Paraibano e obteve êxito na emissão de quatro carteiras de artesãos de reeducandas do Presídio Feminino Júlia Maranhão. Enfim, o Conselho atua no jurídico, no fomento ao trabalho, no estímulo à saúde, dentre outras atuações.

■ O Conselho das Comunidades

faz parte da Comissão que realizou o casamento comunitário dos reeducandos. Como foi essa articulação? Quais unidades prisionais serão contempladas? Quais os critérios para escolha dos reeducandos?

A articulação para essa ação foi feita entre o Conselho da Comunidade de João Pessoa, a Secretaria de Estado da Administração Penitenciária/Seap e o Tribunal de Justiça da Paraíba. A ação irá contemplar duas unidades prisionais.

Esta ação surgiu a partir da provocação dos familiares dos reeducandos, quando nos perguntaram se seria possível a organização de tal cerimônia. A contar deste momento, começamos uma jornada rumo à cidadania de todos os envolvidos, pois é do conhecimento de todos que grande parte dos apenados no Brasil não possuem documentação básica. E unindo esforços com o Programa Cidadão da SEDH/PB conseguimos avan-

“
Para 2024 o nosso foco vai ser as campanhas ou projetos para diminuir o preconceito contra familiares dos apenados

çar nestes passos iniciais, e após este momento, outras instituições somaram conosco e chegamos ao ponto atual. Costumo dizer que o segredo para políticas efetivas é a união entre instituições, pois agindo isoladamente, a ressocialização jamais será alcançada.

Dentre as inúmeras instituições que nos auxiliaram posso citar a Vara de Execução Penal de João Pessoa, a Corregedoria Geral de Justiça, a Associação dos notários e registradores da Paraíba/Anoreg, Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais/Arpen e o 1º Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de João Pessoa.

■ Na sua opinião, o que representa essa ação para a ressocialização dos apenados na Paraíba?

Essa ação representa o mais importante passo para a ressocialização dos apenados no nosso Estado. O casamento é um momento ímpar de fortalecimento dos vínculos familiares e celebração da vida. Ao permitir que os reeducandos se casem, o Poder Público está reconhecendo sua dignidade e seu direito de construir uma vida digna.

■ Que relação é possível fazer entre o casamento e o processo de ressocialização no Sistema Prisional?

O casamento também pode contribuir para a redução da reincidência criminal. Estudos mostram que quanto maior o suporte na assistência ao reeducando eles têm menor probabilidade de reincidir. Além do mais, os familiares, infelizmente, sofrem muitos preconceitos, e esta visibilidade terá resultados positivos à medida que a sociedade compreenda que a pena imputada pelo Estado jamais poderá ultrapassar o infrator e alcançar seus familiares. Este suporte social deve ajudar o apenado e seus familiares na superação dos desafios da reintegração social.

■ O senhor pode falar um pouco mais sobre Lei Estadual nº 11.449/2019?

Ela surge como uma tentativa de tornar visível o familiar, pois se ao menos durante uma semana anualmente pudermos construir políticas públicas que beneficiem os familiares. Será um grande avanço, pois, de modo geral, os familiares sofrem os sabores da pena imposta ao seu parente, ao ponto de sofrerem muito preconceito pelo simples fato ter um parente encarcerado. A cada ano que passa, a lei se torna mais efetiva, pois momentos como este traz à tona os anseios dos familiares, que merecem e necessitam de muitas políticas públicas.

■ Uma das ações do Conselho da Comunidade é o apoio à reinserção no mercado de trabalho. Como funciona esse processo?

O Conselho da Comunidade pactua junto ao Sine-PB, e outras instituições para oferta de vagas aos familiares em ações itinerantes na área externa das unidades prisionais.

Outras ações semelhantes são os cursos de capacitação que ocorrem para os apenados nas

unidades. Estimulando o aprendizado de novas habilidades e consequente possibilidade de inserção no mercado de trabalho.

Um exemplo recente foi a obtenção das carteiras de artesãos para as reeducandas, possibilitando que após o cumprimento de pena elas possam participar de feiras e eventos com a exposição de seus produtos com isenção de ICMS (um dos benefícios da carteira do artesão).

■ Sobre os apenados que trabalham, uma dúvida comum diz respeito ao salário. Esses apenados recebem pelo trabalho, ou o valor é encaminhado

“
O casamento também pode contribuir para a redução da reincidência criminal das pessoas que estão no sistema prisional

para a família?

O artigo 29 da Lei de Execução Penal preconiza que o trabalho do preso será remunerado, mediante prévia tabela, não podendo ser inferior a 3/4 (três quartos) do salário mínimo. Importante esclarecer que o produto da remuneração pelo trabalho deverá atender à indenização dos danos causados pelo crime, desde que determinados judicialmente e não reparados por outros meios; à assistência à família; a pequenas despesas pessoais; ao ressarcimento ao Estado das despesas realizadas com a manutenção do condenado, em proporção a ser fixada e sem prejuízo da destinação prevista nas letras anteriores. E sim, existe previsão legal para que do salário do apenado possa beneficiar o familiar.

■ Qual o balanço das atividades do Conselho da Comunidade em João Pessoa? E quais as expectativas para 2024?

O Conselho da Comunidade vem desenvolvendo diversas ações voltadas à ressocialização dos apenados, como acompanhamento jurídico e social dos apenados; promoção de atividades educativas e culturais; apoio à reinserção no mercado de trabalho; fomento à obtenção da documentação básica do reeducando. O balanço das ações do Con-

selho da Comunidade em 2023 é positivo. Conseguimos contribuir para a melhoria da qualidade da assistência prestada aos presos e familiares, o que resulta no aumento das chances de reinserção social.

■ E quais as expectativas para 2024?

O foco do Conselho para 2024 é a atração massiva de instituições para o sistema prisional. Queremos diminuir o hiato existente e gostaríamos de aumentar exponencialmente as interações e consequentemente, a diminuição dos estigmas e ampliação das parcerias que resultarão em diminuição da reincidência criminal.

Em 2023, tivemos as focadas na emissão de documentação básica e no projeto do casamento. Para 2024, o nosso foco vai ser em campanhas ou projetos que possam diminuir os preconceitos sobre os familiares dos apenados.

■ É possível fazer um panorama do atual sistema prisional na Paraíba?

O sistema prisional da Paraíba é marcado por evoluções constantes, desde a nomeação dos policiais penais em 2009, mediante concurso público, têm se visto diversas mudanças de paradigmas no sistema prisional, apesar da questão da superlotação, que é um problema estrutural.

■ Que avanços o senhor pode citar dentro desse contexto do Sistema Penitenciário da Paraíba?

Mesmo com essas questões, o sistema prisional da Paraíba tem feito diversos avanços nos últimos anos. Alguns exemplos são: Lei Estadual nº 11.449/2019, que institui a Semana de Assistência aos Familiares dos Privados de Liberdade; a exibição de direitos e deveres dos familiares em uma guia intitulada “Guia do Visitante” no site do Governo do Estado; a parceria com o Prima - Programa de Inclusão Através da Música e das Artes, que irá proporcionar aulas gratuitas de instrumentos musicais para 230 filhos de reeducandos; o próprio casamento coletivo; instalação de máquina capaz de confeccionar fraldas, sandálias e vassouras nas unidades prisionais; emissão da Carteira de Artesão para reeducandos; capacitação de servidores.

■ Na sua opinião, quais os principais entraves para que ex-apenados se reintegram à sociedade?

O principal entrave é a superlotação nas penitenciárias, pois, por mais que consigamos parcerias para cursos EAD, a quantidade gigantesca de presos impossibilita que num curto espaço de tempo todos possam usufruir dos cursos, ou seja, devido à superlotação todos os serviços ofertados demoram a alcançar a população prisional como um todo.



A cada cidade, renova a expectativa de casa cheia, mas atrair a atenção do espectador não tem sido tarefa fácil

VIDA SOB LONA

Luta diária para manter viva a tradição circense

Artistas mantêm o sorriso no rosto, enquanto driblam dificuldade financeira

Julio Silva
julioviniciuss@gmail.com

“Diz o poeta /O artista vai onde o povo está”. Esta música da dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó diz muito do que é a vida de quem vive do circo. Trata-se de uma jornada cheia de arte, alegria e encanto, mas também de desafios. Uma vida de luta pela

sobrevivência indo de cidade em cidade, de ter que fazer o público sorrir ao mesmo tempo em que se vive grandes dificuldades. Rodrigo Soares da Silva é da quinta geração de uma família que vive de circo. Nasceu em João Pessoa, mas saiu da terra natal com cinco anos de idade para ficar viajando com diversos circos pelo Bra-

sil. Há quatro anos, é um dos donos do Circo Amazonas, que está está armado no bairro de Mangabeira. Ele explica que os próximos destinos deles são determinados pelo interesse do público. “A gente vai para uma cidade no intuito de passar o máximo de tempo para descansar, por conta da montagem. Se não der muito legal,

ficamos só uns quatro dias. Se for bom, passa duas semanas, se for muito bom passamos três, quatro”, disse Rodrigo. E atrair a atenção dos espectadores não está sendo uma tarefa fácil. Hoje em dia, com a infinidade de formas de entretenimento, o circo tem ficado cada vez mais “na corda bamba”. “A internet acabou um pouco com o circo e com as artes, como teatro, cinema. Para nossa área, atrapalhou, então a gente tem que inovar, porque o circo não pode morrer. Mas o que ainda traz as pessoas para ver essa arte são as crianças, elas vêm querendo ver o palhaço. Atualmente, não se pode mais ter animal em circo, é proibido, então a atração principal é o palhaço”, afirma Rodrigo.

A falta de apoio também é uma das maiores dificuldades dos artistas circenses. Ele confessa que a alegria de mostrar essa arte milenar dá lugar à preocupação e à incerteza do que está por vir. “O circo, quando está montado, é mágico: as pessoas se encan-



Meios tecnológicos têm afastado público das bilheteiras, mas profissionais inovam para atrair plateia



Crianças ainda se encantam com a magia do circo e incentivam os pais a irem aos espetáculos

tam, é muito legal. Mas, quando o circo desarma, a gente fica um pouco abandonado. Não é a mesma coisa, não tem o mesmo encanto. A gente tem muita dificuldade. Muitos artistas pensam em desistir, em parar, porque a gente quase não tem apoio”, disse. Noite após noite, a vida sob a gigante lona é como a do trapezista que voa no ar em uma manobra arriscada. A missão é conseguir o que é preciso para cobrir os custos,

que não são poucos, explica Rodrigo. “A gente vai na prefeitura, faz a solicitação (do terreno), tem que pagar. Para um circo pequeno, médio, é um absurdo. Fora isso tem água, luz, licenças com o Crea, Corpo de Bombeiros, autorização para fazer propaganda. Quando termina as contas, a gente quase não tem dinheiro nem para comer. Toda noite a gente arrisca (pra conseguir dinheiro)”, conta o dono do circo.

Pandemia foi quase o “fechar das cortinas”



O maior pagamento da gente é ver o povo entrando, fazer as crianças sorrirem. A gente se sente realizado

Rodrigo Soares

A situação foi ainda mais difícil durante a pandemia de Covid-19. Os artistas e trabalhadores circenses sobreviveram, basicamente, de doações da população nos lugares onde iam. Para Rodrigo, parecia que era hora de baixar as lonas do circo para não levantá-las mais. “Na pandemia, foi muito difícil porque nós vivemos da bilheteria. Já estava um pouco difícil antes, quando chegou a pandemia a gente achou que tudo tinha acabado. Ficamos com o circo armado por um ano em Santa Rita, não podia desarmar porque não podia ir pra outro canto, as prefeituras não aceitavam. A Lei Aldir Blanc ajudou muito, mas era emergencial

e demorou. A sorte da gente foi a população. Em todos os lugares as pessoas traziam comida, água, o pessoal do circo saía para vender água, maçã do amor, jogar malabares. As igrejas ajudavam também. Muita gente parou com circo, desistiu, vendeu tudo o que tinha”, relatou Rodrigo Soares. Porém, mesmo em meio a toda incerteza, toda a dificuldade, a recompensa para Rodrigo é ainda maior e é o “combustível” para continuar a levar sua arte para todos os cantos do país. “O maior pagamento da gente é ver o povo entrando, fazer as crianças sorrirem. A gente se sente realizado. São as crianças que acabam trazendo os adultos, às vezes eles

nem querem vir e acabam gostando mais que as próprias crianças. É por isso que a gente não desiste”. Sonho O artista baiano Felipe Soares de Jesus, 26 anos, tem 12 anos de experiência no picadeiro e está há um ano no Circo Amazonas. Ele afirma que trabalhar no circo era o sonho de sua vida. “Querida desde pequeno. Quando cheguei a uma certa idade, conversei com meu pai e minha mãe, e seguiu um circo pequeno que tinha na minha cidade (Porto Seguro)”, disse. Felipe apresenta todos os dias, no Circo Amazonas, uma performance com fogo, o que já rendeu alguns acidentados. O último deles foi há

dois meses, quando se apresentava em Guarabira. “Meu rosto pegou fogo na hora do espetáculo. Fui assoprar (o fogo) e ele voltou todo para a minha boca e meu rosto”, relatou. Como consequência, teve queimaduras de segundo grau, que ainda estão cicatrizando. A pandemia também foi um momento de bastante dificuldade para ele, que na época trabalhava em outro circo. “Ficamos ‘presos’ em Jabaquara, na Bahia, por três anos. Foram três anos de muita dificuldade: água, comida. A gente dormia dentro das carretas do circo. A sorte é que o pessoal de lá gostou muito do circo e deu muita doação”, contou Felipe.



Quando cheguei a uma certa idade, conversei com meu pai e minha mãe, e seguiu um circo pequeno que tinha na minha cidade (Porto Seguro)

Felipe Soares

SERES INVISÍVEIS

Micróbios estão por toda parte e trazem prejuízos à saúde

De ambientes úmidos a secos, esses microrganismos podem causar doenças, caso não haja os devidos cuidados

Ítalo Arruda
ianolivrura@gmail.com

De ambientes secos a úmidos, de uma banca de legumes à geladeira, os micróbios – impossível de serem detectados a olho nu – se espalham facilmente por todas as superfícies e lugares imagináveis. Eles se classificam como bactérias, fungos, vírus e protozoários. Embora nem todos sejam prejudiciais ou representem risco à saúde, muitos podem causar doenças. Em contrapartida, alguns desses microrganismos são considerados essenciais para a própria saúde de determinadas áreas do corpo humano.

É o que explica o médico infectologista e diretor-técnico do Complexo Hospitalar de Doenças Infectocontagiosas Clementino Fraga, Fernando Chagas. Segundo ele, todo e qualquer micróbio é um microrganismo, e o corpo humano, por sua vez, é totalmente coberto por esses seres “invisíveis” de diferentes tipos. Estima-se que uma pessoa possui quatro quatrilhões de células

Estimativa

Especialistas estimam que uma pessoa possui quatro trilhões de células no organismo e 40 trilhões de bactérias

e 40 quatrilhões de bactérias. “Temos mais bactérias no corpo do que as próprias células humanas, e é importante que a maior parte dessas bactérias sejam aderidas ao nosso corpo, porque nos protegem e nos ajudam”, alerta o médico, ao utilizar como exemplo as bactérias que “se alojam” no interior da boca. “Elas estão ali se alimentando de restos de alimentos, combatendo qualquer microrganismo que cause doen-

ça e que, porventura, possa entrar na nossa boca, competindo umas com as outras”, acrescentou Chagas.

Para ele, o que precisa ser feito é o “controle” do número desses micróbios, para que não haja excessos - nem de sobra nem de falta de microrganismos. De acordo com Fernando Chagas, um simples hábito como o de escovar os dentes, além de fazer a limpeza bucal, também serve para diminuir a quantidade de bactérias nessa parte do corpo.

“É por isso que a gente tem substâncias na boca que destroem e matam algumas dessas bactérias, para controlar a situação. A mesma coisa (acontece) na pele. A gente tem que tomar banho sempre, porque se você não toma banho com regularidade, com o passar do tempo, essas bactérias se proliferam, podem formar camadas grosserias na pele, e começam a produzir substâncias que causam mau cheiro, que nada mais é do que uma hiperpopulação de bactérias”, explica o infectologista, citando como exemplo o caso de odor nas axilas.

Cada área do corpo tem um tipo de bactéria específico da localidade

Ainda com relação às bactérias, o médico infectologista, Fernando Chagas, destaca que cada área do corpo tem um tipo específico de bactéria que já é “própria” daquela localidade. Como é o caso das bactérias que circulam na região do ouvido.

“Elas nos ajudam a produzir cera, que, por sua vez, serve para a proteção do ouvido, e competem com qualquer outro microrganismo que pode cair ali. Mas, se você leva o dedo que passou no interior do ouvido para o nariz, aquela bactéria alojada no ou-

vido pode causar doença no nariz ou vice-versa”, ressalta o médico ao pontuar que muitas pessoas têm doença no ouvido porque, displicente e descuidadamente, acabam levando bactéria pra ele. “Tem que ter muito cuidado”, lembra Fernando Chagas.

Primar pela higiene pessoal pode reduzir a concentração de germes

Alguns micróbios podem se esconder em superfícies, como mesas, telefones e maçanetas. Outros podem ser encontrados em vegetais e carnes mal cozidas. Além disso, os micróbios podem ser encontrados em ambientes com maior umidade, como em banheiros e pias. Desse modo, é fundamental manter uma boa higiene pessoal, limpar regularmente superfícies e alimentos, e seguir práticas adequadas de segurança alimentar para reduzir a exposição a micróbios prejudiciais.

Segundo o infectologista Fernando Chagas, por mais simples que seja, a lavagem das mãos com água e sabão ainda é a maneira mais eficaz de se eliminar as bactérias. “A gente põe a mão em todos os lugares e em todos os lugares a gente arrasta bactérias e fica com as mãos cheias delas.

Quando a gente lava, a gente elimina cerca de 90% dessas bactérias”, disse o médico, afirmando que os 10% restantes dizem respeito a uma população de microrganismos difícil de sair da pele. Em determinada escala, acrescenta Chagas, é até bom que elas fiquem ali. Ele diz que isso faz



Foto: Arquivo Pessoal



Temos mais bactérias no corpo do que as próprias células, e é importante que a maior parte dessas bactérias seja aderida ao nosso corpo, porque nos protegem

Fernando Chagas

parte de um processo denominado simbiose. “A gente joga alimento para elas, e elas protegem a gente, porque algumas têm essa função de nos proteger. Por isso, não é saudável a pessoa ficar neurótica ou demasiadamente preocupada em diminuir a população de bac-



Germes podem estar na geladeira, podendo se concentrar em carnes mal cozidas e cascas de legumes

Alguns seres microscópicos são benéficos ao trato gastrointestinal

Vale lembrar que existem muitas bactérias benéficas que desempenham papéis importantes na saúde e no funcionamento de diversos ecossistemas, como é o caso das bactérias probióticas. Elas vivem, naturalmente, em nosso trato gastrointestinal e ajudam na digestão, absorção de nutrientes e fortalecimento do sistema imunológico, e ainda podem deslocar bactérias nocivas e contribuir para a saúde intestinal.

É o que afirma Júlia Chaves, médica infectologista, especialista em prevenção e tratamento de doenças infectocontagiosas. Segundo ela, o órgão que mais possui bactérias

■ **O intestino tem 100 trilhões de microrganismos e mais de mil espécies diferentes. Nem todas são prejudiciais**

é o intestino. “Tem cerca de 100 trilhões de microrganismos, mais de mil espécies diferentes. Nem todas são maléficas. Tem algumas que sempre são benéficas, como os lactobacillus e as bifidobactérias”, ressalta Júlia Chaves, destacando os probióticos.

Ela acrescentou que esses microrganismos desempenham função importante no organismo. “Essas bactérias ajudam na digestão, na absorção de nutrientes, na produção de hormônios e até na imunidade. Então, se você tem uma microbiota equilibrada e saudável, sua imunidade é melhor, sua digestão é melhor, sua produção hormonal é melhor”, pontuou.

Ao usar a descarga, é importante abaixar a tampa do vaso sanitário. Caso contrário, coliformes fecais são espalhados por todo o banheiro

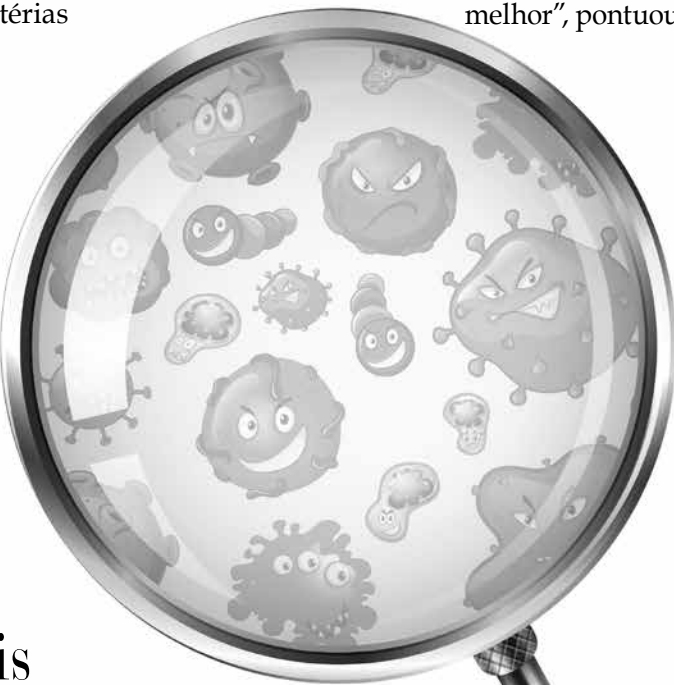


Foto: Freepik

Saiba mais

Confira algumas dicas de higiene que podem afastar microrgarnismos

- Lave as mãos regularmente com água e sabão, em água corrente, por pelo menos 20 segundos, incluindo todos os dedos, o dorso das mãos e o pulso;
- Evite levar a mão ao rosto e tocar regiões como boca, nariz e olhos - essas áreas são a principal porta de entrada para os micróbios;
- Cubra as vias respiratórias (boca e nariz) com o cotovelo ou lenço descartável ao tossir ou espirrar e, em seguida, descarte o lenço em local adequado;
- Limpe com frequência as superfícies que são constantemente tocadas, como maçanetas, interruptores de luz, telefones, entre outros, com produtos apropriados;
- Pratique exercícios físicos de forma regular e mantenha uma alimentação saudável, pois aumenta a imunidade, protegendo o organismo desses “inimigos invisíveis”

ATLAS DA VIOLÊNCIA

Taxa de homicídios caiu 17,1% na PB

Redução dos casos se deve às ações integradas de segurança pública no estado e constam de recente estudo

Julio Silva
julioviniciuss@gmail.com

A taxa de homicídios por 100 mil habitantes, na Paraíba, apresentou redução de 17,1% entre 2016 e 2021, segundo aponta o Atlas da Violência 2023. No mesmo período, o número de homicídios no estado também registrou queda - 15,6%. O relatório destaca o programa Paraíba Unida pela Paz, implantado pelo Governo do Estado em 2011, como um dos principais responsáveis pela queda sucessiva nos índices de violência.

Conforme o Atlas, o estado registrou, no último ano da pesquisa, a terceira menor taxa de homicídios do Nordeste, com 28,1 por 100 mil habitantes - sendo superado por Maranhão (27,9) e Piauí (23,2). A taxa, porém, foi maior que a média do Brasil no período (22,4).

O Atlas também aponta que o número de homicídios de adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos, na Paraíba, teve redução de 47,9% entre 2016, quando foram registrados 238 casos, e 2021, com 124 mortes. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes caiu 44% no mesmo período.

Segundo o Atlas, a Paraíba registrou 107 feminicídios em 2016. O número em 2021 foi 22,4% menor, chegando a 83 casos registrados. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes, nesse mesmo intervalo, teve queda de 24,9%, saindo de 5,2 para 3,9.

O Atlas da Violência 2023 aponta redução de 12,3% nas mortes por arma de fogo entre 2016 e 2021, na Paraíba. O total, que chegou a 1.060 há sete anos, chegou a 930 - neste meio tempo, em um dos anos (2019) a queda foi maior - naquele ano, foram 722 ho-

micídios por arma de fogo.

Integração

A implantação de uma metodologia de gestão por resultados e a integração de áreas no estado colaboraram para estes resultados, afirma o secretário de Segurança do Estado, Jean Nunes.

“Isso é fruto de um trabalho que vem sendo construído há muitos anos, de uma metodologia que implantamos desde 2011 e estamos aprimorando ao longo dos anos. É um processo contínuo de compatibilização de áreas integradas entre Polícia Militar, Polícia Civil, Bombeiros. Isso tem feito com que a gente consiga construir um ambiente favorável para construir relações positivas com o Poder

Judiciário, o Ministério Público, para que as operações consigam ser realizadas e a gente gerencie todo o processo, na parte de Segurança Pública e na Justiça Criminal”, explica o secretário.

Ele também citou que o uso da tecnologia tem ajudado na elucidação e prevenção de crimes. “Com a tecnologia, a gente pode antecipar o encaminhamento de viatura, uma abordagem a partir de uma visualização. O índice de elucidação na Polícia Civil aumentou muito porque com as câmeras se consegue ter uma gama de informações que ajudam a resolver vários crimes, no estado inteiro. A parte investigativa tem sido muito fortalecida e beneficiada pelo sistema”, diz o secretário.



Foto: Marcos Russo

O trabalho articulado e intersetorial entre as polícias Militar, Civil e Corpo de Bombeiros são resultado de um planejamento em conjunto



Foto: Secom-PB

Forças de Segurança da Paraíba têm estruturado monitoramento integrado

O Governo do Estado tem investido na aquisição de equipamentos e armamentos e de estruturação de espaços para a inteligência, a exemplo das três unidades do Centro Integrado de Comando e Controle das Forças de Segurança

(CICC), em João Pessoa, Patos e Campina Grande.

Os CICC realizam o monitoramento por câmeras que auxiliam na identificação, registrando imagens 24h de diversos pontos das cidades. Com a iniciativa é possível a

troca de informações com as demais forças de segurança, o trabalho de inteligência e as operações ostensivas dentro das unidades prisionais com informações sobre os apenados, estejam eles em regime fechado ou semiaberto.

Programa de segurança é citado no estudo divulgado pelo Ipea

Documento também cita que a redução da violência tem sido contínua na Paraíba nos últimos anos

O Atlas da Violência é divulgado desde 2016 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e retrata a violência no Brasil, a partir dos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde.

Em um trecho do documento divulgado esta semana, os pesquisadores destacam o caso da Paraíba, que vem reduzindo suas taxas de homicídio, sucessivamente, desde 2011.

“Naquele ano foi inaugurado o programa Paraíba

Unida pela Paz, baseado em planejamento apoiado em diagnóstico e orientado por resultados, no qual o governador atua pessoalmente como o fiador e condutor da política. É impor-

tante também salientar a importância da continuidade política no processo, uma vez que não apenas os governadores nessas quatro últimas gestões pertencem ao mesmo grupo político,

bem como os gestores da segurança e defesa social permanecem entre os profissionais que ajudaram na formulação e introdução do programa naquele estado”, explica o estudo.



Foto: Secom-PB

Centros integrados de segurança têm sido fundamentais para planejamento de ações

Comparativos de Homicídios

Geral	2016	2021
Total:	1.355	1.144
Taxa - por 100 mil hab.	33,9	28,1

Faixa etária de 15 a 19 anos

Total:	238	124
Taxa - por 100 mil hab.	68,9	38,4

Faixa etária de 5 a 14 anos

Total:	29	6
Taxa - por 100 mil hab.	4,7	1,1

Feminicídios

Total:	107	83
Taxa - por 100 mil hab.	5,2	3,9

FRONTEIRIÇA

Nova Floresta: a alteza do Seridó

Cidade, que ganhou apelido de princesa da região, está localizada a 227 km da capital, próximo à divisa com o RN

Fernanda Dantas
Especial para A União

Localizada na borda do estado, já fazendo fronteira com o Rio Grande Do Norte, o município de Nova Floresta está a cerca de 227 km da capital João Pessoa. De acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, a população nova-florestense é de cerca de 9,8 mil habitantes. Além disso, a cidade integra a região geográfica imediata de Cuité-Nova Floresta.

A terra ainda é conhecida por outro nome, apelidada carinhosamente de “princesinha do Seridó”. Quem explica a história por trás disso é o nova-florestense apaixonado pelo lugar onde nasceu e se criou, Adjaiton Almeida. Ele explicou que o termo surgiu em meados da década de 1950 e 1960, fazendo referência à região Curimataú, onde pertence, e à beleza de seus aspectos urbanos. “Esse título Princesinha do Curimataú, ele pegou e ficou até hoje, né? Eu acho que eu posso lhe dizer que esse apeli-

do pode ser em meados dos anos 1950, 1960, por aí, e é utilizado até hoje em nossa cidade. O nome Princesinha veio de uns tempos atrás, quando Nova Floresta era uma cidade ainda menor do que agora, mas era muito bem organizada”, contou.

A descrição continua: “Tinha uma praça aqui, chamada de Praça Central, que era completamente florida. Era cheio de diversas flores, tinha muitas plantas lá, e era muito organizada e bonita para aquela época. E assim colocaram esse apelido, porque a cidade era tão linda que começaram a chamar a cidade de princesinha quando passavam por aqui”.

Os primeiros registros de povoamento do que viria a ser o município datam aproximadamente de 1870, onde no território existia apenas uma zona rural pertencente conhecida como “Estrondo”, de difícil acesso por uma estrada carroçável e com poucas casas, todas distantes umas das outras. A primeira residência, núcleo da atual cidade, fica na área que atual-



Cidade mantém clima pacato na rotina dos pouco mais de 9,8 mil habitantes e suas ruas largas e a Praça Central

mente dá lugar à Rua Prefeito Felinto Florentino.

De acordo com o próprio site da prefeitura, o topônimo da cidade veio a partir de 1927, quando o dono do primeiro comércio local, Benedito Marinho da Costa, classificou o lugar como “nova

floresta”, ancorado na grande abundância de vegetação e animais na época.

Mais adiante, em 1955, o desenvolvimento do lugar, já com novas casas e uma Capela, contribuíram para que o então povoado se tornasse distrito, ainda de Cuité.

Foi aí que entraram as figuras de Benedito Marinho da Costa, Felinto Florentino de Azevedo e Francisco Esteves Andrade, que iniciaram os esforços para a emancipação política, conquistada quatro anos depois, em 30 de abril de 1959. Até hoje, existe um

busto em homenagem a Felinto Florentino de Azevedo, no centro de Nova Floresta. Segundo Adjaiton Almeida, ele é conhecido entre os moradores como o fundador do município, dadas suas contribuições para o desenvolvimento do espaço urbano.

Resgate histórico mantém as tradições preservadas para as futuras gerações

Ainda que não existam mais todas as construções materiais que representam grandes momentos que Nova Floresta já viveu, a memória de lugares como o antigo cinema Cine Íris, o clube de futebol Grêmio Florestense e carnavais que já passaram está viva no imaginário dos nova-florestenses. A sensação de pertencimento chega na cabeça de quem pode vivenciar esses momentos, de quem ouviu as histórias passadas de geração em geração, e é possível, ainda, fazer esse resgate através das redes sociais.

Um dos exemplos disso é a página no Instagram administrada por Adjailton. Carregando o mesmo nome do município, o perfil é repleto de postagens que fazem, até quem nunca pisou naquela região, passar por uma viagem no tempo ao longo da história da “princesinha”.

Por exemplo, o Cine Íris, que nasceu no ano da emancipação política da cidade e já foi objeto de aclamadas obras,

como o livro “A História do Cinema em Nova Floresta”, do escritor e pesquisador Kydelmir Dantas e do documentário “Cine Íris: um olhar de cinema em Nova Floresta (PB)”, da jornalista Cecília Marinho, neta do próprio fundador do cinema, Hamilton Marinho.

De acordo com tal produção audiovisual sobre o Cine, a ideia veio após o idealizador visitar uma sessão de filme no Cine Guarany, em Patos. Foi aí que a paixão pela sétima arte e o espírito empreendedor de Hamilton resultaram em um ponto de disseminação cultural, que fez a alegria de quase três gerações dos cidadãos de Nova Floresta, até seu fechamento em 1989. O dono da página do Instagram relatou a popularidade do espaço. “Quando você cita esse nome aqui, todo mundo vai saber do que se trata, vai conhecer o Cine Íris. O dono, seu Hamilton, era quem trazia e rodava os filmes, e quem administrava tudo”, explicou.

Outra glória que marcou o

município foi o clube de futebol Grêmio Florestense, que, segundo Adjailton, era um grande destaque do futebol paraibano. No perfil gerenciado por ele, há registros da escalção do time que derrotou clubes até de outros estados, como o ABC de Natal. “Era um time muito forte, tinha muitas pessoas que poderiam ter participado até de times mais evoluídos, tradicionais aqui do país, mas que na época não podiam deixar a cidade por causa de suas famílias”, lembrou. O time não existe atualmente, mas ainda joga em campo na memória de quem pode prestigiar as partidas e campeonatos.

Outro lugar curioso da cidade é a praça central. A mesma praça charmosa que deu o apelido de realza a Nova Floresta pelos canteiros floridos também foi responsável por deixar florescer paixões que duram até hoje. No século passado, era comum que os namoros entre jovens acontecessem em praças, e assim foi

com ela. Porém, essa tradição era tão cultuada que havia uma quantidade de casais tão grande que superaram o número de bancos disponíveis, lotando o lugar de corações apaixonados. “Existiam tantos casais que na época era difícil a pessoa arrumar um espaço pra poder sentar, mesmo com o grande número de bancos que tinham. Se tornou difícil, a pessoa às vezes tem que sentar um do lado do outro, se “espremendo”. Muitos casais se formaram naquela época e estão até hoje formando sua família”, destacou



Pelo QR Code é possível acessar o perfil no Instagram

Comércio e agricultura guiam economia local

Na cidade, um dos maiores pilares da economia é o comércio. A atividade foi, inclusive, alvo de uma pesquisa científica este ano pela UFPB, intitulada Características dos Microempreendedores Individuais: um Estudo na Cidade de Nova Floresta - PB. O trabalho mapeou a atuação de diversos setores e concluiu que a economia da cidade é beneficiada di-

retamente, pela capacidade de gerar emprego e renda.

Outra fonte importante é a agricultura, na cultura de plantio. Segundo Almeida, o cultivo de maracujá é fonte de renda de muitos trabalhadores do setor. A fruta é tão cultivada que já foi tema de uma festividade no município chamada Festa do Maracujá, contando com algumas edições.

Artista Flay despontou do BBB para a música

Uma filha da terra carrega a história de quem começou a carreira musical cedo, carregava uma fama regional singela e, graças a um *reality show*, conseguiu transformar sua vida. Flayslane Raiane Pereira da Silva, conhecida como Flay, nasceu no município em 19 de outubro de 1994.

Aos 13 anos, começou sua trajetória artística. Entre diversos trabalhos alternativos como cantora em bandas de forró locais, a cantora teve um sucesso maior ao formar a dupla Lane & Mara, com a amiga Lane Marinho. Durante a trajetória das duas, elas conseguiram o apoio de artistas como Wesley Safadão, Léo Santana e a dupla Maiara e Maraisa.

Em 2020, Flay participou da vigésima temporada do Big Brother Brasil, da Rede Globo, sendo a 13ª eliminada. A visibilidade nacional abriu por-

tas para que ela se lançasse de vez.

Em março de 2021, Flay lançou seu primeiro single solo, Osmar, assumindo o roteiro e codireção do vídeo, gravado em Penedo (AL), com participações de celebridades nordestinas. Em maio, lançou “Coração em Stand By” em parceria com Eric Land e Menor Nico. Em setembro, iniciou sua carreira internacional com “Céu Azul”, ao lado de Ferrugem e da cantora mexicana Dulce María. Seu último trabalho foi o álbum *pop* “Imperfeita”, lançado em março deste ano. Mostrando o potencial de sua voz, ela também foi campeã da terceira temporada do *reality show* The Masked Singer Brasil, da TV Globo.

Atualmente, a cantora possui mais de sete milhões de seguidores no Instagram e quase 34 mil ouvintes mensais na plataforma Spotify.



Cine Íris, espaço de entretenimento (à esq.) foi destruído, mas resiste na memória. Da praça principal, os encontros e o pôr do sol





Imagem: Reprodução

Na imagem maior, 'A Tribuna dos Uffizi' (1776), pintura do alemão Johann Zoffany; ao lado, capa da edição tem estampada 'O Arquiduque Leopold Wilhelm em sua Galeria de Pintura em Bruxelas', obra do artista flamengo David Teniers, o Jovem



Imagem: Quartier Latin/Divulgação

Para blindar os acervos artísticos

Paraibanos Marcílio Franca e Gustavo Tanouss lançam livro que busca elucidar questões ligadas à proteção do patrimônio das coleções de arte

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Um fóssil do tamanho de uma galinha esteve recentemente no centro de uma rinha jurídica do direito internacional. *Ubirajara jubatus* viveu entre 110 e 115 milhões de anos atrás na Bacia do Araripe, no Ceará, mas estava até junho deste ano no Museu de História Natural de Karlsruhe, na Alemanha, para onde foi contrabandeado em 1995. *Ubirajara* é uma peça única do primeiro dinossauro não aviário encontrado nas Américas, e a luta por sua repatriação virou símbolo do esforço brasileiro para proteger seu acervo paleontológico. Esse debate desenterra questões mais amplas sobre poder, representação e responsabilidade histórica, gerando um crescente movimento global para a restituição de artefatos culturais e artísticos de países que foram historicamente colonizados.

Ampliando as noções desse tipo de patrimônio para incluir pinturas, esculturas, coleções de arte, de selos, mapas e livros, quais seriam então os instrumentos à disposição de um colecionador, de um museu, de uma fundação pública, de uma grande biblioteca ou mesmo de um único artista para proteger juridicamente a sua coleção? Essa é uma de várias questões fundamentais que são analisadas no livro *Coleções de arte no Direito brasileiro e comparado* (Quar-

tier Latin, 352 páginas, R\$ 142), dos autores paraibanos Marcílio Franca e Gustavo Tanouss. A obra busca contribuir para a compreensão de como proteger de forma tributária, financeira, por tombamento, entre outras, as coleções de arte para que elas sejam mantidas íntegras, sem que sejam dispersas.

“Não é só um livro de especulação teórica. É um livro também que mostra o dia a dia, a mão na massa, de um colecionador público e privado. É por isso que a nossa preocupação foi traduzir conceitos técnicos, tornar a informação digerível, mesmo para quem não é jurista”, descreve Marcílio Franca, membro do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas e coordenador da Força Tarefa do Patrimônio Cultural. Além de lidar diariamente por dever de ofício com esses temas, ele orientou o trabalho de conclusão de curso em Direito na UFPB de Gustavo Tanouss, tratando especificamente desses temas.

Para desenvolver o livro, os autores partiram de pressupostos que identificam que, nos últimos anos, o Brasil vem se tornando um país-fonte e um país-receptor muito importante para a arte contemporânea, tanto produzindo quanto adquirindo coleções de valores muitas vezes inestimáveis, mas que no mundo todo atingiram cerca de 67,8 bilhões de dólares só em 2022, segundo o relatório The Art Market elaborado pela Art Basel e pela

UBS. “Se o Brasil tem produzido muita arte, tem construído muita arte, era preciso que o direito se voltasse para essa circunstância para olhar um pouco melhor sobre o que é uma coleção de arte e qual é a função do direito a proteger essa coleção”, acrescenta Franca Filho.

As coleções de arte são mais do que o valor individual dos itens que as compõem. Elas são o resultado muitas vezes de um pensamento, de uma concepção do colecionador, que se tornou mais numeroso e influente durante a pandemia. Coleções importantes foram leiloadas *on-line* enquanto as pessoas estavam trancadas em casa adquirindo patrimônios que possuem diferentes tipos de mensuração de valores, que são pelo menos três: o valor econômico, definido pelo mercado; o valor social, que confere uma importância de pertencimento na identidade dos indivíduos; e o valor político, uma vez que a arte é poder e é utilizada como *soft power* para influenciar outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos.

O resultado da pesquisa aponta que esse acervo não está devidamente resguardado pelo ordenamento jurídico brasileiro. “A nossa própria legislação não é totalmente adequada, aperfeiçoada. O que a gente nota é que há muitas normas sobre essas questões no Brasil. Um cálculo superficial aponta que há mais de uma centena de

normas desde a Constituição Federal até normas municipais, tratando dessas matérias. São normas às vezes até contraditórias, cuja interpretação e aplicação não são fáceis. O colecionador, a autoridade pública, um secretário de educação ou de cultura, ou um diretor de museu, ficam até confusos como implementar isso”, analisa o especialista.

Essa insegurança jurídica é aproveitada por criminosos que buscam em coleções de artes uma forma de financiar o terrorismo, o crime organizado, o tráfico de armas e de pessoas. “Essa é uma preocupação internacional de museus, de ministérios da cultura, da Unesco, da Organização Mundial das Aduanas, da Organização Mundial do Turismo. Além do crime de desaparecer com um quadro famoso, uma escultura famosa, tem, digamos, o efeito colateral desse mesmo crime ao abastecer os cachos do terrorismo, do crime organizado, da droga”, complementa Marcílio Franca. Devido ao valor arbitrário dessas peças, uma obra de arte custando milhões de dólares pode caber em um canudo ou dentro de um bolso, favorecendo a evasão de divisas e a lavagem de dinheiro.

Os exemplos brasileiros não são apenas ruins. O país costuma adotar soluções interessantes e instrumentos jurídicos aptos a oferecer algum grau de proteção às coleções de artes, a exemplo da ação popular, da ação civil pública e do man-

dado de segurança. “O Brasil também tem sempre muito que ensinar. A criatividade brasileira, a maleabilidade dos instrumentos legais e a rapidez dos nossos instrumentos jurídicos, isso é notável”, conclui Marcílio Franca.

O livro *Coleções de arte no Direito brasileiro e comparado* será lançado em janeiro, em João Pessoa, quando também deve ser realizado um seminário sobre o direito dos museus e das coleções de arte.



Foto: Marcos Russo/Arquivo A União



Foto: Acervo Pessoal

Obra foi produzida a quatro mãos pelos paraibanos Marcílio Franca (acima) e Gustavo Tanouss (abaixo)

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Poder e prestígio

Podemos esperar que indivíduos estejam, em maior ou menor grau, empenhados na busca por prestígio, poder e reconhecimento social. No entanto, o modo como almejam conquistar esses objetivos varia.

Em “sociedades selvagens” sem estado e mercado, a posse de bens materiais é muito pouco valorizada. O acúmulo de riquezas e a ostentação não valem lá muita coisa. Os líderes geralmente são pessoas pródigas que doam os próprios bens para o restante da tribo.

O ato de presentear cria reciprocidade e gratidão e os papéis de credor e devedor. Creio que parte do prestígio dos chefes das máfias italianas também provém daí. Eles são impiedosos com seus inimigos, não se furtam em matar, extorquir, torturar, mas sabem ser generosos e amáveis quando preciso. Dom Corleone, personagem de Mario Puzo, imortalizado no cinema por Marlon Brandon, oferecia favores a moradores do seu bairro e a membros da comunidade italiana sem pedir de imediato nada em troca. Todos, porém, se sentiam moralmente em dívida diante da generosidade do mafioso.

A luta por prestígio social, poder e *status* no capitalismo têm contornos

bem diferentes das “sociedades selvagens”. Aqui o acúmulo de riquezas e a ostentação são de extrema importância, e o consumo de bens muitas vezes assume caráter mais simbólico que propriamente utilitário. Ter e dirigir uma Ferrari em cidades como a nossa, cheia de ruas esburacadas e com graves restrições de velocidade, parece ser bastante desvantajoso se considerarmos os aspectos estritamente práticos de locomoção. Em contrapartida, os ganhos ficam por conta da admiração das pessoas e pela maneira como possuir uma mercadoria fetichizada demarcaria a distinção social.

Uma das sacadas mais originais do sociólogo Thorstein Veblen, ao estudar práticas de consumo na sociedade capitalista, foi perceber o que ele chama de classe ociosa. É ela que está empenhada de maneira mais aberta ao “consumo conspícuo”, isto é, em ostentar suas posses. Além de dinheiro e propriedade, a classe ociosa é dona de uma quantidade exagerada de tempo livre, gasto quase sempre com atividades fúteis que não acrescentam produtivamente nada à sociedade.

Veblen notou ainda que o ócio e o consumo conspícuo levam a uma cadeia de desperdício, hoje em dia cada

vez mais retroalimentada por desejos artificiais de campanhas publicitárias. Essa lógica provocaria uma série de impactos negativos sobre o meio ambiente acentuando, concomitantemente, o caráter desigual das sociedades capitalistas e estruturalmente parasitário da classe ociosa. Não esqueçamos a vasta gama de matéria-prima e mão de obra qualificada destinada a atender demandas da classe ociosa, quando poderia ser orientada a suprir as necessidades mais urgentes da sociedade.

Consumo

Além de dinheiro e propriedade, a classe ociosa é dona de uma quantidade exagerada de tempo livre, gasto quase sempre com atividades fúteis

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Teorias e funções da arte

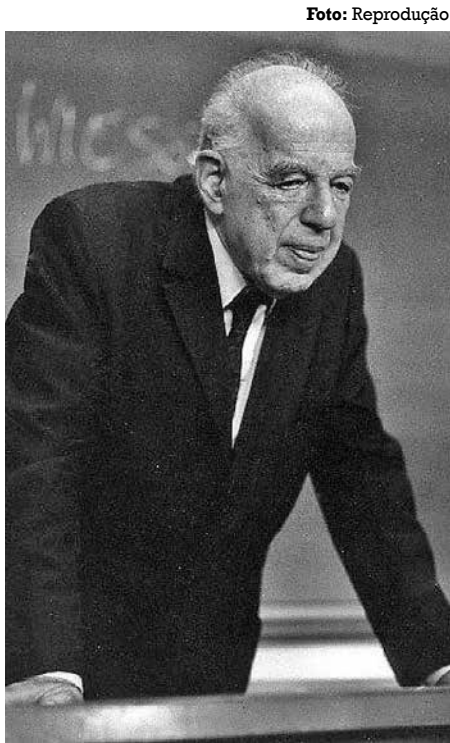
A arte mostra-se presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos. Ela é a necessidade de expressão do ser humano, que surge da relação pessoa/mundo. Por meio da arte a humanidade expressa suas necessidades, crenças, desejos, sonhos, que pode ser individual ou coletiva. As representações artísticas oferecem elementos que facilitam a compreensão da história dos povos em cada período e representa o seu meio social. Dentre as inúmeras maneiras de se tentar explicar a arte, destacam-se estas:

■ Teoria da arte como imitação: Uma obra é arte se, e somente se, é produzida pelo homem e imita algo. Ela representação da natureza, das ideias e da ordem. É a teoria mais antiga;

■ Teoria da arte como expressão: Uma obra é arte se, e somente se, exprime sentimentos e emoções do artista. Filósofos e artistas românticos do século 19, insatisfeitos com a teoria da arte como imitação ou representação, propuseram uma definição que propunha a libertação das limitações, ao mesmo tempo em que deslocava para o artista expressar os próprios sentimentos, que veio a priorizar a dimensão subjetiva da criação artística;

■ Teoria da arte como forma: A arte é vista como um conjunto de técnicas de expressão, das quais cada artista faz uso de acordo com suas decisões e com o meio específico em que trabalha. A teoria da arte formalista é a crença de que os valores estéticos (formas, cores e composição) se sustentam por si mesmos, e que o juízo da arte pode ser isolado, fundamentando-se nas qualidades formais da obra, as quais estão relacionadas à abstração;

■ Teoria da arte como forma significativa: Uma obra é arte se, e somente se, provoca nas pessoas emoções estéticas. Na teoria da arte como forma significativa, não devemos procurar por aquilo que define uma obra de arte na própria obra, mas sim no sujeito que a aprecia, isto é, no que a obra de arte despertar no sujeito que a contempla;



Historiador Ernst Gombrich (1909-2001)

■ Teoria institucional da arte: O conceito de arte é determinado por uma comunidade de pessoas ligada à sua produção, venda e divulgação, dentre os quais estão os críticos, historiadores, galeristas. Considerando isso, a arte sofre manipulação por parte de instituições e entidades que a classificam como tal.

■ Teoria idealista da arte: A obra de arte está na mente do artista e é diferente do artefato ou objeto artístico que a torna material, por isso nenhuma obra de arte pode ser reduzida a um meio específico ou destinada a um fim determinado.

As funções da arte surgem como resultados de estudos e análises. Seguem algumas:

■ Função mimética ou naturalista: O objeto da arte representa de forma idêntica à realidade. O seu conteúdo é mais importante do que seu modo de apresentação. Ele é a compreensão do mundo no qual a pessoa está inserida. Os critérios de avaliação são a correção da representação e a integridade do tema;

■ Função formalista: A arte se interessa pela forma de apresentar a beleza, ou seja, o belo. Os seus critérios de avaliação são extraídos dos princípios e da organização interna dos elementos que compõem uma obra de arte;

■ Função criadora: A obra de arte gera novos conceitos, os quais modificam a realidade como ela poderia ser. Esse fenômeno torna-se uma transfiguração de algo numa outra realidade, que, muitas vezes, tem a capacidade de ir além de onde o artista quer interagir, e revela coisas que independem da vontade e intenção de quem produziu a obra. Trata-se, portanto, de outro paradigma de realidade, em que a própria obra se constitui em real;

■ Função utilitária ou pragmática: A arte tenta utilizar a obra para fins não artísticos e é mensurada na medida do alcance dos fins exteriores a que se propõe. Tais fins podem ser religiosos, políticos, econômicos entre outros, sem a consideração de qualidade ou de análise estética da obra.

Em sua obra *A História da Arte* (1950), Ernst Hans Josef Gombrich (1909-2001), londrino e historiador da arte, afirma: “A palavra arte pode significar coisas diversas, em tempos e lugares diferentes e apresentar variadas funções. Todos nós quando vemos um quadro, somos fatalmente levados a recordar mil e uma coisas que influenciam o nosso agrado ou desagrado. Na medida em que essas lembranças nos ajudam a fruir do que vemos, não temos por que nos preocupar. Só quando alguma recordação irrelevante nos torna preconceituosos, quando instintivamente voltamos as costas a um quadro magnífico de uma cena alpina, porque não gostamos de praticar o alpinismo, é que devemos sondar o nosso íntimo para desvendar as razões para a aversão que estragam um prazer que, de outro modo, poderíamos ter tido.” (Gombrich, 2012, p. 15)

Sinta-se convidado à audição do 449º Domingo Sinfônico, deste dia 3, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei sobre as contribuições do bandoneonista argentino Astor Piazzolla (1921-1992) para a função social do tango e de torná-lo patrimônio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

Escravizados

Tenho visto muitos escravizados brancos nas ruas, mas dizem que ainda há fazendas escondidas no Brasil com escravizados negros, não acorrentados imagino, mas escravizados. Ser escravizados já é uma corrente.

Somos todos da mesma Caverna de Platão, cujas “sombras projetadas em seu interior representam a falsidade dos sentidos, enquanto as correntes significam os preconceitos e a opinião que aprisionam os seres humanos à ignorância e ao senso comum”.

Os brancos sempre maltrataram os negros – ainda o fazem, desde quando os escravizados eram suas mercadorias. Hoje, eles matam publicamente, são filmados e me parece que isso enuncia um desejo de nitidez infeliz do homem mau.

A evidência das cenas é mais visível, pois, configura-se o escravizado branco, como um ser escorregadio, medíocre, que tenta sobreviver, não estuda e vira escravizado por escolha, mas sequer, ascende na profissão. Eu disse profissão? Ficam escravizados até serem substituídos, digo descartados, por outros escravizados... brancos. Escravizado é escravizado, né?

Vejo nitidamente que os escravizados brancos são cheirosos, pouco inteligentes, elegantes, sobreviventes de uma imposição, uma ordem ao enquadramento através do qual eles são submetidos. Chegam a rastejar em público.

Claro que esse viés visível se excede, mas não capota – geralmente eles entram para o mercado de trabalho quando jovens – e não capotam. Nesse sentido, eles mantêm um olhar domesticado e não contestam a soberania daquele que o escraviza, pelo contrário: são muito atenciosos, mas ficam mal na fita o tempo todo.

Eu gostaria de ter sido um espião, mas não é essa a escravidão. Eu vejo essas coisas, as palavras e as pancadarias. O escravizado branco cumpre a sua tarefa, extrapola, janta com os patrões, mas ele e o patrão são simbólicos, uma referência que se perde de vista, e nunca mais serão iguais, jamais.

O escravizado branco, esse ser constituído pela multiplicidade dos gestos e não pela unidade de fidelidade que a história poderá lhe conferir, quando o convoca para assumir o cargo de escravizado branco nota 10.

Outro dia, uma criatura mandou uma mensagem dizendo, que eu não deveria dar atenção a determinadas pessoas. Quais pessoas? Ela disse: “Pessoas que poderão sujar sua biografia”. Na verdade, tal pessoa quer me escravizar, mas não consegue. Sim, existem os agraciados do nada, de ser uma presa fácil ou muito cara, mas caro mesmo é permanecer escravizado, que não tem sindicato, não tem aumento de salário etc. O mais difícil é ver um escravizado se impondo, sequer na tentação da deriva do olhar. Nunca, eles não conseguem.

Minha mãe dizia que eu pedisse até penico, eu peço, mas não sou escravizado de nada, de ninguém, nem tenho escravizados.

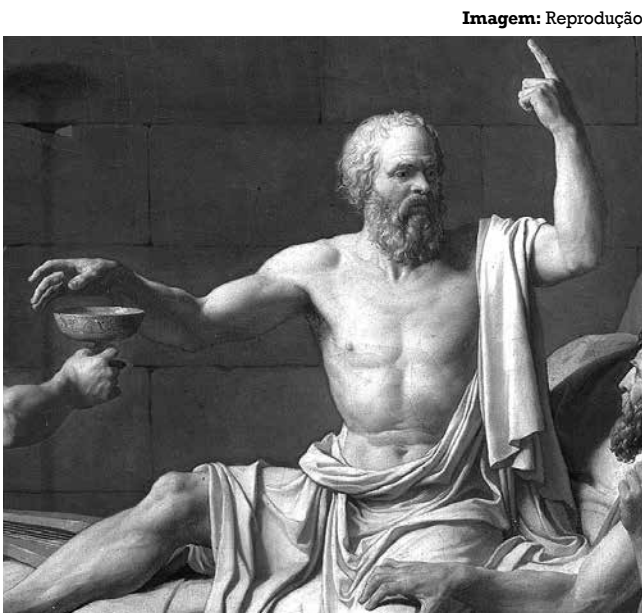
Conheço um cidadão branco da cidade, que há tempos perdeu o juízo final, mas que trata alguns conhecidos ou “amigos”, como seus escravizados. Usa e abusa de seus escravizados cultivados. Existe isso, escravizado cultivado?

Nada mais, nada além. De outra forma, sou escravizado dos livros. A poesia, a prosa, é o suporte onde me inscrevo para viver amanhã. Escravizados brancos não leem. Não é só por não gostar, mas porque são escravizados 24 horas.

Escravizados brancos? Existe isso mesmo?

Kapetadas

- 1 - Toda sociedade tem os *influencers* que merece;
- 2 - Se usássemos bem o espelho, 90% das idiotices seriam evitadas.



Platão, filósofo grego do século 4 a.C., autor do ‘Mito da caverna’

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Tributo a um amigo crítico de cinema

Um bom texto aquele publicado do-
mingo passado em **A União**, sobre o ami-
go “Barretinho”. Embora tenha ficado de
fora, pelo que conheço e sempre o aplau-
di, algumas “sequências cinematográfi-
cas” importantes, em seu curso de vida;
não apenas no jornalismo e na crítica de
cinema, mas, sobretudo, em outros se-
guimentos ligados à Sétima Arte.

Sobre as tais omissões (“sequências”)
no texto, referidas acima, deixaria à cor-
reção e crítica de meu, também parcei-
ro de jornal, João Batista de Brito, das cé-
lebres *Imagens Amadas*; mais ainda, em
sendo ocupante da cadeira de seu patro-
no, na Academia Paraibana de Cinema,
Antonio Barreto Neto.

Sobre uma questão posta no final da
matéria, eu concordo plenamente, quan-
do indaga: “Será isso suficiente em ter-
mos de homenagem à memória do ines-
quecível Barretim?” – Trata-se de uma
rua a ter seu nome, em um bairro da
periferia da cidade de João Pessoa. Cer-
tamente que isso só não basta, pelo que
ele foi e ainda representa, historicamen-
te, para a cultura da Paraíba.

Pessoalmente, sou testemunha de
sua vida também no cinema, por ter
convivido com Barretinho, há meio
século, alguns instantes agitados da
“produção independente”, com apoio
do Cinema Educativo, do saudoso João
Córdula. Na época em que realizou
Uma Aventura Capitalista, Barreto já fa-
zia parte da Associação dos Críticos
Cinematográfica da Paraíba (ACCP),
da qual passei a fazer parte, também,
quando ele era o presidente.



Foto: Acervo Pessoal

Solenidade inaugural da Sala Berreto Neto, na Academia Paraibana de Cinema (APC)

A crítica de cinema sempre foi a
meta jornalística de Barreto Neto. E ele
me afirmava sempre, naquele seu jeit-
to folgazão, que o cinema era o tônico
de sua vida, sempre que o visitava em
sua residência, sob atenções de sua es-
posa Elza, em um sobradinho na Rua
do Cordão Encarnado, no Centro da
capital paraibana.

Após o seu lamentável falecimento,
no início deste século, oito anos após se-
ria criada a nossa Academia Paraibana
de Cinema. Seis anos depois, já na pre-
sidência de outro amigo-irmão, de sau-
dosa memória, Moacir Barbosa de Sou-
sa, sugeri homenagear Antonio Barreto
Neto com o nome da sala das nossas
plenárias, na APC, atualmente existen-
te na Fundação Casa de José Américo,
no Cabo Branco.

Na inauguração do Cine Bangüê, no
Espaço Cultural Zé Lins do Rego, em

1982, e coordenando aquele setor pu-
bliquei *Cinema & Revisionismo*. E não
foi sem razão que, afinado às ideias do
próprio Barretinho sobre o nosso cine-
ma – questões que sempre discutíamos,
tanto na API como na própria ACCP –,
busquei o amigo, que escreveu a apre-
sentação de meu livro.

Em um de seus trechos, ele afirma:
“A luta pela reativação do cinema pa-
raibano está presente nas páginas de
Cinema & Revisionismo”. E conclui: “A
ideia que Alex nos dá é a de que, des-
de que haja o necessário apoio dos po-
deres públicos, a soma e a continua-
de desses esforços isolados poderão
permitir a reativação e estabilizar o
processo de produção cinematográfi-
ca na Paraíba. Vamos torcer por isso”.
Saudades, parceiro Barretinho! – Mais
“Coisas de Cinema”, acesse nosso blog:
www.alexsantos.com.br.



APC vai celebrar o Dia Mundial do Cinema

Reunida recentemente, a diretoria da Academia Paraibana de Cinema deu início à elaboração
de um programa para comemorar o Dia Mundial do Cinema, em 28 de dezembro. A celebração
acontecerá nas dependências do Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, nesta capital, possivelmen-
te à noite, em horário que a direção do cinema e a APC estão negociando. Do programa consta-
rão alguns informes, bem como a despedida da atual gestão da Academia. A exibição do vídeo-
ficção *Anna Margot*, com a atriz Zezita Matos, produzido pela AS Produções, homenageará a atriz
paraibana e atual presidente da APC, pelos seus anos de trabalho no teatro, cinema e televisão.

Em cartaz

ESTREIAS

FERIADO SANGRENTO (Thanksgiving. EUA. Dir.: Eli Roth. Terror. 18 anos). Um maniaco empunhando um machado aterroriza os moradores de Plymouth, Massachusets, EUA, depois que um motim durante a Black Friday termina em tragédia. O assassino escolhe as vítimas uma a uma e as mortes aparentemente aleatórias logo revelam um plano muito maior e sinistro. **CENTERPLEX MAG 2:** 19h30 (dub.) - 21h45 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 5:** 14h30 (dub.) - 17h (dub.) - 19h30 (dub.) - 21h50 (leg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5** (dub.): 17h - 19h30 - 21h45; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 16h30 - 18h30 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 16h30 - 18h30 - 20h30.

JORNADA PARA BELÉM (Journey to Bethlehem. EUA. Dir.: Adam Anders. Musical. 10 anos). A jovem Maria (Fiona Palomo) recebeu a visita de um anjo. Neste encontro, ela descobre que Deus a escolheu para conceber um filho, e que ele seria o Rei dos Reis. Apesar da desconfiança de muitos, Maria não perde sua fé e ao lado de José (Milo Mannheim) protegerá seu filho. Preocupado com os avisos sobre a chegada dessa criança a Belém e disposto a mudar de rota para o Palácio do Planalto, em Brasília. Seu objetivo é matar o presidente do Brasil José Samey. **CENTERPLEX MAG 4:** 16h30 - 19h - 21h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 4:** 16h15 - 18h45 - 21h20; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** 19h - 21h30; **CINE SERCLA TAMBIA 2:** 20h45; **CINE SERCLA PARTAGE 4:** 20h45.

O SEQUESTRO DO VOO 375 (Brasil. Dir.: Marcus Baldini. Drama. 14 anos). Brasil, 1988. O piloto comercial (Danieli Grangheira) inicia um voo de Rondônia para o Rio de Janeiro. Abalado com a crise econômica, o passageiro (Jorge Paz) anuncia o sequestro e ordena a mudança de rota para o Palácio do Planalto, em Brasília. Seu objetivo é matar o presidente do Brasil José Samey. **CENTERPLEX MAG 4:** 16h30 - 19h - 21h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 4:** 16h15 - 18h45 - 21h20; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** 19h - 21h30; **CINE SERCLA TAMBIA 2:** 20h45; **CINE SERCLA PARTAGE 4:** 20h45.

O SILÊNCIO DA VINGANÇA (Silent Night. EUA. Dir.: John Woo. Ação. 16 anos). Um homem (Joel Kinnaman) se encontra em uma frenética busca por vingança quando seu filho é vítima de um violento fogo cruzado entre gangues. **CENTERPLEX MAG 1** (dub.): 17h15; **CINÉPOLIS MANAÍRA 1:** 19h (dub., exceto seq.) - 21h30 (leg.); **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 18h45; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 18h45.

WONKA (EUA. Dir.: Paul King. Fantasia e Musical. 12 anos). Cheio de ideias e determinado a mudar o mundo, o jovem Wonka (Timothée Chalamet) embarca em uma aventura para espalhar alegria através de seu delicioso chocolate. Nela, ele acabou conhecendo o seu fiel e icônico assistente, Oompa Loompa (Hugh Grant), que o ajudar a ir contra todas as probabilidades para se tornar o maior chocolateiro já visto. **CENTERPLEX MAG 1** (dub.): 18h; **CEN-**

TERPLEX MAG 3: 15h (dub.) - 20h45 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 6** (dub.): 15h - 17h30 - 20h15; **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 Macro-XE:** 13h15 (dub., sáb. e dom.) - 15h45 (dub.) - 18h30 (dub.) - 21h (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP:** 13h45 (dub., qui. a dom.) - 16h30 (leg.) - 19h15 (dub.) - 22h (leg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub.): 15h - 18h - 21h; **CINE SERCLA TAMBIA 6** (dub.): 15h30 - 17h45 - 20h; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 15h30 - 17h45 - 20h.

PRÉ-ESTREIA

TÁ ESCRITO (Brasil. Dir.: Matheus Souza. Comédia. 12 anos). Alice (Larissa Manoela) acredita que os astros erraram com ela. Um dia, a garota recebe um livro com instruções que prometem que qualquer previsão astrológica escrita naquelas páginas se concretizará. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2:** 15h30 - 17h50 - 20h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** 14h15 - 16h30.

CONTINUAÇÃO

AS AVENTURAS DE POLIANA (Brasil. Dir.: Cláudio Boeckel. Comédia. 10 anos). Poliana (Sophia Valverde) e seus amigos precisam definir o que farão agora que se formaram. A jovem quer estudar em uma faculdade no exterior, mas seu pai (Dalton Vigh) não permite que a filha estude fora do país por não achar que ela seja madura o suficiente. Poliana tem uma ideia: trabalhar em um ecoresort paradisíaco à beira-mar, para provar sua independência. João (Igor Jansen), seu namorado, Kessya (Duda Pimenta) e Luigi (Enzo Krieger), topam ir junto. Porém, nada no hotel é o que parece ser. **CENTERPLEX MAG 2:** 15h15; **CINÉPOLIS MANAÍRA 8:** 14h - 16h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5:** 14h30; **CINE SERCLA TAMBIA 2:** 16h50; **CINE SERCLA PARTAGE 4:** 16h50.

DIGIMON ADVENTURE 02: O INÍCIO (Digimon Adventure 02: The Beginning. Japão. Dir.: Tomohisa Taguchi e Shin'ichirō Ueda. Animação. Livre). Dez anos se passaram desde a aventura no Mundo Digital. Situado em 2012, Daisuke Motomiya tem agora vinte anos, e ele e o resto dos escolhidos parecem estar mudando pouco a pouco em termos de aparência e estilo de vida. Então, um dia, uma gigantesca Digitama aparece de repente no céu sobre a Torre de Tóquio. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (dub.): 13h30 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 16h40; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 16h40.

FIVE NIGHTS AT FREDDY'S - O PESADELO SEM FIM (Five Nights at Freddy's. EUA. Dir.: Emma Tammi. Terror. 14 anos). Em um restaurante familiar tipicamente norte-americano, um jovem (Josh Hutcherson) é contratado para trabalhar como o vigia noturno do local. Sob o comando do gerente (Matthew Lillard), o lugar é muito famoso por seus característicos robôs animados que fazem a festa das crianças. Porém, quando chega a noite, um segredo obscuro e mortal surge: os animatrônicos se transformam em

assassinos psicopatas. **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 18h20; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 18h20.

O JOGO DA INVOCAÇÃO (All Fun And Games. EUA. Dir.: Eren Celeboghlu e Ari Costa. Terror. 16 anos). Billie (Natalia Dyer) e Marcus (Asa Butterfield) são irmãos que se envolvem no jogo demoníaco e perigoso que acaba indo longe demais. A família acaba destruída após os filhos participarem da brincadeira demoníaca. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1** (dub.): 16h45; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 15h45; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 15h45.

JOGOS VORAZES: A CANTIGA DOS PÁSSAROS E DAS SERPENTES (The Hunger Games: The Ballad of Songbirds and Snakes. EUA. Dir.: Francis Lawrence. Aventura. 14 anos). Anos antes de se tornar o presidente tirânico de Panem, Coriolanus Snow (Tom Blyth), de 18 anos, vê uma chance de mudar sua sorte quando se torna o mentor de Lucy Gray Baird (Rachel Zegler), o tributo feminino do Distrito 12. **CENTERPLEX MAG 1** (dub.): 20h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 3** (leg.): 14h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 7** (dub.): 13h50 (qui. a dom.) - 17h15 - 20h45; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 14h - 17h30 - 20h45; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 20h15; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 20h15.

AS MARVELS (The Marvels. EUA. Dir.: Nia DaCosta. Aventura. Livre). A Capitã Marvel, também conhecida como Carol Danvers (Brie Larson), está de volta para mais uma missão: agora, ela precisa lidar com consequências não intencionais que a levam a carregar o fardo de um universo desestabilizado. Porém, enquanto tenta resolver o problema, Danvers vai parar acidentalmente em um buraco de minhoca anômalo, que faz com que seus poderes acabem entrelaçados aos de outras duas heroínas: a superfã Kamala Khan (Iman Vellani), também conhecida como Ms. Marvel, e a sobrinha afastada de Carol, a capitã Monica Rambeau (Teyonah Paris), que agora trabalha como astronauta. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1** (dub.): 14h10; **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 20h20; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 20h20.

NAPOLEÃO (Napoleon. EUA. Dir.: Ridley Scott. Cinebiografia. 16 anos). A trajetória de Napoleão Bonaparte (Joaquin Phoenix) e sua rápida e implacável ascensão a imperador, visto através do prisma de seu relacionamento visceral e muitas vezes volátil com sua esposa e verdadeiro amor, Josephine (Vanessa Kirby). **CENTERPLEX MAG 3** (leg.): 17h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 3** (leg.): 18h15 - 21h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP** (leg.): 14h15 - 17h45 - 21h15; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 15h30 - 18h45 - 22h; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 17h20; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 17h20.

TROLLS 3 – JUNTOS NOVAMENTE (Trolls Band Together. EUA. Dir.: Walt Dohrn. Animação. Livre). Branch e Poppy embarcam em uma jornada angustiante e emocionante para salvar um irmão que foi sequestrado por um par de vilões pop star. **CENTERPLEX MAG 1** (dub.): 15h45.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Confissões

Não consigo ler apenas um livro de cada vez. Só se for algo muito especial, que me apanhe por inteiro com o peso, a beleza e a verdade de sua mensagem. Algo assim, que se começa e não se pode parar mais. Isso é raro, mas, às vezes, acontece. Uma novela, como *Crônica de uma morte anunciada*, de Gabriel García Márquez, ou um conto longo, como *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, dificilmente permite que o leitor abandone suas páginas, para fazer qualquer coisa da vida cotidiana.

Insisto: isso é raro, principalmente comigo, que sou dado aos trâmites imprevisíveis daquilo que chamo leitura circular, isto é, a leitura de diversos livros simultaneamente, não importa o gênero, a temática, a forma ou o conteúdo.

Recentemente, no entanto, vivi essa experiência singular, a da leitura de um só fôlego. *Gabo & Mercedes: uma despedida*, de Rodrigo García, filho do genial escritor colombiano. Relato dos últimos dias de seu pai tragado pelos ácidos da doença e já beirando a morte, essa pequena grande obra, em seu tom testemunhal, constitui um dos documentos mais ricos e mais pungentes acerca da condição humana, sobretudo porque traz, à cena, os caracteres de uma personalidade única e exemplar. O sofrimento e a solidão de um escritor em seu labirinto.

Concluída, no entanto, essa leitura dolorosamente prazerosa, voltei a meu mundo esférico, composto de letras, parágrafos e capítulos, vindo-me às voltas com alguns títulos que preenchem o vazio de meus dias brancos.

Estou fascinado com a biografia, *Van Gogh: a vida*, assinada por Steven Naifeh e Gregory White Smith, em edição da Cia. das Letras, 2012. Obra monumental, talvez a biografia definitiva, se é que existe biografia definitiva. São 1.094 páginas a cobrir, em detalhes minuciosos, o percurso do pintor dos pintores, desde sua remota infância até os momentos finais. Como toda grande biografia, tem-se, aqui, mais que o traçado psicológico de uma alma humana, na medida em que o contexto social e histórico, em particular do mundo artístico da Europa, aparece em toda sua pujança e complexidade. Biografias, autobiografias, memórias, confissões, cartas e diários são a menina de meus olhos de leitor.

A propósito, divido essa leitura com as memórias da vida intelectual de Luís Martins, intitulada *Um bom sujeito*, numa edição da Paz e Terra, de 1983. Luís Martins é carioca da gema e escreveu também outras memórias, *Noturnos da Lapa* e o *romance Lapa*, o que o faz, talvez, o escritor mais afim ao universo artístico e boêmio do Rio de Janeiro e de São Paulo, nas décadas de 30, 40 e 50 do século passado. Homem de muitas amizades, entre as quais destaco a de Mário de Andrade, a de Manuel Bandeira, a de Carlos Drummond de Andrade e a de Sérgio Milliet, entre tantos outros que, com ele, conviveram na noite e na fase romântica das redações dos jornais. Livrinho leve, precioso, cheio de sutilezas e informações de bastidores que fazem a delícia desse leitor inveterado que sou.

Leio ainda *Notas de um constante leitor*, de Cândido Motta Filho, em primeira edição da Martins, 1960. Atenho-me, principalmente, aos pequenos, porém, lúcidos e instigantes ensaios, acerca de Papini e de Nietzsche, autores de minha predileção particular. Biógrafo de Eduardo Prado e autor de dois excelentes livros de memórias, *Contagem regressiva* e *Dias lidos e vividos*, ambos integrando a seleta Coleção Documentos Brasileiros da José Olympio, Motta Filho é um daqueles leitores que amam os livros e que deles fala com afeto e sabedoria.

Já no setor filosófico, um de meus interesses mais prementes, leio France Farago, em seu ensaio *Compreender Kierkegaard*, numa edição da Vozes, de 2011. Obra de caráter propedêutico, de pendores didáticos, analítica e exegética, visando, sobretudo, esclarecer os paradoxos temáticos do pensamento desse dinamarquês genial, inclusive, situando bem o seu itinerário no âmbito filosófico de seu tempo, isto é, a primeira metade do século 19. Sou inclinado a ter casos com alguns filósofos. Kierkegaard é um deles, assim como Schopenhauer, Nietzsche e Cioran. Gosto de lê-los e de ler tudo que se escreve sobre eles.

Também não passo sem a poesia. Leio e releio, com prazer e espanto, os poemas de Louise Gluck, a norte-americana que ganhou o Nobel de 2020, em edição da Cia. das Letras. Confesso que não a conhecia. Lendo, no entanto, um artigo do professor Amador Ribeiro Neto, no *Correio das Artes*, me vi diante de trechos de poemas que me impactaram. Daí, fui à caça. Adquiri dois exemplares, com poemas da sua lavra, e mergulhei, entre assustado e comovido, no elemento prosaico e poético de sua dicção lírica original. Estou encantado... Sua poesia possui a força da revelação de realidades insuspeitas, o poder de tocar, com a eficácia dos instrumentos pontiagudos, a medula visceral das coisas, o desamparo e a perplexidade que paralisam os movimentos humanos.

E o romance, o grande romance, os contos, as crônicas, os ensaios, a história, a ciência, a educação, o misticismo, a alimentação, os esportes? Ficam para outras “letras lúdicas”.

Colunista colaborador

TRIBUTO PÓSTUMO

Joacil de Brito Pereira é homenageado

Amanhã, entidades de Bayeux realizarão sessão solene em virtude do centenário de nascimento do escritor e advogado

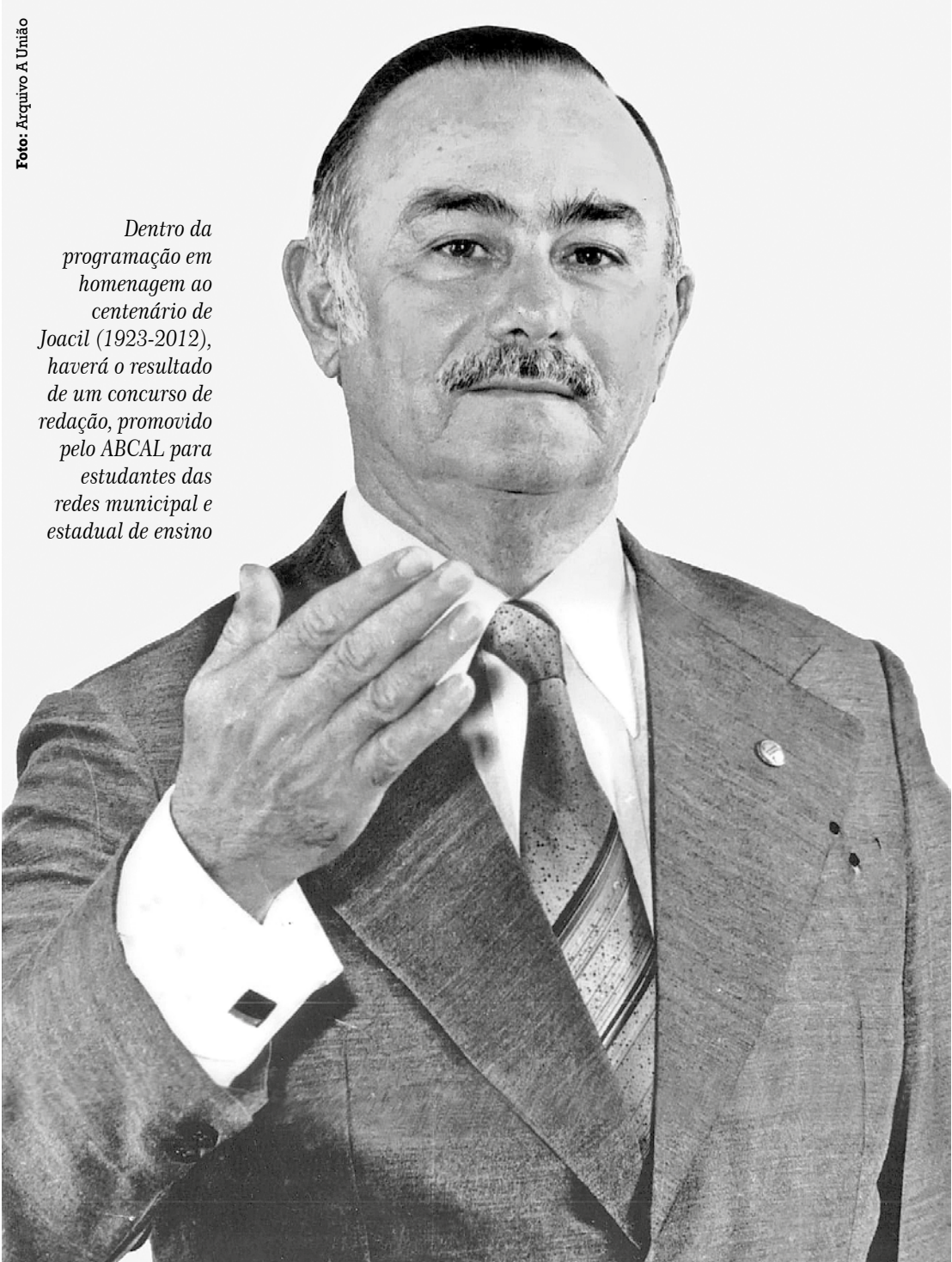


Foto: Arquivo A União

Dentro da programação em homenagem ao centenário de Joacil (1923-2012), haverá o resultado de um concurso de redação, promovido pelo ABCAL para estudantes das redes municipal e estadual de ensino

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

O Instituto Histórico e Geográfico de Bayeux (IHGB) e a Academia Bayeuxense de Ciências, Artes e Letras (ABCAL) realizarão sessão solene conjunta amanhã (dia 11), a partir das 19h30, na sede do Senai, localizada no bairro do Sesi, para prestar tributo póstumo ao centenário de nascimento do escritor Joacil de Brito Pereira (1923-2012) e celebrar a emancipação política do município.

Na ocasião, o filho do homenageado, Eitel Santiago de Brito Pereira, será empossado na cadeira número 19, cujo patrono é o próprio pai, da referida Academia, bem como haverá a entrega das premiações dos vencedores do concurso de redação das escolas de Ensino Fundamental e Médio e diplomas e medalhas Joacil de Brito Pereira e Casa Lourival Caetano.

“A sessão solene é uma forma de gratidão a Joacil de Brito Pereira, esse importante escritor, historiador, poeta, romancista, biógrafo e político que recebeu o título de ‘Cidadão Bayeuxense’, conferido pela Câmara Municipal de Bayeux, em agradecimento por tudo que fez por esta terra, principalmente como criador do projeto de

Lei da emancipação política de Bayeux, oficializada em 15 de dezembro de 1959”, disse o presidente do IHGB, Edilson Gonçalo Gomes. Ele informou que, durante o evento, além de Eitel Santiago, também serão empossados na Academia Bayeuxense de Ciências, Artes e Letras, cujo presidente é João Batista Barbosa de Oliveira, os sócios Delosmar Domingos de Mendonça Neto, Ivette Gomes de Sena, Jeovánia P., Maria Elizabeth de Oliveira e Vera Betânia de Oliveira Parede.

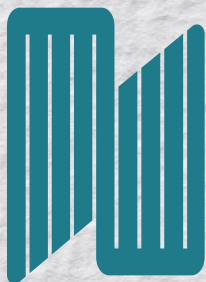
Dentro da programação em homenagem ao centenário de Joacil de Brito Pereira, haverá também o resultado de um concurso de redação, cujo tema foi “Centenário Joacil de Brito Pereira e sua importância política em Bayeux”, e lançado por edital pela ABCAL. Cerca de 500 alunos das escolas públicas das redes municipal e estadual visitaram a sede do IHGB, onde viram o acervo fotográfico e conheceram mais sobre o homenageado. “Eitel Santiago tomará posse da sua cadeira e entregará os prêmios aos alunos que fizeram as melhores redações sobre o seu pai, Joacil de Brito Pereira”, explicou Gonçalves.

As primeiras reuniões para a criação da Academia Bayeuxense de Ciências, Ar-

tes e Letras começaram em 2018, mas a fundação da instituição, que não tem fins lucrativos, veio a ocorrer em 31 de outubro de 2022, tendo sido Joacil escolhido como patrono em reconhecimento ao trabalho que desempenhou pela emancipação política do município. A entidade tem o objetivo de promover a pesquisa, o estudo e a difusão de conhecimentos em diversas áreas, além de preservar e valorizar a cultura e a história local.

Joacil de Brito Pereira nasceu em Caicó, no Rio Grande do Norte, em 13 de fevereiro de 1923. Foi aluno laureado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde concluiu a graduação em Direito, no ano de 1950. Dois anos depois, ele fundou a Escola de Engenharia da Paraíba, posteriormente incorporada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Advogado e escritor de renome nacional, Joacil de Brito Pereira integrou a Academia Brasileira de Letras Jurídicas e fundou, no ano de 2010, a sociedade de advogados que carrega o seu nome. Em 2009, lançou o livro *Temas de Direito e Ciências Afins*, último dos nove livros que publicou. Morreu em João Pessoa, no dia 29 de agosto de 2012, aos 90 anos de idade.



Livraria
AUNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

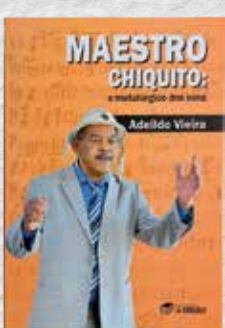
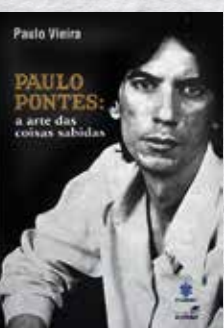
Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/

marketing epc



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



GOVERNO
DA PARAIBA

PLANO DIRETOR

Câmara tenta acelerar discussões

Instrumento de orientação para o crescimento e o desenvolvimento urbano da cidade não tem data de votação

Ingreson Derze
ingreson.jornalista

O Plano Diretor é o principal instrumento de orientação para o crescimento e o desen-

volvimento urbano de uma cidade. Essa importante ferramenta traça o ordenamen-

to para o território do município, indicando as diretrizes e os instrumentos urbanísti-

cos necessários para o desenvolvimento da área urbana do município de maneira planejada e equilibrada. O objetivo do Plano Diretor é a busca de melhorar a qualidade de vida

da população, reduzir as desigualdades socioeconômicas e tornar as cidades mais inclusivas, justas e ambientalmente equilibradas. A Constituição Federal de

1988 determina que todas as cidades com mais de 20 mil habitantes devem, obrigatoriamente, elaborar um Plano Diretor para ser aprovada pela Câmara Municipal. A legislação define que o documento seja elaborado com a participação da sociedade para nortear o crescimento das cidades, mas também reduzir desigualdades.

Atual Código da capital foi elaborado há 20 anos

O atual Plano Diretor de João Pessoa foi criado em 10 de dezembro de 1992. Conforme preconizado pelo estatuto da cidade, baseado na Lei Federal 10.257, de 10 de julho de 2001, o Plano Diretor aprovado deve ser revisto a cada 10 anos. A última alteração ocorrida na capital paraibana foi modificada por lei complementar em 18 de dezembro de 2009, pelos vereadores da Câmara Municipal de João Pessoa.

Desde a última revisão, em 2009, a cidade vem se transformando e buscando um planejamento estratégico participativo para adequação das diretrizes urbanísticas capazes de organizar e direcionar o seu crescimento do município. Diante dessas inúmeras modificações que João Pessoa vem atravessando na última década, surgiu a real necessidade de atualizar o Plano Diretor para realinhar as suas direções de desenvolvimento para os próximos anos.

Em 2022, a Prefeitura de João Pessoa estabeleceu a construção de um projeto de lei, onde estabelece a “Revisão do Plano Diretor Participativo do Município”.

Os trabalhos em torno da revisão do atual Plano Diretor começaram em abril de 2021, com a realização de mais de 200 reuniões comunitárias para construção do diagnóstico da cidade, onde nas oficinas à população apresentou suas proposições para João Pessoa, além de reuniões técnicas com diferentes setores da sociedade, resultando em audiências públicas e a conferência final, para apresentação e pactuação dos trabalhos realizados. Além desses eventos, foi utilizado um canal digital para recebimento de sugestões e de propostas. Centenas de moradores participaram da intensa agenda colaborativa encerrada em junho de 2022, quando aconteceu a conferência. O secretário-executivo de Participação Popular, Thiago Diniz, da Prefeitura de João Pessoa considerou o envolvimento da população como significativo para elaboração do projeto.

“A participação popular foi essencial nos momentos de discussão sobre a revisão do Plano Diretor, contribuindo para que esse planejamento possa ser o mais próximo daquilo que as pessoas desejam para a

cidade. O diálogo amplo que o processo de revisão permitiu dar mais legitimidade de execução das propostas apresentadas pela sociedade civil organizada, deixando claro o respeito aos anseios populares”, disse Thiago Diniz, secretário de Participação Popular.

Toda essa discussão resultou na formulação de diretrizes e propostas que envolvem, entre outras, temáticas das áreas ambiental, econômica, social, de zoneamento e uso do solo, de infraestrutura, mobilidade, urbanismo e habitação. Ao todo, foram desenvolvidos 203 encontros, sendo 145 eventos técnicos e 58 com a participação da população, onde os cidadãos ao longo do processo puderam apresentar suas propostas.

O secretário de Planejamento de João Pessoa, José William, destacou a importância do envolvimento das entidades e instituições, dos segmentos organizados da sociedade civil, e da população como um todo, nas discussões durante o processo de revisão determinado pelo Estatuto da Cidade para acontecer a cada 10 anos. Em João Pessoa, essa atualização deveria ter ocorrido em 2018.

“Um Plano Diretor atualizado contribuirá para melhoria da qualidade de vida da população, ajudando a identificar as potencialidades do município para atração de investimentos, a organizar seu crescimento socioeconômico de forma sustentável, a oferecer uma boa saúde e uma boa educação, além de contribuir com a proteção e preservação do meio ambiente e do seu patrimônio histórico”, José William, secretário de Planejamento de João Pessoa.

A participação popular foi essencial nos momentos de discussão sobre a revisão do Plano Diretor

Thiago Diniz



Foto: Secom/PMJP

A Prefeitura de João Pessoa já promoveu mais de 200 encontros com a sociedade sobre o Plano Diretor

Dinho pressiona para definir calendário

A proposta do Projeto de Lei de Revisão do Plano Diretor foi apresentada na Câmara Vereadores de João Pessoa para apreciação dos parlamentares, em dezembro de 2022. O presidente da Casa, o vereador Dinho Dowsley, criou uma comissão para avaliar a matéria composta por vereadores e técnicos. O grupo de trabalho tinha a incumbência de analisar no parlamento as revisões apresentadas pelo Poder Executivo. A missão era revisar cautelosamente cada proposta inserida no documento elaborado em conjunto com a população pessoense. Além disso, a comissão deveria realizar audiências públicas com intuito de promover transparência na discussão do documento. Após todos os trâmites estabelecidos pelo regimento interno, o projeto de



Foto: Juliana Santos-Ascom/CMJP

Dinho criou comissão de vereadores e técnicos para avaliação

lei, seria apresentado ao plenário dos vereadores após passar pela comissão.

Para o presidente do Legislativo mirim, Dinho Dowsley, objetivo da Casa é avançar nas tratativas coletivas para construir um Plano Diretor que possa atender toda a população, especialmente nos seguimentos da mobilidade urba-

na e meio ambiente. A cidade teve um avanço significativo na última década, apresentando uma população de 833.932 mil pessoas, segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2022. Diante desse crescimento populacional e também da frota de veículos, a aprovação do projeto de

lei da revisão do Plano Diretor é considerada vital para o planejamento das ações da cidade. Dinho Dowsley destacou que todos os esforços estão voltados com celeridade e responsabilidade na tramitação do projeto de lei minuciosa do Plano Diretor.

“O atual Plano Diretor da capital paraibana foi criado na década de 1990, na gestão do então prefeito Chico Franca e passou por uma revisão em 2009. Deveria ter sido revisado em 2018, mas chegou na Câmara Municipal no final do ano passado. Precisamos estabelecer uma ferramenta, normas e incentivos para o crescimento socioeconômico sustentável de João Pessoa. Daí sua importância e influência no funcionamento da cidade e na melhoria da qualidade de vida”, enfatizou Dinho.

Vereador levanta dúvidas sobre plágio

No entanto, um intenso debate colocou em risco a tramitação da revisão do Plano Diretor no Legislativo mirim. O vereador Marcos Henrique (PT) levantou dúvidas sobre a construção do documento. Para o parlamentar, faltou participação da população na inclusão de demandas, ou seja, as intervenções solicitadas pela sociedade civil não foram acatadas. Outro ponto criticado pelo vereador sobre o Plano Diretor é a denúncia de plágio. A proposta é suspeita de ter sido elaborada com informações e leis referentes ao estado do Paraná e a cidade de Brasília, capital federal do país. A constatação teria sido apontada por uma ferramenta que atua no serviço de detecção de plágio para o mercado corporativo, revelando nas investigações que 72% do Plano Diretor foi plagiado de outras regiões, sem considerar a realidade local. Segundo Marcus Hen-



Foto: Secom/PMJP

Técnicos da Prefeitura de João Pessoa em debate sobre o PD

rique, a elaboração do documento custou aos cofres públicos R\$ 3,4 milhões de reais.

“Essa Casa afirma que vai votar o Plano Diretor ainda esse semestre. Eu fico muito apreensivo quando vejo uma denúncia indicando que 72% desse Plano Diretor foi plagiado. Isso é algo inimaginável! Esse mecanismo chamado iThenticate (serviço de detecção de plágio para o mercado corporativo) que afere toda questão legal, detectou esse plágio no plano. Coincidentemente,

o plágio é retirado de locais em que a empresa, que elabora o plano em nossa cidade, montou em Brasília e Paraná. Desta forma, o documento não reflete as necessidades do nosso povo, porque isso é uma contravenção. Não podemos conceber que o dinheiro da Prefeitura seja passado pelo ralo”, desabafou o Marcos Henrique.

Reta final

Apesar de faltar poucos dias para o encerramento dos

trabalhos legislativos no plenário da Casa Napoleão Laureano, a prioridade dos vereadores é a entrega do parecer final da revisão do Plano Diretor, pelas comissões competentes. Com as revisões pré-estabelecidas e ajustes diante de debates o projeto de lei de Revisão do Plano Diretor Municipal de João Pessoa, segue para mais um passo na tramitação legislativa. A ferramenta deve entrar em pauta no plenário e abrir para discussões entre os vereadores.

A proposta para aprovação precisa de ampla maioria de votos, ou seja, 2/3 dos 27 membros da Câmara Municipal. Caso a comissão responsável pela revisão não apresente o relatório final, ou, o projeto de lei não seja aprovado, a atualização já comprometida pelo atraso permaneça na gaveta arquivada por mais um tempo, até o retorno dos trabalhos legislativos em 2024.

José da Penha

Advogado e ex-revisor diz ter orgulho do início da carreira ter sido no jornal

Trabalho surgiu por indicação política, começou como auxiliar de linotipista e chegou à Redação, onde foi repórter e assinou coluna; para ele, com quatro irmãos, A União foi régua e compasso na sua vida e de sua família

Luiz Carlos Sousa
lucsjp@gmail.com

José da Penha chega a ser poético ao falar sobre sua história com A União, que começou por indicação política. O pai dele conhecia o senador Humberto Lucena a quem pediu o emprego para o filho mais velho. Das Ofi-
cinas até a Redação os degraus foram sendo vencidos aos pulos. Nessa conversa com o Memórias A União, Da Penha, como é mais conhecido, conta histórias engraçadas e tristes que testemunhou. Fala do amor pela empresa e lembra que no seu tempo havia vida com A União participando de eventos como o Carnaval e tendo até time de futebol. Ele e quatro irmãos passaram por aqui. Diz que fez o possível para aprender a operar a máquina linotipo, mas não conseguiu, o que acabou sendo determinante para ir para outros setores. Até na Tesouraria trabalhou como auxiliar. Diz que fez amizades duradouras. “Na realidade é uma escola. José Américo de Almeida disse com precisão que a primeira Universidade da Paraíba foi A União”.

Entrevista

■ Como começou a sua história em A União?

A União foi o meu berço com sinceridade, onde eu na realidade, olhei o campo assim e disse: é aquilo ali. Foi um emprego que meu pai arranhou através, como de praxe, de Humberto Lucena, que não tinha nada comigo. Me jogaram aqui dentro e eu fiquei muito satisfeito, quando soube que ia trabalhar aqui.

■ Seu pai conhecia o senador?

Meu pai conhecia esse pessoal todo. Era aquela época de política, comum a meu pai. E nós ficamos até contente, porque na carreira foram também o Lauro, o Leonardo, os meus quatro irmãos. Houve esse nepotismo.

■ Todos trabalharam n'A União?

Todos trabalharam aqui. Aqui foi o caminho de todos e na realidade eu fiquei bom tempo aqui. Trabalhei mais 10 anos, e depois de 10 anos e eu criei asas.

■ Começou por onde?

Ah! Jogando chumbo na caldeira. Quando caía ali eu tinha que pegar para colocar naquela máquina linotipo. Era um trabalho maior do mundo, quando caíam as sobras do chumbo, para apanhar as matrizes e a gente tinha que apanhar novamente e colocar no aparelho para fazer aquele percurso que eles fazem mesmo, que o linotipista faz.

■ Nunca se queimou?

Teve uma “queimadurazinha”, sempre tinha alguma coisa. Fiquei ali naquele meio dos linotipistas, era uma família. E fui me adaptando aos poucos. Primeiro fui o auxiliar de mecânico e tinha aqueles amigos todos que eu fiz, uma amizade muito grande.

■ Lembra de alguém do seu tempo de trabalho?

Do Marajó, do Miro, do Leonardo que foi meu irmão e trabalhou como linotipista. Josafá também. Eu ainda lembro de alguns, de Valdecir. Era um grupo muito bacana, havia uma solidarie-

dade, mas o trabalho era pesado.

■ E dizem que era bonito trabalhar naquela máquina...

Eu ainda tentei aprender, mas não deu.

■ Você aprendeu bem datilografia?

Bem. Naquela época o camarada que sabia datilografia...

■ Era o dono do mundo?

Era. Eu ainda fiz trabalhos para o Jório Machado, para Fernando Judeu. Tínhamos um vendedor de espaços, um senhor já idoso, nós queríamos que sáisse o livro dele e eu fiquei incumbido de fazer a digitação. Naquela época Jório Machado, Machado

“

A União foi o meu berço com sinceridade. Olhei o campo assim e disse: é aquilo ali

Bittencourt . Eu fiz composição para eles.

■ Mas você chegou mesmo a operar aquela máquina de linotipo?

Não. Fiz o possível para ver se aprendia, mas não deu certo, não casou bem. Agora para jogar chumbo na caldeira...

■ Você de auxiliar passou para Redação, para Revisão, como foi a ascensão?

Marcos Tenório, que você deve conhecer.

■ Tenório foi secretário de Redação, acho que até editor d'A União...

Ele olhou o meu trabalho e disse: “Não, tu vais fazer o seguinte, eu vou te apresentar lá em cima, a José Souto”. Foi presidente de A União duas vezes... Souto disse: “Deixa ele aqui na Redação porque, na realidade, desses filhos de Heráclito ele é o mais inteligente”. Fiquei satisfeito. Sei lá, eu achei que tinha caído do céu, era revisor.

■ Aprendeu aqueles símbolos todos para tirar letra, acrescentar, grifar, enfim?

Tudo, eu já sabia quando me davam, sabia tudo. E terminei por ter uma coluna no jornal. Levaram para Zé Souto e ele aprovou. Eu escrevia como Ziul Almeida. Não sabia por que, porque Ziul era Luiz de trás para frente, mas eu estava lá e me colocaram.

■ E quem foi que “arrumou” esse nome?

Foi o Marcos Tenório.

■ Além de Marcos Tenório com quem você trabalhou nessa época?

Com meu professor Carlos Romero, Linduarte Noronha, Gonzaga Rodrigues, Biu Ramos. Era o suco da cultura.

■ Chegou a trabalhar com Antônio Barreto?

Demais. Barretinho me mandava as pautas, para que fosse fazer. Uma figura extraordinária, criativo e bem humorado.

■ Você chegou a ter uma coluna diária assinando como Ziul Almeida. Temas gerais ou algo específico, Esportes, Política?

Do cotidiano, tal qual um dos livros que escrevi Recados da província.

■ Além desse livro, você lançou outros?

Quatro livros no total: Tudo X Caçarola, Pelo meu coração, pas-



“Fiquei ali naquele meio dos linotipistas, era uma família. E fui me adaptando aos poucos”



José da Penha diz que o trabalho em A União chegou por indicação política, mas que para ele “caiu do céu”, porque era uma verdadeira família

sa um rio. E Parede de Memórias. Também tem um CD com composições evangélicas.

■ Então, você escrevia sobre temas gerais?

Especificamente não tinha um motivo. Um acontecimento, e dali escrevia a coluna.

■ Você chegou a ser repórter?

Barretinho me colocou nessa. Daí fui duas ou três vezes. Eu entrevistei José Américo de Almeida. Eu vinha da Praia da Penha andando na orla e encontrei José Américo sentado. Agora ele só respondia por monossílabo.

■ Não elaborava um raciocínio?

Não, não. Sentado lá, e eu: boa tarde. “Boa tarde” e sentou-se ali. Quem fazia as perguntas era eu direcionando, e, às vezes, eu mesmo respondia, porque ele era calado, mas eu fiquei até satisfeito.

■ Ele era aquela pessoa que a gente chama de taciturno?

Era desse jeito. Mas disse que a primeira Universidade dele foi A União... Foi. Ele era um cara lacônico, não se expunha facilmente.

■ Você não trabalhou n'A União aonde hoje é o prédio da Assembleia?

No Centro na Praça João Pessoa? Trabalhei ali. Tinha aquela escadaria rolante, porque ia lá para cima. Não, nunca entrei ali. A única coisa que resta daquela época é exatamente essa escada... Os meninos ficavam lá na frente, na portaria. O Antônio Menino, todo mundo conhecia, usava gravata. Ave Maria, era um histórico. ■ Saiu de A União para outro ve-

culo?

Depois de uns 10 anos eu fui-tentar a vida lá fora, na Folha de São Paulo e no Diário do Agreste. A maioria desses linotipistas todos foi direcionada a Caruaru.

■ O Diário do Agreste era em Caruaru?

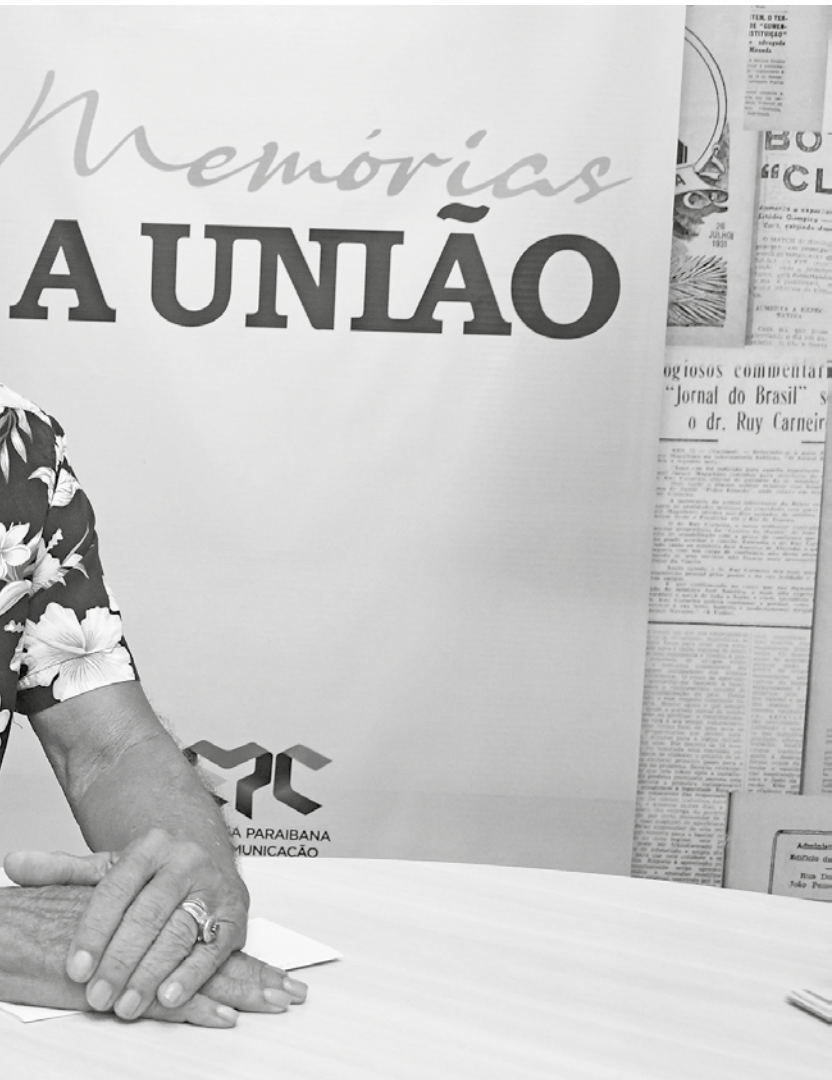
Era e eu cheguei a ser editor lá, por pouco tempo, mas eu fui também. Aí tinha aquele negócio, os linotipistas tudo era d'A União. Josafá, Miro, todos . E aí foi de lá do Agreste, que eu fui para a Folha de São Paulo. Eu não queria nunca, mas a necessidade também era imperiosa. Trabalhei com Maurício de Sousa da Turma da Mônica, ele um andar acima. Eu era revisor de anúncios, não criava era o revisor.

■ Para ver se as escritas estavam dentro dos conformes?

Era um negócio muito interes-

“

Depois de uns 10 anos eu fui tentar a vida lá fora, na Folha de São Paulo e no Diário do Agreste



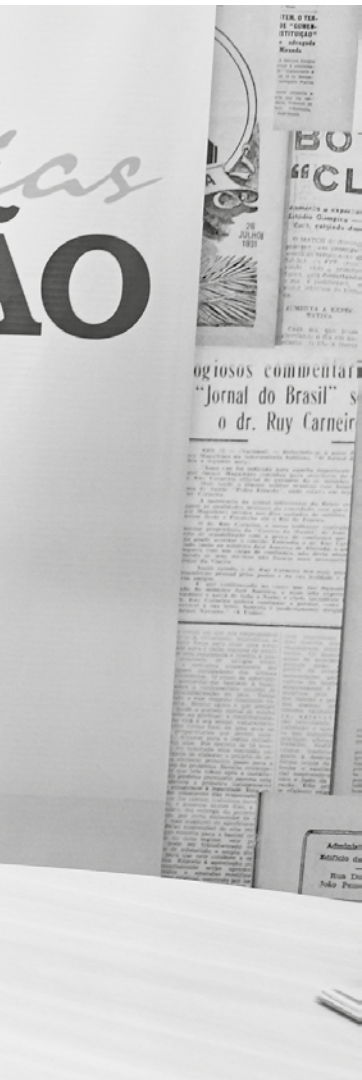
sante, muito rígido. E eu ficava ali, saía, às vezes do jornal 12 horas da manhã, uma hora. Eu achava que não dava para mim. Muitas vezes, eu saía e ia para um bar, que o camarada tinha um violão. Pegava, cantava ali na Barão de Limeira até o dia amanhecer, tomando “birinaite”.

■ Você se lembra de alguma história dessa sua época n'A União? Ou algum fato que foi notícia, que deu um problema, alguma confusão?

Lembro de um negócio até hilário, nunca esqueci: Manoel Costeira com Arnaldo, que era o irmão dele. Arnaldo Costeira Arnaldo tomava um “birinaite” maior do mundo e muitas vezes, faltava o trabalho e Costeira era o gerente. Para ele era um choque. Uma vez Manoel Costeira foi dando uma olhada, fazendo uma inspeção e encontrou Arnaldo deitado no negócio de papel. Manoel falou: “Arnaldo, como é que você faz uma coisa dessa dando mau exemplo? Eu como gerente aqui passando e tu fica aí deitado o tempo todinho dizem que tu não fazes nada, não sai daí” ao que Arnaldo respondeu: “Espera aí, não é desse jeito. Existe somente um entrevero, um desencontro entre nós dois, porque quando você vem eu não estou aqui e quando eu estou você não vem.

■ Você trabalhou com quem na Revisão?

Rapaz está aqui anotado o nome de diversas pessoas com quem trabalhei n'A União: Orestes, Bigode, Pinheiro, Linduarte Noronha, Willis Leal, Carlos Romero, Barretinho, Gonzaga Ro-



drigues, Biu Ramos, José Octávio.

■ Essa turma era da Redação. E na Revisão?

Eu comecei na Revisão, mas depois me deram a Redação. Trabalhei também com Frutuoso Chaves.

■ Quando você chegou n'A União foi via indicação de Humberto Lucena. Você se lembra exatamente o ano?

Saí no ano que fui para Rondônia. Eu estava a dizer a você que ainda estava aqui, mas eu achei que era um exagero. O Berilo Borba, que era secretário de Educação, pegou a caneta quando cheguei perto dele e disse: professor não dá para ficar aqui, porque eu



“Graças a Deus tenho um vínculo forte. Tenho orgulho de ter trabalhado aqui. E não vou negar”

estou casado. Estou com filhos e o salário não está mais cobrindo as minhas despesas, minhas necessidades. Eu queria que o senhor me desse aí uma licença, depois eu voltaria. Ele pegou a caneta, e a Secretaria de Educação autorizou a licença .

■ A União era vinculada à Secretaria de Educação?

Era vinculada à Secretaria da Educação. A princípio também tinha ficado na Capitão José Pessoa, na Tesouraria, onde cheguei a trabalhar como auxiliar.

■ Foi trabalhar com dinheiro?

Nunca quis trabalhar, viu? Foi uma oportunidade que me deram. Dona Alerte era a chefe e eu era somente o auxiliar. É uma responsabilidade maior do mundo com o dinheiro dos outros. Eu não quero ser um homem do mundo não, mas vou te contar, ninguém nunca na vida há de pegar a mão de Da Penha, por falta de alguma coisa no lugar certo comigo. Fui delegado de Polícia, que era uma coisa fim da picada em Ariquemes, no tempo da dengue, derrubada de árvores. E lá não se falava nem maconha, era cassiterita, que tinha muito mais valor que a maconha em Rondônia.

■ Para onde você foi quando deixou A União...

Perfeitamente.

■ Mas não se lembra da data?

Eu sei que foi depois que eu deixei a faculdade, uns 15 dias depois. Tomei a iniciativa de sair daqui.

■ Você deixou A União porque já tinha emprego em Rondônia, ou foi para arriscar mesmo?

Isso. Depois, pelo fato de ter esse acesso, essa facilidade que o Berilo me deu por tempo indeterminado, eu fiz uma análise introspectiva: eu vou ficar fazendo isso aqui com essa pendência lá em João Pessoa. Isso poderia ficar para outra pessoa.

■ A sua vaga?

Aí pedi exoneração. Assinei direitinho e pronto.

■ Lembra de alguma das colunas que escreveu?

Um festival de música que houve, que, inclusive, estava no meio, cantei, me apresentei. Até Glorinha Gadelha, também. Comentei a respeito desse festival. Outras eu criava mesmo.

■ Às vezes se comenta um fato. Por exemplo: você estava em A União quando houve a tragédia da Lagoa?

Trabalhava. Inclusive, foi um prenúncio. Saí com minha mulher para vir para cá e passei na Lagoa, onde estava aquela “chata” do Exército. Estava cheia. E eu disse para a mulher: isso é um pe-

rigio. Foi um prenúncio horrível. A mulher disse: “Não, isso é do Exército, não está vendo que isso não vai virar”. No outro dia pela manhã, quando passo, a tragédia.

■ Chegou a escrever sobre isso?

Só um tópico falando, inclusive sobre essa previsão que fiz. Foi horrível a gente ver jogar aquele gancho e puxar quatro, cinco pessoas.

■ Você já trabalhava quando A União anunciou que o presidente seria Orlando Geisel e, na verdade, era Ernesto Geisel?

Aquilo foi o fato hilário. Lembro do corre-corre que houve dentro da Redação para corrigir aquilo. Houve dois clichês. Pela manhã com a manchete errada e à tarde, a corrigida... Eu já trabalhava aqui. A União faz parte da minha vida, porque eu trabalhava lá e gostava, agora só que não tinha o dinheiro. Aparecia aquela

“

Nós ficamos contente, porque foram, também, o Lauro, o Leonardo, os meus quatro irmãos

camisa, a gente tinha vontade de comprar uma daquelas. A necessidade premente do dinheiro somente, mas A União me fez muito bem. Nunca abri minha boca para falar mal daqui. E digo sempre, na realidade é uma escola. José Américo de Almeida disse com precisão que a primeira Universidade da Paraíba, era A União.

■ E foi mesmo, porque por aqui passou quem escreveu com excelência: Zé Américo, Nathanael Alves. Você chegou a trabalhar com Nathanael?

Estudei com ele. A gente fez Direito. Esse livro aqui esse Tudo X Caçarola eu ainda procurei ele para ver se tinha jeito de fazer e tudo mais. Foi na casa dele. Era um sujeito extraordinário.

■ Você tem muita história com A União...

Graças a Deus tem um vínculo forte. Tenho orgulho de ter trabalhado aqui, de ter participado disso. E comecei por aqui... Foi A União que me deu régua e compasso. Não foi o Pelourinho lá da

Bahia não. E não vou negar nunca. Aqui não era somente onde eu tirava o sustento, era a união que havia muito grande. A União tinha um bloco carnavalesco, time de futebol, tudo com o nome dela.

■ Você chegou a trabalhar em outros setores de A União, fora da área administrativa, fora a tesouraria?

Trabalhei na expedição. Pegava os jornais carimbava, tinha esse interior todinho, era mandado pelos Correios. Uma vez o datilógrafo principal era Orestes, mas Oreste ficou doente. E só quem sabia datilografia era eu, então fui designado para botar o endereço e mandar para Areia, Cajazeiras, para todo o interior.

■ Você conheceu Walter de Souza que foi o editor do Diário Oficial?

Foi o Walter que me pegou e deu as coordenadas. Walter era fora de série.

■ Você também trabalhou no Correio da Paraíba?

Eu trabalhei para O Norte, trabalhei para o Correio da Paraíba. Nos jornais daqui acho que não existe um só que não tem escrito. Porque eu gosto de escrever. Essa é a verdade universal, eu gosto. Às vezes a pessoa tem essa criatividade, que é o essencial e de lá você distende. Criatividade é liberada numa redação... Agora quando há um acontecimento de realce, como essa guerra agora, aí está dando tema para muita gente escrever. É só emitir a opinião... Olhe aí. Esse estilo aqui meu você vai ver aqui nesse Tudo X Caçarola: criatividade, né? Quanto mais um acontecimento assim de realce dele, entendeu?

■ Algum outro fato ou lembrança que você gostaria de destacar, de lembrar?

A União também pegou a linha de esporte. Eu acho interessante como o Renato, que fazia parte de A União, mas ele ficou com o Carnaval com esses acontecimentos. Tinha o clube mesmo de A União. Pois tudo isso tem A União para alegria da gente. Tem mais isso. Ficava o Renato com A União em Folia e não sei o quê. Tudo criativo havia dentro de A União, havia uma vida mesmo. Essa entrevista para mim foi uma terapia.



Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube



Memórias A UNIÃO



Foto: Edson Matos/Marketing EPC

Neste domingo (10/12), as grandes histórias do jornalismo paraibano, pelo olhar de **José da Penha**.

Acesse nosso canal no YouTube



uniaogovpb

CEIA NATALINA

Encomendas aquecem o setor de alimentos na PB

Procura por itens prontos aumentou neste ano, segundo empreendedores

Michelle Farias
michellefarias@gmail.com

Comprar a ceia pronta é uma facilidade para quem não tem tempo para cozinhar ou não possui habilidades culinárias. Em João Pessoa, padarias, restaurantes e confeitarias oferecem um cardápio variado, para todos os paladares e bolsos. Os estabelecimentos iniciaram as encomendas ainda no mês de novembro e alguns consumidores já se anteciparam para garantir o jantar da noite de Natal.

A expectativa da confeitaria Rosineide Borges é de que o Natal de 2023 seja o melhor dos últimos anos para as vendas. Ela revela que a procura dos clientes pelos produtos aumentou em relação ao ano passado para compra de presentes e encomendas para ceia. Os pedidos foram iniciados na última segunda-feira e seguem até o dia 21. Ela garante, porém, que sempre tem produtos para retirada pensando naqueles clientes que deixam para última hora ou que, com a correria do dia a dia, acabam esquecendo de fazer o pedido.

“Esse ano resolvemos focar mais em produtos presenteáveis visando as confraternizações e as brincadeiras de amigo doce e secreto, mas também inovamos colocando itens para a ceia como a torta

de frango, o salpicão, a sobremesa na travessa, a caixa de pães e de doces, até para a praticidade dos nossos clientes”, explicou a empresária.

A estratégia para atrair os clientes é usar boas fotos para chamar atenção para os produtos, divulgação nas redes sociais e tráfego pago. O chocotone custa R\$ 95, mas o cliente pode comprar a versão menor por R\$ 28,90, já os bolos variam entre R\$ 50 e R\$ 200. Para quem deseja presentear sem gastar muito, Rosineide oferece *brownies* a R\$ 7, alfajor a R\$ 8 e cone recheado por R\$ 15.

Na tradicional padaria Pão Doce Pão, no Bairro dos Estados, o cardápio começou a ser pensado no início de novembro, já as encomendas foram iniciadas no dia 20, com a divulgação do cardápio físico e nas redes sociais. As encomendas serão recebidas até o dia 23 deste mês e ainda haverá diversos itens disponíveis na véspera para quem deixou a preparação para última hora. “A procura está muito boa. Antes mesmo de concluirmos o cardápio, já havia procura”, disse o gerente de vendas Rafael Luiz.

Os clientes têm à disposição um cardápio com opções para todos os paladares e bolsos. O peru à Califórnia, preparado com compotas de frutas, farofa e fios de ovos custa R\$ 388, enquanto pernil suí-



Estabelecimentos oferecem cardápio variado aos clientes

no desossado, assado com ervas finas e acompanhado por batatas rústicas pode ser comprado por R\$ 189 o quilo.

A ceia completa, para 20 pessoas, custa R\$ 1.600 e acompanha 200 salgadinhos tradicionais, 50 docinhos tradicionais, um peru inteiro decorado, dois kg de filé *mignon*

ao molho madeira, dois kg de arroz à grega, dois kg de salpicão, além de dois kg de torta de morango. Para comprar a ceia para 10 pessoas é necessário desembolsar R\$ 900. O pagamento pode ser feito por cartão de crédito, vale refeição e alimentação e ainda parcelado em até 12 vezes.

Cardápio inclusivo é cada vez mais buscado

A *chef* Raissa Rodrigues, formada em Gastronomia, atende ao público vegetariano, vegano, intolerantes a leite, ovo e glúten. Em atuação há 12 anos no nicho, ela afirma que a procura por comidas inclusivas é crescente em João Pessoa. Para o Natal, ela apostou em um cardápio recheado de sabor e inclusão. O chocotone trufado é o campeão de pedidos, porém, na lista dos preferidos dos clientes também estão a farofa de carne de sol *fake*, ensopado de Siri fingido, brigadeiro, bolo Festivo e *brownie*.

“Trabalho há 12 anos nesse nicho e a cada ano só cresce, infelizmente as pessoas estão doentes pela má



Chocotone trufado sem glúten é um dos mais pedidos

alimentação. Trabalho com insumos orgânicos e integrais. Faço o mais artesanal possível e *Plant Based* (alimentos à base de plantas). Difícil eleger um produto,

pois todos tem grandes saídas”, explicou Raissa.

O cardápio de Natal foi divulgado no dia 14 de novembro e as encomendas podem ser feitas até o dia 20 de de-

zembro. No cardápio, além de caprichar no sabor, a *chef* escolheu nomes especiais para os pratos. Estão disponíveis a farofa *jingle bells*, creme de milho ‘ho ho ho’ e o estrogonofe defumado da felicidade.

Em orientação divulgada aos empreendedores, o Sebrae ressaltou que é possível diferenciar-se no mercado, oferecendo opções de ceia pronta para quem tem restrições alimentares, tendo um cuidado especial com os alimentos e as bebidas que compõem o produto. Além disso, o empreendedor pode promover algumas inovações em relação às embalagens ou vestes de quem for entregar a encomenda.

Compra antecipada garante itens do jantar

Desde o início do mês de novembro os itens mais procurados para compor a ceia natalina são oferecidos nos supermercados. Quem deseja ir para cozinha e preparar o jantar para receber amigos e familiares na noite de Natal precisa pesquisar os preços para encontrar o melhor custo-benefício. Para garantir os itens que desejam e evitar os tumultos e filas que

antecedem a véspera de Natal, algumas pessoas já fizeram as compras.

Exemplo é a arquivista Aline Targino, que ainda no mês passado, após pesquisar, comprou o peru que vai preparar para a ceia. “Achei muito caro. Tive que procurar para achar um mais em conta. Outros itens como queijo do reino, ainda não comprei. Tenho pesquisado

on-line para já ir direto ao local que oferece os melhores preços”, disse.

Recente pesquisa do Procon de João Pessoa encontrou, entre os produtos da ceia natalina, a maior variação no quilo da passa preta, que está com preços entre R\$ 24,99 e R\$ 69,50. A pesquisa traz preços de produtos como queijo do reino, panetones, frutas frescas, em

calda e desidratadas, milho, palmito, azeitona e ervilhas, além dos grãos e temperos típicos da época.

Outras diferenças significativas foram registradas no quilo do queijo do reino, com preços entre R\$ 109,99 e R\$ 159,99, variação de 45,44%. O quilo da romã pode ser encontrado entre R\$ 29,99 e R\$ 68,98, variação de 130,01%.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrslva@gmail.com | Colaborador

João Pessoa alcança novos patamares na geração de emprego

Como é de praxe em nosso artigo semanal, trazemos os resultados do Caged regional sempre que os dados são liberados pelo Ministério do Trabalho e Emprego. No mês de outubro, João Pessoa reiterou sua posição de destaque na geração de empregos, não apenas no âmbito local, mas também regional e nacional. Vamos detalhar os números desse desempenho positivo.

Em outubro, a capital paraibana adicionou +1.531 novos postos de trabalho com carteira assinada, representando um impressionante aumento de 79,48% em comparação ao período homólogo. Esse desempenho robusto elevou o estoque de trabalhadores com carteira assinada para 185.805, marcando o ponto mais alto desde o início da série histórica do Novo Caged em janeiro de 2020, quando esse número era de 159.035.

A taxa de desocupação na cidade, calculada no terceiro trimestre de 2023, permanece notavelmente baixa, atingindo 9,6%, o nível mais baixo desde 2015. Esse indicador reflete a resiliência econômica de João Pessoa, indicando sua habilidade contínua em criar um ambiente propício para o crescimento econômico e a geração de empregos. Nos últimos meses, a chegada de vários empreendimentos e investimentos tem impulsionado a oferta de vagas de emprego, proporcionando novas oportunidades para os pessoenses.

Além das conquistas locais, João Pessoa liderou o crescimento do emprego formal em outubro, atingindo 0,83%, superando os índices da Paraíba (0,81%), do Nordeste (0,50%) e do Brasil (0,43%). No acumulado de janeiro a outubro, a capital manteve sua liderança com um crescimento de 4,58%, destacando-se frente aos 3,81% da Paraíba, 4,40% do Nordeste e 4,20% do Brasil.

Com exceção da agropecuária, todos os setores apresentaram desempenho positivo. O setor de serviços liderou as contratações (+483), seguido pela construção (+483), comércio (+368), indústria (+24), e agropecuária (-3). Destaque para o setor da construção (+1,92%), liderando em outubro na geração de empregos, seguido pelo comércio (0,86%), serviços (0,66%) e indústria (0,15%).

De janeiro a outubro, João Pessoa acumula um saldo positivo de +8.139 novas vagas, demonstrando um quadro positivo em comparação ao mesmo período de 2022, quando a cidade acumulava 6.287 postos de trabalho formais. Em 2023, a cidade registrou apenas dois meses negativos. O destaque do ano é para o setor da construção (+1.687), serviços (+6.262) e comércio (+654), que cresceram, respectivamente este ano, 7,03%, 6,63%, e 1,54%. A agropecuária (+61), devido ao pico de contratações no mês de setembro, apresenta crescimento anual de 9,95%. Por outro lado, a indústria (-521) continua em crise na capital, enfrentando desafios quanto ao crescimento do emprego, encolhendo 3,25% este ano.

Com esses números positivos e a chegada das festividades do fim de ano, podemos conjecturar que a cidade caminha para um cenário próspero na geração de empregos e o fechamento de 2023. Entre os setores que geralmente ofertam novas vagas estão o comércio e o setor de serviços. João Pessoa, mais uma vez, consolida sua posição como um polo de empregabilidade em ascensão.

ENTREVISTA

Ex-presidente relembra o Paraiban

Economista Fernando Perroni destacou a história do banco e dos movimentos que levaram ao seu fechamento

Judivan Gomes e Rui Leitão
Especial para A União

O papel dos bancos públicos e atuação junto à sociedade foi um dos assuntos tratados pelo economista Fernando Perroni, ex-presidente do Banco do Estado da Paraíba (Paraiban) e ex-superintendente do BNDES na região Nordeste, durante entrevista para o Jornal **A União**. O economista lembrou a história da instituição no estado, falou sobre a função social dos bancos públicos atualmente, e destacou a importância das parcerias entre poder público e iniciativa privada.

Fernando Perroni disse, por exemplo, que o Banco do Estado da Paraíba tinha uma enorme importância para o desenvolvimento econômico do estado, com uma rede de agências interiorizadas. Todos os grandes municípios, e alguns nem tão grandes, tinham agências do banco. Além disso, os principais centros econômicos do país também possuíam agência do banco paraibano, como Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Natal. Perroni lembra que essa era uma rede importante não só para o relacionamento interno do estado, mas também para o relacionamento da Paraíba com os seus estados vizinhos e com o centro do poder econômico do país.

“Estado e iniciativa privada devem ser complementares”, afirma Perroni

Ao assumir a superintendência do BNDES, no ano 2000, Fernando Perroni disse que o Estado e a iniciativa privada não poderiam ser vistos como oponentes. Mais de 20 anos após essa declaração, ele afirma que o pensamento não mudou.

“Nada mudou, a não ser ter aumentado a minha convicção de que a iniciativa privada e o poder público são e devem ser complementares. Existem atividades que só o poder público pode fazer, existem atividades em que a iniciativa privada faz mais eficientemente do que o poder público poderia fazer. É uma questão de apenas buscar eficiência e buscar resultados melhores para a sociedade como um todo. Não importa nenhum viés ideológico, a mim importa a questão da eficiência administrativa locacional dos recursos”, opinou.

Sobre a separação do público e do privado, Perroni afirmou que existe uma preocupação, ao menos da sua parte, no que se refere à reforma tributária do Congresso Nacional, ao discutir subsídios para determinados setores. “Se alguém recebe recurso do contribuinte é preciso ser legitimado porque que ele tá recebendo aquilo”, avaliou.

Função social dos bancos

“Hoje há muito menos bancos públicos do que houve no passado. Praticamente todos os bancos estaduais, com algumas poucas exceções, foram liquidados e transferidos

“Para se ter uma ideia, ele pagava todos os salários dos professores universitários, do Fundo Rural, dos membros da Assembleia Legislativa. Em suma, todo o estado tinha no Paraiban uma presença institucional muito forte. Pelo fato de ser banco e poder ter uma remuneração dos seus funcionários competitiva, ele conseguiu arregimentar um grupo técnico de alta qualificação. Os funcionários do Paraiban, anos depois, passaram a ocupar cargos importantes na administração pública do estado justamente porque, naquele momento, o banco conseguiu atrair recursos humanos de qualidade”, lembrou Perroni.

Presença forte

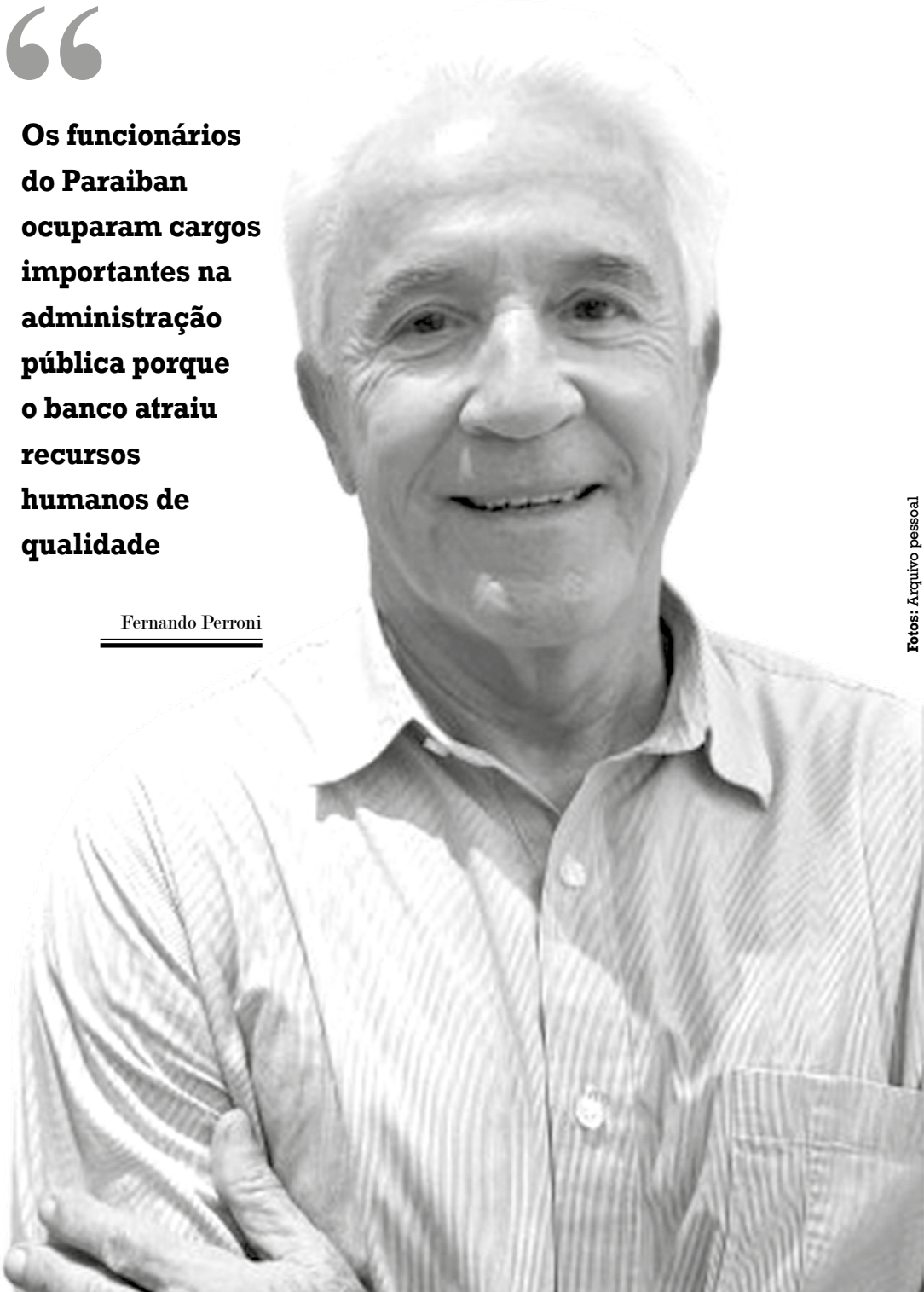
O Paraiban é citado por ele como um banco que fazia, fortemente, parte da administração estadual e estabelecia uma ponte com recursos de fora do estado. O banco, conforme Perroni, trazia recursos para aplicação na Paraíba e atendia a demanda da indústria, das pessoas físicas e assim por diante. Como base na economia da época, Perroni frisou que o Banco do Estado da Paraíba era imprescindível.

“Hoje mudou muito a economia e houve um trânsito entre o que foi o passado, e esse passado foi a parte final

do regime militar onde a administração do país e, portanto, os recursos fiscais do país estavam controlados pela União Federal. Nesse trânsito, os bancos públicos foram ficando cada vez mais espremidos em um conflito fiscal entre os estados, que estavam retomando o poder político, e a União, que perdia poder político. Como esses bancos eram repassadores dos recursos que vinham da União Federal para os estados, eles espelhavam na sua contabilidade todo o dinheiro que vinha e todo o dinheiro que era aplicado. Quando os estados se fortaleceram politicamente, o dinheiro que vinha não voltava, porque o poder político dos governos estaduais dizia: ‘Você não é mais o meu empregador Governo Federal. Agora eu tenho o meu poder político legitimado pelo voto dos meus estaduais’”, contou o economista.

Perroni afirmou que isso acabou por criar um conflito onde os bancos exprimiam essa contabilidade e passaram a se inviabilizar como instituições financeiras. No mesmo momento, houve uma reforma do sistema financeiro e os bancos foram se enfraquecendo. “Justamente por exprimirem um conflito federativo e com isso eles foram à garra na sua grande maioria”, disse.

benefícios para determinado segmento, esses “benefícios” são transferências de renda para aquele grupo que se quer proteger. “Quando esse grupo tem uma justificativa social absolutamente clara é justo que seja feito, quando não tem é injusto que seja feito. A gente precisa lembrar que qualquer benefício, para qualquer grupo, existe um grupo que é beneficiado e existe uma coletividade que paga aquele preço. A discussão de onde é que você vai botar esse dinheiro de todos tem que ser permanente”.



Fernando Perroni

Fotos: Arquivo pessoal

Desafios da administração, crise no banco e o fim da instituição

“No momento em que eu assumi o Banco do Estado da Paraíba ele passava por uma crise importante. Os bancos estaduais, naquela ocasião, eram mais ou menos como uma gangorra. Quando o banco estava muito bem, era algo que ajudava o governo, porque era um instrumento importante para o governo agir sobre a sociedade. Quando o banco estava muito mal, ele era um ônus para o governo, que era responsável por ele”, detalha Fernando Perroni. “Eu vim num momento em que o banco estava sendo um ônus para o governo porque estava vivendo dificuldades importantes. Como antes eu trabalhava no BNDES, no Nordeste, eu já tinha algum relacionamento com o Paraiban e sabia que no banco havia pessoas qualificadas. Eu comecei a me cercar dessas pessoas, buscando uma administração profissional, isenta, na medida do possível, do jogo político que havia na Paraíba”, recordou.

Perroni salienta que, quando a sociedade foi percebendo que a administração do banco era técnica, que não tinha partido, foi compreendendo e apoiando a instituição. “Outro movimento foi um conflito da administração do banco, antes de eu chegar, com o governo na administração direta, principalmente, com a Secretaria de Finanças do Estado. E isso era uma briga ruim, porque nem o banco conseguia fazer o que o governo precisava que ele fi-

zesse, nem o banco tinha o apoio essencial que precisaria ter do governo. Isso estava causando uma espécie de hemorragia no banco e com a minha chegada isso também foi interrompido. Nós voltamos a ter o banco com apoio integral da Secretaria de Finanças. O banco entrou numa recuperação rápida, em parte pela administração técnica e profissional que a gente conseguiu implantar, e, em parte, por uma coisa ruim, que era a inflação alta. Na inflação alta a melhor coisa que tem no mundo é você ser banqueiro, porque você ganha dinheiro com a inflação”.

Fim dos bancos públicos

“O tempo em que os bancos estaduais floresceram foi o tempo em que havia

uma inflação crescente, o poder político estava extremamente concentrado na mão do Governo Federal, e aqui uma ressalva, embora os bancos estaduais datem de um período anterior a isso o Banco do Estado da Paraíba, por exemplo, era o segundo banco estadual mais antigo do país só o do Piauí era mais antigo”, conta.

O ex-presidente do Paraiban afirma que estes bancos eram muito limitados, em uma época em que os bancos privados eram mais limitados ainda, e que a tecnologia utilizada era rudimentar. “Essa situação pretérita e depois a situação da do período de surto inflacionário do país viveu possibilitou que os bancos fossem florescendo. Com o fortalecimento do poder central, com o Governo Militar, houve o esvaziamento dos meios dos governos federais. O governo central era quem transferia os recursos para o estado, mas transferia por intermédio dos bancos estaduais. Quando inverteu a situação, que o governador não era mais empregado do Governo Federal, mas era empregado dos eleitores dele, ou seja, dos paraibanos, aí ficou injusto. ‘Mas por que que eu vou ter que pagar isso, se era um dinheiro que vocês arrecadaram que quem deveria ter esse dinheiro era o Estado?’ Então era uma questão fiscal. O Estado não pagava, aí queriam que o banco pagasse. O banco não tinha contabilidade para arcar com aquilo e entrava em insolvência.



Perroni defende a união de esforços por bons resultados

Fernando Perroni

EM BAÍA DA TRAIÇÃO

Paraíba terá maratona de *games*

Governo do Estado promove a Monhang Game Jam, que acontecerá durante o Acampamento Inclusivo

Renato Félix
Assessoria Secties

O encontro entre o mundo inovador dos *games* e as tradições dos povos indígenas pode parecer inusitado, mas um evento busca justamente mostrar que esses lados podem estar mais próximos do que parecem. É a Monhang Game Jam, promovida pelo Governo do Estado através da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) e que será realizada de quarta (13), à sexta (15), dentro do evento Acampamento Inclusivo, na Aldeia Alto do Tambá, em Baía da Traição.

A Game Jam é uma maratona de criação de *games*, em que divididos em equipes, os jovens trabalham duro para, ao fim do tempo estabelecido, entregar a versão inicial de um jogo, seguindo a temática pré-estabelecida. “Monhang”, no idioma potiguara, pode ser interpretado como “desenvolver”.

O tema da maratona é “Como projetar a cultura indígena para fora”, com criação de jogos ligados ao tema, como uma maneira de projetar a linguagem, a história, o patrimônio, a relação com a natureza, a geografia dos povos nativos da região. A ideia, inclusive, é que os povos locais participem ativamente do desafio, embora o evento seja aberto para qualquer interessado. Pode participar qualquer pessoa com conhecimento básico, avançado ou intermediário em jogos – qualquer pessoa que goste de jogos, trabalhe com o tema ou tenha habilidade em arte, design ou programação. As ins-



Programação será realizada de quarta-feira, 13, a sexta-feira, 15, na Aldeia Alto do Tambá; para participar presencialmente é preciso ter mais de 18 anos

■ **Evento é uma colaboração entre a Associação Nacional para Inclusão Digital (Anid), Governo da Paraíba e Prefeitura da Baía da Traição**

crições podem ser feitas pela internet até o próximo dia 12. Para a participação presencial, é necessário que o participante tenha 18 anos ou mais.

O Acampamento Inclusivo, por sua vez, tem como objetivo ser um espaço de diálogo e intercâmbio, reunindo uma diversidade de participantes, desde especialistas em tecnologia até representantes de povos indígenas, além de estudantes das redes públicas e privadas, instituições governamentais e a população em geral. O evento é uma colabo-

ração entre a Associação Nacional para Inclusão Digital (Anid); o Governo da Paraíba; a Secretaria de Educação da Baía da Traição, e apoio da Prefeitura Municipal da Baía da Traição e do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br).

A Secties promoveu uma *Game Jam* pela primeira vez na Expotec, em agosto. “Esta segunda vez, na aldeia, é mais inovador e inclusivo”, aponta a secretária executiva de Inovação, Elis Regina Barreiro. “Vamos levar os meninos para uma competição para, no final,

trazer uma solução gameficada para um problema. Se na Expotec a gente tinha alunos de graduação e já foi impressionante, a expectativa da secretaria agora é a melhor possível”.

A Game Jam vai funcionar num formato híbrido, com 25 participantes em formato presencial, que ficarão acampados durante os três dias do Acampamento Inclusivo em processo de imersão, além de outros em formato remoto. Eles terão 48 horas para criarem seus jogos. Uma mentoria, antes do evento em si, instrui os partici-

pantes em temas como: gestão e processos criativos; gestão de tempo por projeto na *game jam*; design thinking e processos criativos; e *game design*.



Através do QR Code acesse o link para inscrição no Monhang Game Jam

RADIOTELESCÓPIO

Bingo reúne colaboradores em evento

Pesquisadores que estão envolvidos na implantação do radiotelescópio Bingo em Aguiar se reuniram esta semana no Bingo Collaboration Meeting 2023 (Reunião de Colaboração do Bingo), realizado de terça a quinta, na Universidade Federal de Campina Grande. No evento foi apresentado o atual estágio da construção do radiotelescópio, as novas colaborações firmadas e as perspectivas para o futuro.

“Toda colaboração grande tem, de tempos em tempos, um ‘collaboration meeting’, um encontro da colaboração”, explica o coordenador-geral do projeto, o professor Elcio Abdalla, da Universidade de São Paulo (USP). “A gente tem que se colocar a par do que fazem os outros, nos seminários mais específicos, mas também apresentar para a academia em geral, para as pessoas em geral. Nós não estamos separados do mundo, então temos que dar conta que nós estamos fazendo”.

O Bingo é uma colaboração internacional liderada pelo Brasil, China e Reino Unido e com pesquisadores também da Coreia do Sul, França, Itália, Espanha, Alemanha, África do

Sul, Estados Unidos e Holanda. O Governo da Paraíba investe fortemente no projeto desde o princípio.

“Além de ser uma prestação de contas no final de ano, este evento também aponta para etapas subsequentes”, conta o secretário executivo de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Rubens Freire. “Uma delas é a expansão da colaboração envolvendo o maior radiotelescópio do mundo, o Fast, da China. O intercâmbio que se intensificou entre o Estado da Paraíba e representações institucionais de governo e de empresas chinesas, provavelmente a ampliação de novas universidades, a repercussão nas cidades em torno de Aguiar, isso tudo teve como base este projeto científico e mostra a necessidade desse evento”.

À tarde, Rubens Freire foi homenageado pelo projeto. Amigos, colegas e ex-alunos estiveram presentes no auditório relembrando a trajetória de professor universitário e pesquisador, que completa 50 anos em 2024, de militante político e até de assíduo folião carnavalesco.



Rubens Freire e Amilcar Queiroz, coordenadores do Bingo

AQUECIMENTO GLOBAL

Instituições debateram tema no 2º Painel da PB

Os efeitos do aquecimento global estiveram em debate no II Painel Paraibano sobre Mudanças Climáticas “A Consciência pelo Conhecimento”, que reuniu entidades para apresentar suas ações e ideias sobre ecologia, energias renováveis e como podem mitigar as consequências extremas do clima no Nordeste. O evento foi realizado de terça a quinta, no auditório do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) da UFPB, realizado pelo Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) e da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas).

“Já é cada vez mais discutido que a gente tem que buscar fazer a mudança para uma matriz energética mais limpa”, disse o professor Euler Macedo, diretor do Centro de Energias Alternativas e Renováveis (Cear). “Os países já vêm buscando desde 2021 fazer

com que haja redução de emissão de CO2 em relação ao consumo de combustível. Todas as projeções já vêm mostrando que existe, sim, uma tendência de redução dessas emissões”.

Palestras

O evento teve palestras de representantes da UFPB, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), da Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa), da Companhia de Água e Esgoto da Paraíba (Cagepa), do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), das unidades Embrapii da UFCG e UFPB, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e da Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa).

ALERTA

Impacto da desertificação na PB

Cemaden aponta que 28 cidades têm sido atingidas. Governo do Estado realiza ações para mitigar os efeitos nocivos

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

As áreas do Semiárido do país cresceram a uma taxa média superior a 75 mil metros quadrados no período entre 1960 e 2020. Essa é a constatação de um estudo do Cemaden, Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). As áreas classificadas como semiáridas se concentram na região Nordeste, exceto Maranhão, e no Norte de Minas Gerais. Esse diagnóstico será utilizado na elaboração do Plano Nacional de Combate à Desertificação. Segundo o Instituto Nacional do Semiárido (Insa), a Paraíba é o estado brasileiro mais afetado, em termos proporcionais, pela desertificação.

Ao todo, 28 municípios enfrentam essa problemática de degradação de terras no estado: Frei Martinho, Juazeirinho, Barra de São Miguel, São Mamede, Picuí, Taperoá, Caraúbas, Patos, Baraúna, Santo André, Congo, Santa Teresinha, Nova Palmeira, Gurjão, Camalaú, Cacimba de Areia, Pedra Lavrada, Parari, São João do Tigre, Tenório, Cubati, São José dos Carneiros, São José do Sabugi, Coxixola, Seridó, Serra Branca, Santa Luzia e Várzea, conforme o Insa. “Especialmente a região

do Semiárido paraibano, que é vulnerável devido a características climáticas específicas, baixa precipitação pluviométrica e elevadas taxas de evaporação. No cenário nacional, a desertificação atinge a região semiárida dos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Ceará e Bahia, onde estão presentes os Núcleos de Desertificação”, informou o coordenador de Pesquisa do Insa, Emmanuel Moreira Pereira.

Conforme explicou, tem-se projetado uma intensificação da desertificação no Semiárido brasileiro, com destaque para a Paraíba devido ao aumento da temperatura, diminuição da precipitação e de chuvas, intervenção do homem no ambiente, tais como o desmatamento e exploração intensiva em áreas agropecuárias. “Além disso, há uma tendência à amplificação dos períodos de seca e a diminuição da ocorrência de dias chuvosos. Estes fenômenos podem se exacerbar nos próximos anos, o que justifica a importância da adoção de medidas que preservem os recursos hídricos, ajudem a recuperar a vegetação nativa e, ao mesmo tempo, cuidem dos atores locais”, disse.

Ele alertou que os efeitos da desertificação nessas regiões, além dos impactos ambientais gerados, resultam na perda de produtividade do solo, impac-

ta a economia local e a vida das pessoas que dependem da agricultura. "Por isto é importante investir em tecnologias e práticas que ajudem a recuperar a fertilidade do solo e a preservar os recursos hídricos, além de buscar alternativas econômicas para as comunidades afetadas", considerou.

O estudo do Cemaden/Inpe constatou que há uma tendência de aumento da aridez em todo o país, com exceção da região Sul e do Litoral dos estados de Rio de Janeiro e São Paulo. Estas variações se devem principalmente ao aumento da evapotranspiração associada com aumento da temperatura, que tem sido observada em grande parte do país. Já no caso da região Sul, a diminuição está associada com o aumento da chuva.

As áreas classificadas como semiáridas se concentram na região Nordeste (exceto Maranhão) e no Norte de Minas Gerais. Com relação às áreas subúmidas secas, além da região Nordeste e Norte de Minas Gerais, foram identificadas ocorrências no Norte do Rio de Janeiro e no Mato Grosso do Sul. Na pesquisa também foi identificado que no último período considerado, 1990-2020, observou-se o aparecimento de uma área definida como árida no Norte da Bahia, que nunca fora observada no país nas décadas anteriores.



Fotos: Valdivia Costa

Aumento de temperatura na região do Semiárido da Paraíba tem agravado a situação



Áreas de plantios e de pastagem de animais têm sofrido efeitos do solo sem chuvas

Insa promove ações para amenizar impacto no solo por falta de chuvas

O Insa informou que tem promovido ações para combater a desertificação com a articulação, estruturação e dinamização de uma nova sistemática de pesquisa em rede, desenvolvida mediante o estabelecimento de parceria com outras instituições sediadas dentro e fora da região.

O coordenador de pesquisa do órgão informou que essa questão tem sido tratada por meio de iniciativas como o estímulo ao desenvolvimento rural sustentável e parcerias com Organizações Não-Governamentais, sindicatos rurais, associações de agricultores e cooperativa, buscando sempre o envolvimento das comunidades locais, valendo-se das tecnologias desenvol-

vidas internamente, às quais podem auxiliar significativamente no combate à desertificação da região e incentiva a produção familiar.

Também têm sido desenvolvidas tecnologias sustentáveis para o Semiárido brasileiro, principalmente, no aspecto de difusão de sistemas de tratamento e reúso de água de forma difusa, em escala familiar, escolar ou comunitária, segundo Emmanuel Moreira Pereira. Esses sistemas permitem o cultivo de espécies arbóreas nativas em áreas degradadas com elevado potencial para recuperação de áreas em situação de desertificação.

Neste sentido, o reúso de água serve como uma alternativa fundamental que é a

irrigação das espécies que devem ser implantadas nas áreas desertificadas até seu estabelecimento. Assim, promovendo o território mais resiliente, sustentável e inclusivo no Semiárido brasileiro.

A promoção do desenvolvimento sustentável por meio de pesquisas, como aquelas que buscam integrar a captação de água de chuva, o reúso do esgoto gerado e o aproveitamento de energia solar, conservação de espécies vegetais e animais nativos são vertentes exploradas nas pesquisas realizadas por algumas das áreas do instituto que tem contribuído para o desenvolvimento sustentável da Paraíba e do Semiárido brasileiro.

Governo da Paraíba tem realizado ações de desenvolvimento local

O Governo do Estado vem desenvolvendo ações para o combate à desertificação e mitigação dos efeitos da seca, a exemplo do programa Água Doce para distribuição com as populações locais por meio de sistemas de dessalinização. Foram implantados 101 sistemas de dessalinização em 44 municípios, somando um investimento do Governo do Estado em torno de R\$ 14,6 milhões.

Além disso, o Governo conta ainda com o Programa PB Rural Sustentável (Procase), com perfuração e instalação de poços, kits de irrigação, sistemas de energia solar em cooperativas, dessalinizadores, assistência técnica e de gestão, distribuição de mudas frutíferas.

Os paraibanos também contam com o Garantia Safra, o projeto Nascente Viva. Criado pela Superintendência de Desenvolvimento e Meio Ambiente (Sudema) e pela Secretaria da Infraestrutura e dos Recursos Hídricos (Seirhma-PB) em 2019 e lançado em 2022 o projeto tem o objetivo de promover a recuperação das nascentes e das matas ciliares no alto e médio curso do Rio Paraíba. O projeto tem a missão de recuperar as nascentes e áreas de proteção permanente do Rio Paraíba, mas também a de proporcionar ações de mobilização social, sensibilização e educação ambiental junto a proprietários de terras, lideranças comunitárias e moradores dos municípios beneficiados.

Em média, deve atuar na recuperação de 202 nascentes, totalizando uma área de 633,15 hectares, incluída aí a mata ciliar do alto e médio curso do Rio Paraíba. Um total de 24 municípios devem ser beneficiados diretamente com as ações, em uma extensão de mais de 334 km ao longo do Rio Paraíba.

O estado também conta com o projeto de integração do Rio São Francisco com as bacias do Nordeste Setentrional (Pisf), a construção da adutora Acauã-Araçagi, zoneamento pedoclimático da área do canal das vertentes litorâneas da Paraíba (Zona PB), construção do sistema adutor Transparaíba (ramal Curimataú), sistema adutor Transparaíba (ramal Cariri), entre outros programas.

Conclusão do Estudo

Há uma tendência ao aumento da aridez em todo o país, exceto na região Sul. Este fator se deve principalmente ao aumento da evaporação associada com aumento da temperatura – aquecimento global

■ Observa-se um efeito de expansão das áreas do Semiárido do país, a uma taxa média superior a 75 mil quilômetros quadrados a cada década considerada. Se for incluída a área classificada como subúmida seca esta taxa é da ordem de 65 mil quilômetros quadrados a cada década.

■ Estas diferenças se devem ao fato de que a região subúmida seca mostrou redução nos períodos 1970-2000 e 1980-2010, concomitante com o aumento da área semiárida, mas mostrou tendência de aumento no período 1990-2020 sugerindo um aumento de aceleração do processo em períodos mais recentes.

As áreas classificadas como semiáridas se concentram na região Nordeste (exceto Maranhão) e Norte de Minas Gerais. Com relação às áreas subúmidas secas, além da região Nordeste e Norte de Minas Gerais, foram identificadas ocorrências no Norte do Rio de Janeiro e no Mato Grosso do Sul.

■ No último período considerado, 1990-2020, observou-se o aparecimento de áreas definidas como áridas no centro da região Nordeste



Foto: Procasse/Divulgação

Técnicos do Procasse orientam os agricultores das técnicas de irrigação do solo



Apesar do forte calor, os peladeiros não desprezam um bate-bola nas areias da praia num grande entretenimento durante toda a semana e que faz muito bem à saúde

AQUECIMENTO DO VERÃO

Peladas agitam orla de João Pessoa

Diversos esportes são praticados com as pessoas preocupadas com a saúde e o bem-estar em qualquer modalidade

João Thiago
joaothiagocunha@gmail.com

São seis da manhã. Pra muita gente o dia ainda está começando. Os alarmes com-
eçam a tocar, crianças são
tiradas das camas com o mau
humor característico, o cheiro
de café toma os corredores dos
prédios e da orla vem o som de
uma bola sendo chutada.

Pra você o dia está só co-
meçando, mas na areia da
praia, a vida já está aconte-
cendo há muito tempo.

Nas areias de Tambaú, o
som das raquetes de fibra de
carbono batendo nas boli-
nhas ecoa pela praia. O bea-
ch tennis virou uma febre
e várias quadras ocupam a
orla da capital. Criado na Itá-
lia, encontrou no Brasil o cli-
ma perfeito para se espalhar,
e encontrou em Tarcyó Alves
um praticante apaixonado.

Para ele, o BT, mais que
um esporte, virou um meio
de vida. Ele lembra antes do
sol nascer e vai para o centro
de treinamento na Praia de
Tambaú. Ali, mais que cole-
gas, Tarcyó encontra amigos
que leva para a vida.

“Eu não só conheci novos
amigos, mas também me re-
proximei de antigas amiza-
des e isso me fez muito bem.
Além disso, ainda me fez um
bem muito grande para a saú-
de. Perdi muito peso depois de
ter começado a praticar o bea-
ch tennis. Estas são conquistas
pessoais que considero tão im-
portantes quanto as competi-
ções das quais participei”,

Tarcyó faz parte de um
grupo chamado “Rataria”. Em-
presários, funcionários públi-
cos, trabalhadores do comér-
cio, um grupo diverso que fez
da areia seu ponto de encon-
tro, formando quase uma ir-
mandade, que divide momen-
tos dentro e fora das quadras.



Uma turma para lá de animada está bastante envolvida com o beach tennis, e não falta espaço na cidade para a prática desse esporte que ganha mais adeptos

Graambhel

Com mais de 150 quilos,
ele tem muita energia e
aproveitou a pandemia
para deixar o jiu-jitsu
pelo beach tennis e
não se arrependeu de
trocar de modalidade

Esporte inclusivo

Quem, acabou levando
ele para o esporte foi um dos
maiores entusiastas da mo-
dalidade no estado. Um joga-
dor “de peso”, pode-se dizer.
Com mais de 150 quilos, Lon-
ginus Graambhel tem uma
energia que não acaba. No
início da pandemia ele foi
obrigado a trocar o jiu-jitsu
pelo beach tennis, e nunca se
arrependeu.

“A ociosidade por conta da
proibição do contato direto foi
complicada. Eu não podia lu-
tar jiu-jitsu por conta da Co-

vid-19. Comecei a ficar ocio-
so. No meu condomínio tem
uma quadra e eu comecei a
ver como era. Eu nunca tinha
jogado nada de raquete, mas
quando comecei, me apaixo-
nei de verdade”, diz.
Desde então ele passou
a frequentar a Rataria, onde
fez amigos e passou a gas-
tar bastante do seu tempo.
“É uma válvula de escape. É
um esporte que você não pra-
tica por poucos minutos. Por
exemplo, você vai pra acade-
mia, é uma atividade chata,
uma certa rotina, passou 40

minutos, fez seu treino, aca-
bou. Na luta, você vai, faz um
treino de uma hora, pronto,
não tem fôlego para respirar.
No beach tennis você passa
duas, três horas praticando.
Joga uma partida, sai, des-
cansa, depois volta e joga de
novo... Além da confrater-
nização, que faz muito bem.
O contato com a areia é mu-
ito bom. Um esporte que você
não precisa botar tênis. Eu
adoro botar o pé na areia, a
gente que já passa o dia todo
de sapato, ter o contato com
a natureza, cair, se melar na

areia... você meio que volta
a ser criança também”, des-
taca. Parece que a areia aju-
da a criar vínculos para toda
a vida. “Meus grandes ami-
gos, hoje, eu conheci no bea-
ch tennis. Se convive muito
com o pessoal. Praticamen-
te todo dia a gente está lá, jo-
gando, às 6h. Antes disso, às
5h30, já tem gente nos grupos
falando. É todo mundo que-
rendo se encontrar, e sentir
que você faz parte disso, faz
muito bem”, afirma.

MUSCULAÇÃO

Academia para manter a forma física

Espaço na praia é um dos mais requisitados pelas pessoas, sempre orientadas pelo profissional especializado

João Thiago
joaothiagocunha@gmail.com

Não surpreende que esse pessoal todo queira estar na praia. O visual, o sol, o calor, a energia da praia... tudo isso faz muito bem. Há seis meses a Ana Cláudia não tinha isso para fazer musculação. Ela veio do Acre em busca de melhor

qualidade de vida. Encontrou a academia da praia, projeto da Prefeitura Municipal de João Pessoa, que montou um espaço na praia de Cabo Branco com profissionais de educação física, equipamentos e infraestrutura de uma academia. “Há quatro anos eu passei por uma bariátrica e desde então eu me mante-

nho praticando esportes todos os dias. É muito importante isso para mim. Desde que cheguei em João Pessoa faço questão de fazer a musculação aqui, de frente para esse mar lindo. Isso inspira a gente”, destacou a administradora.

Aposentado
No mesmo espaço en-

contramos o Antonio Ferreira. Aposentado há seis anos, o sertanejo já tinha trabalhado em Brasília, no Rio de Janeiro, mas escolheu voltar à Paraíba e, especialmente, para João Pessoa, para curtir o tempo livre. Desde que a academia na praia foi inaugurada ele virou frequentador assíduo do espaço.

“A gente tem que aproveitar todas as oportunidades que tem para cuidar da saúde. Eu trabalhei mais de quarenta anos, e agora, parado, preciso ocupar meu tempo cuidando de mim. Sempre gostei de musculação, e agora posso praticar quase de frente para minha casa. E ainda tem essa brisa de João Pessoa”, diz.

■ Na praia são vários os esportes praticados, como vôlei, futebol, **beach tennis**, entre tantos



Há quatro anos eu passei por uma bariátrica e desde então eu me mantenho praticando esportes todos os dias. É muito importante isso para mim. Desde que cheguei em João Pessoa faço questão de fazer a musculação aqui, de frente para esse mar lindo. Isso inspira a gente

Ana Cláudia



Fotos: Evandro Pereira

A academia na praia tem despertado o interesse de muitas pessoas que buscam manter a forma física e assim garantir melhor qualidade de vida

Quadras de vôlei cheias e ainda muito frescobol à beira-mar

A vida na beira-mar começa mais cedo do que o normal. Comum é ver as quadras de vôlei de praia cheias, gente praticando frescobol na beira do mar, corredores e ciclistas passando pelas pistas abertas desde 5h em diversos trechos da orla. A cidade de João Pessoa privilegia a prática esportiva de forma generalizada, mas é preciso tomar cuidado, sempre.

O educador físico Emerson Silva explica que não é só chegar e começar a praticar qualquer esporte de qualquer jeito. A areia fofa protege do impacto, mas pode guardar surpresas que acabam gerando lesões nas articulações mesmo assim. “Pisar de forma errada pode gerar uma torção do tornozelo ou do joelho, além de exigir mais do corpo”, explica.

Na praia, com a exposição solar, também é importante usar protetor. “Sempre se preocupar com fator de proteção que seja condizente com seu tom de pele. Quanto mais clara, mais sensível ao sol. A hidratação também exige uma atenção, pois no calor se perde mui-

to líquido e muitos sais minerais”, destaca. Além disso ainda existem os cuidados básicos, por exemplo, com os riscos em volta. “Quando você joga futevôlei no Bessa, por exemplo, tem um risco grande de a bola acabar no meio da rua. Parece besteira pensar que isso é um risco, mas é, então precisa sempre de cuidado”, afirma. “No vôlei de praia, por exemplo, que é um esporte

que acaba exigindo bastante de elasticidade do praticante, é imprescindível praticar um protocolo de alongamento antes e depois dos jogos. Não é porque você é atleta amador que não precisa se cuidar. É justamente o atleta eventual que corre maiores riscos de lesões e machucados, pois o corpo dele não tem aquela prática como rotina, então se proteger faz toda a diferença”, explica.

Futebol
De terça a domingo você encontra o Isaías Isidro vestido de terno e gravata atendendo, com garbo e elegância, clientes de um restaurante de hotel da orla da capital como um dos maitres mais experientes de João Pessoa. Mas sempre tem a segunda-feira, o dia oficial de folga dos garçons no mundo todo, e aqui, ele aproveita, junta os amigos e bate uma bolinha em uma

pelada organizada há mais de 15 anos, no mesmo lugar, na Praia de Cabo Branco. “Hoje a gente chama de Pelada dos Amigos, pois além dos garçons já juntou muita gente aqui. A gente passa a segunda aqui, chega logo cedo e vai embora só no final do dia. Um traz uma churrasqueira, outro vem com uma carniinha e a cerveja gelada pra dar o grau”, explica. Com 60 anos, ele encara

os jovens em campo com energia total e uma sabedoria de anos de experiência de beach soccer para se destacar. “Na areia você não precisa se esforçar. Ela se esforça por você. Areia fofa protege suas articulações, e se você souber ser malandro ela ajuda até a fingir o adversário”, conta o segredo. Nesse espírito coletivo, que o esporte proporciona, a pelada se estabelece. Quem espera a vez, fica de fora, na sombrinha dos chapéus de sol, tomando uma cerveja, uma água de coco, jogando conversa fora e se preparando para jogar. O José Raimundo de Souza, enquanto espera, dá risada. “O bom é a resenha, encontrar os amigos, e é bom que seja na segunda-feira, pois a gente abre a semana com mais alegria no coração”, diz.

Enquanto a gente conversava com os jogadores, o vice-presidente da pelada veio com um pronunciamento oficial: um dos membros do grupo iria providenciar uma carne de sol e um rubacão para o almoço. A democracia praiana prevalece.



Isaías Isidro aproveita a segunda-feira, de folga, para bater uma pelada, o mesmo acontece com José Raimundo

CALENDÁRIO

F-1 define corridas *sprints* em 2024

GP de São Paulo, em Interlagos, será disputado entre os dias 1 e 3 de novembro e com a prova rápida no sábado

Agência Estado

A direção da Fórmula 1 anunciou no início da semana o calendário das corridas sprint da temporada 2024. E, mais uma vez, confirmou a prova curta no GP de São Paulo. A etapa brasileira do Mundial vai receber a sprint pela quarta vez, um recorde entre todos os GPs da F-1.

“Para nós, a escolha de São Paulo pela quarta vez para receber a sprint é a confirmação de que estamos no rumo certo e, é claro, isso nos orgulha muito. Interlagos é um circuito diferenciado. Quem ganha é o público com duas corridas distintas no mesmo final de semana”, comentou o CEO do GP brasileiro, Alan Adler.

No total, seis etapas do calendário vão receber as corridas sprint, mesmo número de provas das últimas temporadas. As demais etapas serão Áustria, Austin (EUA), Catar, China e Miami (EUA). O circuito austríaco de Spielberg vai sediar a print pela terceira vez. Austin e Catar receberão a prova curta pela segunda vez. Já as etapas de Miami e da China vão estreiar a corrida sprint.

De acordo com a F-1, o formato da sprint, que muda completamente a programação dos finais de semana, vem trazendo resultados em termos de audiência em diferentes etapas do calendário. Em análise de 21 países, o GP do Azerbaijão teve incremento de audiência de 83% na sexta-feira, dia em que o treino classificatório substitui o segundo treino livre nos finais de semana de sprint.

O mesmo aconteceu no GP dos Estados Unidos, com elevação de 139%, segundo dados da F-1. No GP da Bélgica, o aumento foi de 34%. O formato, que estreou em 2021, também vem agradando ao público presente nos autódromos por oferecer uma corrida extra no fim de semana, aos sábados, com duração menor.

Mudanças

A mesma opinião não é compartilhada pelos pilotos. A maioria não aprova o formato. Por isso, a F-1 vem cogitando mudanças nos finais de semana com corrida sprint, tanto na programação quanto na pontuação atribuída aos primeiros colocados.

Nessa terça (5), a direção da F-1 confirmou que há discussões a respeito, mas avisou que as novidades, se forem confirmadas, só serão definidas na primeira reunião da F-1 Comissão, em 2024.

Calendário *sprint*

- China (Xangai) - 19 a 21 de abril
- Miami (EUA) - 3 a 5 de maio
- Áustria (Spielberg) - 28 a 30 de junho
- Austin (EUA) - 18 a 20 de outubro
- São Paulo (Brasil) - 1 a 3 de novembro
- Catar (Lusail) - 29 de novembro a 1º de dezembro



Foto: Reprodução/Boletim do paddock

Seis etapas do calendário de Fórmula-1 do próximo ano terão a prova sprint, entre elas, o Grande Prêmio de São Paulo, que será disputado no dia 2 de novembro

TEMPORADA 2023

COB abre a votação para os melhores atletas

A participação dos fãs do esporte olímpico será ainda mais fundamental para o Prêmio Brasil Olímpico (PBO). Em 2023, além da votação popular definir premiações que já são tradicionais da festa de gala do esporte olímpico brasileiro, como o Atleta da Torcida e o Inspire Riachuelo, outras duas novas categorias, criadas especialmente para o PBO 2023, serão definidas pela escolha dos torcedores: Retorno do Ano e Atleta Revelação. O site <https://pbo.cob.org.br> já está aberto e cada fã pode escolher o atleta que merece levar cada uma das quatro homenagens para casa.

“É a torcida que move os atletas e, não tenho dúvida, de que cada torcedor, esteja ele presente na competição ou acompanhando em casa, contribui para as conquistas dos esportistas brasileiros. Nada mais justo que ampliar a participação deles no PBO, cerimônia pensada para enaltecer os feitos dos atletas brasileiros. Essa é mais das muitas novidades que estamos promovendo para o Prêmio Brasil Olímpico, sempre com o objetivo de evoluir em tudo que fazemos”, disse o Presidente do COB Paulo Wanderley Teixeira.

Para concorrer ao Atleta da Torcida, o Comitê Olímpico do Brasil selecionou seis atletas que brilharam em 2023 e se destacaram pela interação com a torcida brasileira. Os candidatos são Barbara Domingos (Ginástica Rítmica),



Foto: Wander Roberto/COB

Bia Ferreira, do boxe, está entre as indicadas para concorrer a Atleta da Torcida de 2023

Bia Ferreira (Boxe), Flavia Saraiva (Ginástica Artística), Augusto Akio (Skate), Darlan Souza (Vôlei) e Guilherme Costa – Cachorrão (Natação).

Oferecido pela Riachuelo, o Prêmio Inspire foi criado para homenagear a atleta mais inspiradora do ano. Em 2023, são sete mulheres concorrendo à premiação: Ana Marcela (Águas Abertas), Barbara Domingos (Ginástica Rítmica), Bruna Takahashi (Tênis de Mesa), Duda Lisboa (Vôlei de Praia), Flavia Saraiva (Ginástica Artística), Rayssa Leal (Skate) e Rebeca Andrade (Ginástica Artística).

E há ainda outras duas novas categorias que prometem mexer com a torcida. Esse ano o Brasil teve uma série de atletas jovens que brilharam representando o país em competições

pelo mundo. Três deles - Renan Gallina (Atletismo), Maria Eduarda Alexandre (Ginástica Rítmica) e Miguel Hidalgo (Triathlon), que conse-

■
A cerimônia de premiação aos atletas pelo Comitê Olímpico Brasileiro está prevista para o dia 15 de dezembro

guiram a medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos em suas respectivas modalidades, foram indicados ao Atleta Revelação do Ano.

Por fim, os torcedores poderão escolher qual foi o maior Retorno do Ano, um prêmio que homenageia os atletas que superaram um grande obstáculo na carreira em 2023, seja ele uma questão pessoal, de saúde ou o próprio desempenho esportivo. O ano foi marcado pela volta por cima de três medalhistas olímpicos: Ana Marcela Cunha (Águas Abertas) e Alison dos Santos (Atletismo), que ficaram afastados das competições por meses por conta da recuperação de lesões, e Rafael Silva “Baby” (Judô), que aos 36 anos, voltou ao pódio do Mundial depois de seis anos.

Os vencedores dos Prêmios Atleta da Torcida, Inspire Riachuelo, Atleta Revelação e Retorno do Ano serão divulgados durante o Prêmio Brasil Olímpico, que será

realizado no dia 15 de dezembro e transmitido ao vivo pelo Canal Olímpico do Brasil e pelo sportv.

Nacerimônia, também serão revelados os Melhores Atletas do Ano, no feminino e no masculino, escolhidos por um Colégio Eleitoral formado por jornalistas, dirigentes, Comissão de Atletas do COB, patrocinadores, ex-atletas e personalidades do esporte. Em 2022, os vencedores foram Rebeca Andrade (ginástica artística) e Alison dos Santos “Piu” (atletismo), campeões mundiais no individual geral e nos 400m com barreiras, respectivamente.

Serão homenageados ainda os melhores em cada uma das modalidades olímpicas e pan-americanas, os destaques dos Jogos da Juventude de Ribeirão Preto, além dos Melhores Técnicos do Ano nas modalidades individuais e coletivas. Por fim, haverá a entrega do Troféu Adhemar Ferreira da Silva, que tem como objetivo homenagear atletas e ex-atletas que representem os valores que marcaram a carreira e a vida do bicampeão olímpico no salto triplo.

Maior premiação do esporte brasileiro, o PBO chega a 24ª edição para celebrar os atletas que brilharam em 2023 e levaram o Brasil ao melhor desempenho da história em Jogos Pan-americanos em Santiago 2023, com o segundo lugar no quadro de medalhas e os recorde de ouros conquistados e no total de medalhas.

BICAMPEÃO BRASILEIRO

Abel conseguiu reinventar o Palmeiras

Técnico segue absoluto no futebol do Brasil e vem enfileirando conquistas nacionais e internacionais no alviverde

Fábio Hecico
Agência estado

Não são poucos os adjetivos para definir Abel Ferreira no Palmeiras. Estudioso, centrado, autêntico, audaz, arrojado, atento, convicto, corajoso, engenhoso, genial, estrategista... E o maior deles, vencedor. Se há torcedores rivais que não gostam de suas atitudes, para o palmeirense ele é unanimidade: todos o consideram gigante. E a 12ª conquista nacional, pode ser colocada na conta do comandante português, que soube como ninguém tirar a equipe do buraco da eliminação da Libertadores para levá-la, ponto a ponto, ao topo da tabela quando ninguém mais imaginava ser possível desbancar o Botafogo, então líder com 13 pontos de vantagem.

Abel soube tirar o peso de sua equipe na lábia (além da competência) para se aproximar de mais um título do Palmeiras. Essa foi uma de suas artimanhas para uma volta por cima no torneio. A principal de suas sacadas foi jogar o favoritismo para o Botafogo. Os cariocas começaram a tropeçar, mas ele sempre dizia: “São os favoritos, estão com boa vantagem.” Nem mesmo a vitória, de virada, por 4 a 3, no Estádio Nilton Santos, fez o treinador mudar “suas convicções e falas”, sempre deixando o Palmeiras quieto no canto, correndo por fora.

Após cair nos pênaltis diante do Boca Juniors na semifinal da Libertadores, Abel tinha “um plano” para não passar os últimos meses da temporada apenas cumprindo tabela. E tudo o que planejou, deu certo. Não por acaso, Weverton tomou a palavra naquele jogo decisivo no Rio, para dar total mérito ao técnico, que reergueu o grupo no vestiário após sair em desvantagem de 3 a 0 diante do Botafogo.

Mudança

A segunda sacada do treinador para fazer a equipe voltar a ganhar e embalar na temporada veio na mudança do esquema tático. Depois de amargar a quarta derrota seguida no Brasileirão, com 2 a 0 para o Atlético-MG, ele resolveu investir nos três zagueiros, com a entrada de Luan ao lado de Gustavo Gómez e Murilo. O lateral-direito Marcos Rocha, improvisado, e o jovem Naves também foram usados no novo esquema.

O Palmeiras acertou sua defesa, largou mão da linha de quatro com dois laterais, com Mayke como um meia, e ganhou seis jogos sem ser vazado em série com 22 pontos somados de 27 possíveis. Rodada a rodada, a desvantagem para o líder foi caindo, até o time assumir de vez a liderança após fazer 3 a 0 no Inter e o Botafogo não ganhar seu jogo atrasado com o Fortaleza. Protegido na zaga, o time deixou de sofrer gols e passou a ser rápido e mortal na frente, repetindo a temporada passada.

11 Finais

Dar importância de ‘definição de taça’ a cada jogo também foi outra sacada de Abel. Ao invés de ficar

olhando na classificação, achando que a enorme desvantagem era inalcançável, ele atuou como uma espécie de “psicólogo” para entrar na mente dos jogadores e fazê-los acreditar, mesmo que essa confiança ficasse trancada a sete chaves no grupo.

Ninguém ousou falar em brigar pelo título na caça ao Botafogo. Mas todos tinham um discurso uniforme de que o próximo duelo era “uma final.” Virou um mantra no estilo contagem regressiva. “11, 10, 9, 8, 7, 6, 5 finais...”, eram palavras sempre proferidas pelo grupo, seguindo rigorosamente a ordem do treinador.

Endrick

Apesar de toda sua compreensão do elenco, Abel demorou para efetivar o jovem Endrick entre os titulares. Insistiu com Artur até cair na Libertadores e somente depois atendeu ao apelo popular de que o atacante de 17 anos seria uma salvação para o fim da temporada.

O menino, já vendido ao Real Madrid por uma fortuna, mostrou toda sua importância com jogadas e gols decisivos. “Toca em mim”, gritava diante do Botafogo, pedindo a bola, quando o jogo estava perdido. Foi o destaque daquela virada com dois gols. Ainda definiu o 1 a 0 sobre o Atlético-PR e marcou diante de Internacional e América-MG. Com dez gols, Endrick assumiu a artilharia do time no Brasileirão, ultrapassando Raphael Veiga, e ainda participou de muitas boas jogadas que resultaram em bola nas redes adversárias.

Laterais

Antes tímidos na marcação, Piquerez e Mayke cresceram bastante quando Abel modificou o sistema tático com três zagueiros e os deixou livres para atacar. Alas ofensivos, uruguaio e brasileiro fizeram ou deram várias assistências para os gols da equipe.

A prova de que o esquema com alas livres deu certo, além das tantas assistências e oportunidades criadas, veio com o jovem Vanderlan, reserva de Piquerez, entrando e realizando grande jogada para Rony fechar a vitória sobre o Inter. O uruguaio, além de servir Flaco López no jogo passado, contra o América, tinha sido o destaque na goleada por 5 a 0 sobre o São Paulo, na qual anotou duas vezes para colocar o time, na época, na terceira colocação.

Em suas declarações de semanas atrás, Abel chegou a dizer que ele era pago para tomar decisões. Foi exatamente isso o que fez para colocar o Palmeiras no topo do Brasileirão e na conquista de mais um título.

Abel Ferreira está no Palmeiras há 3 anos, tendo conquistado duas vezes a Conmebol Libertadores, uma Copa do Brasil, duas vezes o Campeonato Paulista, uma Recopa Sul-Americana, uma Supercopa do Brasil e dois Brasileirão.



Abel Ferreira soube tirar lições das eliminações na Libertadores e na Copa do Brasil para reerguer o time para mais um título



A titularidade de Endrick na reta final do Campeonato Brasileiro foi decisiva porque se tornou o jogador mais importante do time



Fotos: Acervo Pessoal

Escadaria da Malagrida liga a Rua Duque de Caxias à Avenida General Osório, praticamente separando dois mundos do Centro Histórico da capital paraibana

■ No perímetro da escadaria há os bares que funcionam como cabarés durante o dia; à noite, o local fica totalmente esvaziado

Degraus da história

Espaços na Avenida General Osório que demonstram elementos urbanos característicos de uma cidade em auge e declínio, a Escadaria da Malagrida e a Escadaria Silva Jardim testemunham o abandono do Centro Histórico de João Pessoa

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

No Centro de João Pessoa, uma única avenida que concentra o novo comércio popular, casas e igrejas históricas interliga, através de suas escadarias, a Cidade Alta e a Cidade Baixa. A Avenida General Osório, que no passado era chamada de Rua Nova e depois Marquês do Herval, é o ponto comum de diferentes realidades da capital paraibana. Esses espaços, que demonstram elementos urbanos muito característicos de uma cidade em declínio (ora em auge), são representados pela Escadaria da Malagrida, ligando a Rua Duque de Caxias à General Osório, e a Escadaria Silva Jardim, ligando a mesma avenida ao acesso do Viaduto Dorgival Terceiro Neto.

“Essa escadaria do Beco Malagrida é interessante justamente porque ela liga dois mundos no Centro de João Pessoa. De um lado, esse comércio mais popular; de outro, a Praça João Pessoa, que também é conhecida como Praça dos Três Poderes, onde está concentrado as sedes dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário estaduais”, lembra Iale Camboim, que usou o Beco da Malagrida como tema da sua dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

“Foi interessante observar que, no perímetro da escadaria, há os bares que funcionam como cabarés durante o dia. São usos do espaço que, apesar de conflituosos, convivem democraticamente. À noite, o local fica completamente esvaziado e até os bares fecham cedo. Essa é também uma questão do Centro, sobre esse esvaziamento do Centro de João Pessoa”, afirma Iale Camboim, trazendo de volta à pauta o abandono das regiões centrais de João Pessoa.

Num outro ponto da Avenida General Osório, no trecho que ainda guarda as construções históricas, uma outra escadaria mantém suas características de unir o novo ao antigo, e que também divide a sensação de esvaziamento. A escadaria da Rua Silva Jardim, que liga a Avenida ao Viaduto Dorgival Terceiro Neto, construído em 1974 com o objetivo de ser mais um ponto de ligação da Cidade Alta à Cidade Baixa. Hoje é um local insalubre e abandonado.

As mudanças na Rua Nova (atual General Osório) começaram a acontecer nas primeiras décadas do século XX. A Cidade Alta continuava a ser ocupada e valorizada pela classe média da cidade, mas as famílias ricas começaram a se deslocar para outras áreas.

Durante esse período, a rua passou por intervenções urbanas, através da construção de passeios de pedestres, demolição de casarões, prolongamento da via, instalações de postes de iluminação

“O que move a Confraria da Malagrida, além da paixão pela cultura, é a preocupação com o meio ambiente e a cidade que amamos

Ednamey Cirilo

ingleses e arborização.

Foi na segunda metade do século XX, dando continuidade às transformações urbanas, do iminente abandono residencial do Centro, e com crescimento da Avenida Epitácio Pessoa e região das praias, que a Rua Nova foi “presenteada” com a construção do Viaduto Dorgival Terceiro Neto, que alterou de forma significativa, sua paisagem original.

Essas intervenções, especialmente entre as décadas de 1930 e 1940, ocorreram com o objetivo de modernizar as cidades, buscando melhores condições de saneamento ou maior fluidez para o tráfego, e esse fenômeno não foi exclusivo de João Pessoa.

Na capital da Paraíba, ela ocorreu de forma mais significativa com a implantação da Praça Antenor Navarro, em 1930, da Praça 1817 (que exigiu a demolição da Igreja das Mercês) no ano de 1939, e do prolongamento da Rua General Osório.

O que antes era apenas mais uma via entre dois pontos do Centro da cidade, hoje serve de palco para a cultura, transformando o local para apresentações musicais, feiras de artes, livros, e artesanato



Resistência cultural e preservação da memória da cidade

Ao contrário da Escadaria da Rua Silva Jardim, que perdeu quase por completo suas características históricas, onde o pedestre quase não consegue visualizar sua extensão e importância enquanto via de acesso, a Escadaria da Malagrida ganhou fôlego e um novo significado a partir das intervenções culturais que começaram a surgir.

E o que antes era apenas mais uma via entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta, hoje serve de palco para a cultura e arte, a partir da iniciativa da ativista cultural Ednamey Cirilo, que fundou a Confraria da Malagrida, movimento independente iniciado em 2005 e dirigido pela Associação Cultural e Recreativa Anjo Azul (Acraa) e integrado por artistas, poetas, escritores, músicos, jornalistas e produtores culturais. Desde então, o local vem se transformando em palco de apresentações musicais, feiras de artes, livros e artesanato.

“O que move a Confraria da Malagrida, além da paixão pela cultura, é a preocupação com o meio ambiente e a cidade que amamos. Nós confrades e confradeiras temos questionado incansavelmente o ‘por que’ e ‘porque’ tamanha cegueira de gestores públicos anularem muitas vezes a riqueza cultural e os perigos ambientais que ameaçam nossa cidade capital”, diz a ativista Ednamey.

O principal diferencial entre o início e o fim da Avenida General Osório, e que vai muito além dos poucos mais de 325 metros de distância que separam a Escadaria da Malagrida, da Escadaria da Rua Silva Jardim, é a intervenção humana, que vai além da intervenção dos poderes públicos. Enquanto um respira e transborda arte e cultura, o outro guarda apenas a lembrança de um tempo em que o Centro passava por um processo de expansão e modernização, mas que levou o desenvolvimento econômico para outras paisagens.

■ A intervenção humana vai além da intervenção dos poderes públicos nas escadarias históricas que compõem a cidade de João Pessoa

Osório Thaumaturgo César

Jornalista paraibano foi precursor no tratamento psiquiátrico humanizado



Como jornalista, a ligação de Osório César com a arte o levou a ser articulista dos grandes jornais de São Paulo no período de 1940 a 1960

Da Redação

Osório Thaumaturgo César, nascido na então Cidade da Parahyba (hoje João Pessoa), em 17 de novembro de 1895, e que morreu aos 84 anos, em Franco da Rocha, interior de São Paulo, no dia 3 de dezembro de 1979, foi um renomado anatomopatologista, psiquiatra e intelectual brasileiro, notabilizado como um dos pioneiros no uso da arte como recurso terapêutico em Psiquiatria, bem como por sua oposição aos métodos agressivos de tratamento de alienados então vigentes. Como jornalista, sua ligação com a arte tornou-o um articulista dos grandes jornais de São Paulo no período de 1940 a 1960.

Estudiosos da obra da pintora Tarsila do Amaral relatam a influência que Osório exerceu sobre ela, particularmente na esfera social. Um dos seus quadros mais importantes, ‘Os Operários’, foi produzido depois dessa mudança. Osório César, em seu retorno da União Soviética, produziu alguns textos de exaltação comunista, tais como ‘Onde o Proletariado Dirige’ (1933) e ‘O que é o Estado Proletário’ (1933). No ano seguinte publicou ‘A Proteção da Saúde Pública na União Soviética’, no 16º aniversário da Revolução de Outubro.

Formado a princípio em Odontologia em São Paulo, graduou-se em Medicina no Rio de Janeiro e viajou em seguida para a Europa, onde trabalhou no Hospital da Salpêtrière, ao lado dos discípulos de Carl Gustav Jung, fundador da Psicologia Analítica, dentre os quais Henri Piéron. Osório César e Durval Marcondes, ambos médicos do Asilo de Alienados do Juquery são reconhecidos como dois dos principais interlocutores brasileiros de Sigmund Freud.

Essa dupla arrebatada pelas teorias freudianas, anunciada pelo preceptor Francisco Franco da Rocha, participam da fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (1927) e da seção carioca criada por Julia no Moreira (1928). As narrativas historiográficas destacam ainda os médicos Arthur Ramos, Júlio Pires Porto Carrero e Gastão Pereira da Silva como os primeiros discípulos de Freud no Brasil, apontados como os pioneiros na difusão de seus pensamentos.

Simpatizante do comunismo, o paraibano Osório César foi preso diversas vezes por manifestar sua orientação política e ideológica, frequentou o meio artístico paulistano e exerceu considerável influência sobre a arte de sua companheira, Tarsila do Amaral, a influenciando a abordar a temática social em suas obras.

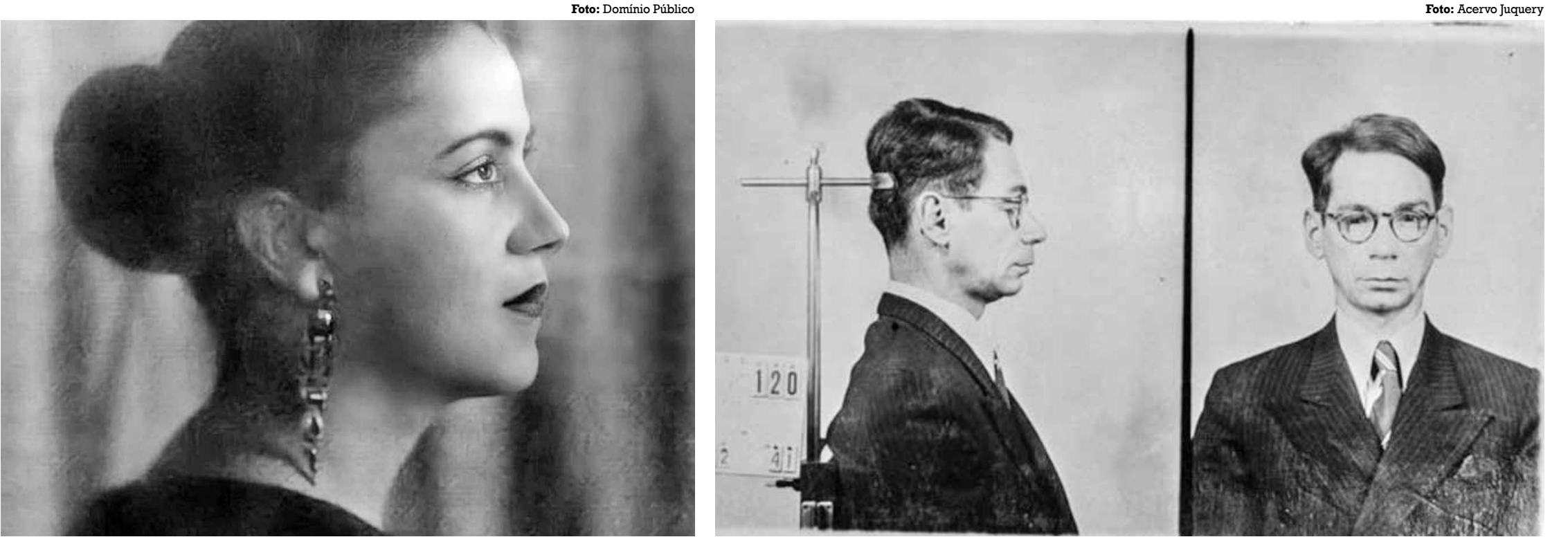
Ele trabalhou por mais de quatro décadas no Hospital Psiquiátrico do Juquery, na cidade Franco da Rocha na Grande São Paulo, onde criou o Laboratório de Pesquisas Plásticas, em 1923, implementando atividades de estímulo à produção artística dos pacientes. Os resultados com a consolidação dos estudos e observações realizadas no decurso de seis anos são publicados na obra ‘A expressão artística nos alienados: contribuição para o estudo dos símbolos na arte’ (1929), o prefácio foi assinado por Cândido Motta Filho, partidário dos ideais modernistas, inscrito como um dos signatários na criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), que empreendeu visitas a Osório César no Asilo de Alienados de Juquery na década de 1920.

As aproximações entre arte e loucura analisadas por Osório César pautadas pela perspectiva freudiana convergiam com as propostas dos intelectuais parisienses André Breton, Benjamin Péret, Louis Aragon, Phillip Soupát e Paul Éluouard. O grupo de sobreviventes da Primeira Guerra Mundial é considerado o precursor do primeiro Manifesto Surrealista (1924), no qual, retratam a sua revolta pela barbárie que aniquilou parte da humanidade.

Osório César dirigiu a Escola Livre de Artes Plásticas, fundada no final da década de 1940, promoveu mais de cinquenta exposições de desenhos e pinturas de seus internos, atraindo a atenção de nomes como Niobe Xandó, Flávio de Carvalho, Lasar Segall, Mário de Andrade, Lourival Gomes Machado, Sérgio Milliet e Quirino da Silva para as questões relacionadas à arte psicopatológica.

Ele publicou um grande número de obras sobre a expressão artística dos alienados, dentre os quais ‘Misticismo e Loucura’, agraciado com o prêmio maior da Academia Brasileira de Medicina em 1948, e influenciou o trabalho de diversos profissionais ligados ao tema da humanização dos métodos de tratamento psiquiátrico, nomeadamente Nise da Silveira.

Em 1974, doou parte de sua coleção de arte psicopatológica ao Museu de Arte de São Paulo. É o patrono da Cadeira 68 da Academia de Medicina de São Paulo e foi membro fundador das Sociedades Brasileiras de Psicanálise de São Paulo e Rio de Janeiro. Foi homenageado postumamente com a fundação do Museu Osório César no Hospital do Juquery, em 1985.



Em foto de 1925, a artista Tarsila do Amaral, destaque da Semana de Arte Moderna do Brasil; e um registro funcional do médico e jornalista Osório César, datado de 1937

Produção artística dos pacientes do Juquery em um cenário tétrico

O pioneirismo de Osório na mudança dos tratamentos de pacientes psiquiátricos no Brasil foi estudado pela pesquisadora Giovanna Gomes. Já o *Site* Aventuras na História registra entrevista do jornalista Daniel Navarro Sonim e de José da Conceição, ex-funcionário do Juquery, que escreveram o livro ‘Cinzas do Juquery: os horrores no maior hospital psiquiátrico do Brasil’. Na obra, eles explicaram quem eram e como foram tratadas as pessoas que viviam na unidade.

Segundo eles, todos aqueles que fossem considerados fora dos padrões impostos pela sociedade eram internados. Além de pessoas com transtornos

mentais, havia no local imigrantes, ex-escravos, presos políticos, homossexuais e mães solteiras. Os autores explicam que os internos diariamente sofriam maus-tratos, privações e não havia nem mesmo diagnósticos confiáveis que justificassem a permanência de muitos dos pacientes.

Conforme informou Daniel Sonim, o doutor Osório foi um dos pioneiros na mudança de tratamento dos internos e estimulava a produção artística daquelas pessoas. “Como mencionado no livro, ele foi casado com a Tarsila do Amaral e os dois tinham esse ponto em comum, principalmente a pintura e o fato de acreditarem nas ar-

tes”, disse o jornalista. Ele ainda afirmou que o médico paraibano “promoveu algumas exposições dos desenhos e das pinturas desses pacientes que passaram pelo Juquery durante os 40 anos em que ele trabalhou lá”.

“Ao invés de deixar os pacientes medicados o tempo inteiro, recebendo tratamentos que, na verdade, promoviam dor e sofrimento, como eletrochoque, os psicotrópicos ou o descaso e o abandono, Osório César tentava extrair algo de positivo no trabalho dos pacientes,” pontuou o jornalista.

Ainda muito jovem, Osório tocava violino e tinha talento para a música. Com 17 anos

matriculou-se na Faculdade de Odontologia e formou-se quatro anos depois. Não chegou a exercer a profissão e sustentava-se lecionando aulas de violino. Iniciou o curso de Medicina em 1918, mas teve que se transferir para a Faculdade de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, em 1920. Concluiu o curso com 30 anos de idade, em 1925. Nesse mesmo ano começou a trabalhar no Hospital do Juquery, onde permaneceu por quatro décadas.

A circulação de sua produção intelectual principia em 1919, quando levou a público um opúsculo intitulado ‘Doctrinas Biológicas’. Osório César criou o grupo Cultura Musical

e promovia reuniões de artistas onde se ouvia música, desenhava-se e transformavam-se os desenhos em pintura. Um dos participantes desse grupo foi o pintor Aldo Bonadei.

Quando, em 1929, publicou sua principal obra ‘Expressão Artística dos Alienados – Estudos dos Símbolos na Arte’, remeteu um exemplar a Freud que confirmou o recebimento através de carta, em que comentava sua satisfação pelo interesse do estudo da psicanálise no Brasil, documento infelizmente perdido no incêndio dos arquivos do Hospital do Juquery. Assim, tornou-se amigo dos renomados psiquiatras Sigmund Freud e Carl Gustav Jung.

Angélica Lúcio

Apontamentos sobre Inteligência Artificial generativa no jornalismo

O uso de Inteligência Artificial (IA) generativa ainda é algo recente, dado que tal ferramenta foi lançada há pouco mais de um ano, e sua incorporação ao dia a dia das redações tem se dado de forma paulatina. Pelo que tenho lido sobre o tema, percebo que, para fazer tarefas mecanicistas, como um resumo de notícias da semana ou a retrospectiva de fim de ano, o uso de IA pode ser muito útil.

Em algumas redações, a IA também vem sendo adotada em outros procedimentos, como criação de newsletter exclusivas, para interação maior com os internautas e mesmo na produção de conteúdo mais ameno, como uma dica de receita de bolo. Ferramentas de Inteligência Artificial, como o ChatGPT, também podem ser usados para que um conteúdo seja corrigido de forma mais rápida; ou na produção do que chamo de matéria-formulário, em que o texto é básico e traz apenas dados de fontes oficiais ou de órgãos públicos; nesse caso específico, posteriormente, o veículo pode pautar um jornalista para incrementar a matéria com o componente humano (personagens etc.).

Dentre as desvantagens que identifico



Direitos autorais preocupam os críticos à IA

no uso de IA generativa estão: desafios éticos; padronização do conteúdo, com textos sem personalidade; imagens sem “aura”, que logo de cara você identifica que foram feitas por Inteligência Artificial mesmo; e uso indiscriminado de conteúdo produzido por veículos de comunicação, mas sem os devidos créditos e sem pagamento ao autor original por isso.

A meu ver, uma das principais preocupações é a questão dos direitos autorais, dado o uso indiscriminado de conhecimento produzido por outros sem que se dê crédito às fontes originais. Sobre IA, o pensador Noam Chomsky já afirmou algo que dialoga com tal tema. Para Chomsky,

“esse é o maior roubo de propriedade intelectual já registrado desde que os colonizadores europeus chegaram às terras dos nativos americanos”.

Já Marcelo Rech, presidente da Associação Nacional de Jornais, acredita que o avanço dessas ferramentas representa uma “pirataria no grau mais alto”; evidenciando “desrespeito aos direitos autorais de quem produz conteúdo”. Em relação a isso, alguns jornais brasileiros, como Valor Econômico, O Globo e Extra, começaram a mudar seus termos de uso, desautorizando a utilização não pactuada de seus conteúdos pela IA.

Outra questão que acende um alerta importantíssimo é o tipo de conteúdo que grassa na internet, muitas vezes povoada de mentiras. Ora, se uma ferramenta de Inteligência Artificial se baseia nos dados e informações que estão disponíveis, se tal mecanismo é o resultado do aprendizado de máquina, nada impede que a curadoria feita por automação lance luz, muitas vezes, a inverdades.

Um sistema desse tipo pode aprender tanto que a terra é plana quanto que é redonda, o que pode ser muito prejudicial. Remontando à obra ‘1984’, de George Orwell, uma ferramenta de IA, como o

ChatGPT, da OpenAI, ou o Bard, do Google, pode aprender que 2 + 2 é igual a 4, mas também que o resultado de tal soma é 5. Quem vai fazer a checagem desses dados? Aliás, várias redações mundo afora já definiram em suas diretrizes sobre uso de IA a exigência de verificação dos resultados apresentados pelas plataformas antes da publicação. E isso será feito por um humano.

Sobre possíveis demissões nas redações devido ao uso de Inteligência Artificial, acredito que a tendência é que tal uso não gere tanto impacto nas pessoas mais jovens, porque já nasceram em um mundo digital. Aos jornalistas mais antigos, o desafio é se adaptar ao cenário disruptivo. Com a crescente adoção da automação no jornalismo, imagino que não haverá redução no número de vagas, mas a busca por profissionais com habilidades mais afetas ao incremento de IA no dia a dia. Em todo o mundo, aliás, organizações de notícias têm rejeitado a ideia de substituir jornalistas por máquinas e destacam a importância do papel de tomada de decisão dos humanos ao usar ferramentas de IA. Enfim, como a adoção de tal tecnologia nas redações ainda é algo novo, só nos resta esperar os próximos capítulos.

angelicallucio@gmail.com

Tocando em Frente

O lado “b” da Jovem Guarda – Parte V

Embora, também musicalmente, os tempos fossem outros, o domínio masculino era incontestável, porém a presença feminina sempre abrilhantou os momentos da Jovem Guarda. Assim, ao lado da presença de Wanderléa e Martinha, por exemplo, que comandavam o trem de frente do movimento, junto a Roberto, Erasmo, Wanderley Cardoso e Eduardo Araújo, não há como subestimar que havia outros destaques femininos, embora ocupassem menos espaço no movimento. Isso nos leva a classificar algumas delas no que convencionalmente chamamos de “lado b” da Jovem Guarda. Dentre elas, incluiremos apenas aquelas que chegaram ao ápice das programações radiofônicas e/ou televisivas, embora haja muitas outras que permanecem na memória musical dos que viveram a época.

Elizabeth (Sanchez) paulista, nasceu em 1948. Cantora e exímia compositora, iniciou a carreira cantando sambas de balanço, o que a aproximou do emergente movimento da bossa-nova, mas foi um retumbante sucesso romântico, com toque do chacundum, que a fez alcançar livre acesso junto aos jovens-guardistas, projetando -a nacionalmente: ‘Sou louca por você’ (“Eu sou completamente apaixonada por você/que coisa mais bonita não poderia acontecer.../Sou louca, sou louca, sou louca por você...”), com mais de duas centenas de composições, foi gravada por intérpretes como Dóris Monteiro, Erasmo Carlos, Agnaldo Timóteo, Jerry Adriani, entre muitos outros.

Ao final do movimento da Jovem Guarda (1967/1968), ela vendera mais de 150 mil cópias desse sucesso, chegando também a vender cerca de 300 mil



Enquanto os chamados “líderes” da Jovem Guarda comandavam as paradas de sucesso, outros artistas navegavam na onda



Foto: Reprodução

cópias em países como Argentina, México e Portugal. A título de curiosidade: sua mãe é que administrava a carreira dela, desde o início, tanto que, no começo, chegou a vender um aparelho doméstico de tevê para

“bancar” o vestido com que a filha se apresentaria num dos primeiros programas de calouros de que ela participou.

Mas tudo valeu a pena!... Sem dúvida Elizabeth aproveitou o espaço que lhe foi ofere-

cido pela Jovem Guarda. Seus três álbuns (LPs) mais aplaudidos e vendidos foram ‘Eu Elizabeth’, ‘Elizabeth’ (ambos de 1969) e ‘Nono Andar’ (de 1975). Está afastada da vida artística e da mídia.

MELHOR ENVELHECIMENTO

Cientistas descobrem mais um benefício de ter um cão

Tutores de animais de estimação estão associados a um declínio cognitivo mais lento

Da Redação

Um estudo recente, publicado na revista Scientific Reports, revela que os tutores (donos) de gatos e cães, especialmente os adultos mais velhos, tendem a ter um declínio cognitivo mais lento em comparação com quem não tem animais de estimação.

Os pets podem proporcionar apoio social e reduzir indicadores de estresse, o que pode impactar positivamente as funções cognitivas. Os autores da pesquisa procuraram saber se os donos de animais têm um declínio mais lento, a diferença entre ter gatos ou cães e o impacto de passear com cães na saúde do cérebro.

A pesquisa, registrada no Site Zap, teve como objetivo explorar a relação entre a posse de animais de estimação e as mudanças na função cognitiva em adultos mais velhos que vivem na comunidade, num período de entre um e treze anos. A investigação usou dados do Estudo Longitudinal de Baltimore sobre o envelhecimento, o estudo científico mais longo sobre o envelhecimento humano nos Estados Unidos.

Os pesquisadores analisaram dados de participantes com 50 anos ou mais, que completaram a sua primeira avaliação de interação com animais de estimação e tiveram pelo menos duas avaliações



Foto: Louis-Philippe Poitras

Donos de gatos mostraram menos deterioração na memória e na função de linguagem

cognitivas num período de dez anos antes de março de 2020. As funções cognitivas foram avaliadas usando vários testes, e detalhes sobre a posse de animais de estimação, incluindo o tipo de animal e a duração da posse, foram considerados. Especificamente, os proprietários de cães foram questionados sobre os seus hábitos de passear com os cães, revela o Psy Post.

O estudo incluiu 637 participantes, com idades entre 51 e 101 anos, com uma média de 75 anos. Os resultados indicaram que todos os participantes experimentaram declínio cognitivo com a idade, mas os proprietários de animais de estimação mostraram um declínio mais lento em comparação com os não proprietários. Além disso, os proprietários que passeiam com os cães também experimentaram um declínio cognitivo mais lento.

A memória, função executiva, função de linguagem, velocidade psicomotora e velocidade de processamento também se deterioraram menos entre os proprietários de animais de estimação ao longo de dez anos em comparação com os não proprietários. Especificamente, os donos de gatos mostraram menos deterioração na memória e na função de linguagem, e passear com cães foi as-

sociado a uma desaceleração mais lenta na função cognitiva.

Embora o estudo contribua significativamente para a compreensão dos fatores relacionados com o declínio cognitivo, ele tem limitações. A pesquisa não permite conclusões de causa e efeito e a população da amostra tinha um estatuto socioeconômico mais elevado do que a população em geral.

Imagem: Pixabay

?

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: caminhai (2) = andai + mim (1) = me. Solução: estrado provisório (3) = andaime. Charada de hoje: a nota musical (1) é que pode puxar (2) ao encolhimento (3) da voz.

Tiras

Antônio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!



Tradição cristã e presentes

Faltam quinze dias para o Dia de Natal. Na tradição cristã, a data marcaria o nascimento de Jesus Cristo. Porém, a celebração é famosa por seus enfeites coloridos, suas comidas irrecusáveis e, é claro, a prometida comunhão entre as famílias e amigos. Todavia, além das bolas cheias de brilho, guirlandas, pisca-piscas e trocas de presentes, o Natal tem lá seus segredos.

Papai Noel e a Coca-Cola

Ao pensar no bom velhinho, imagina-se um senhor de idade gorducho, de barba longa e vestimenta vermelha... No entanto, ele nem sempre foi assim. A imagem que se tem do Papai Noel é resultado da publicidade da Coca-Cola. O personagem principal do Natal na antiguidade era magro e, em alguns casos, lembrava um duende. Suas roupas eram escuras e flertavam entre o verde e o marrom.

Celebrar a natureza e a prosperidade

Ainda que o Natal seja uma festa tradicionalmente de origem católica, muitos dos seus elementos remetem a outras religiões da antiguidade, como é o caso da árvore de Natal. O ato de ornar o pinheiro era bastante comum nos países nórdicos para celebrar a natureza e a prosperidade. Acredita-se que, após a conversão dos nórdicos para o cristianismo, o hábito tenha continuado.

Pai Natal e biscoito de leite

Apesar do Brasil ter sido colonizado pelos portugueses, o nome Papai Noel que se adota no país vem da língua francesa: Père Noel. No país do pastel de nata, o bom velhinho é conhecido como Pai Natal. Em algumas animações, séries e filmes é normal aparecer as crianças deixando biscoitos e copos de leite para o Papai Noel. A prática é resultado da variação da lenda, tendo em vista que em alguns lugares, além de entregar os presentes, Noel gosta de petiscar.

Endereços diferentes e as bolinhas

Seguindo na linha de variação cultural, não é apenas o nome e os hábitos do bom velhinho que mudam de lugar para lugar. Enquanto nos Estados Unidos se acredita que ele more no Polo Norte, na Europa as crianças são ensinadas que o Papai Noel reside na Finlândia, especificamente na Lapônia. Já as bolas são um dos principais enfeites da árvore de Natal, podendo até mesmo serem personalizadas. Porém, na antiguidade, o item fugia do convencional, sendo utilizadas maçãs e até pedras para decoração.

9 erros

Antônio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – língua do lobo; 2 – chapéu; 3 – remendo da calça; 4 – óculos; 5 – dentes do lobo; 6 – árvore; 7 – tijolo; 8 – flor; e 9 – telha